



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- PPGEA/FURG



MANIFESTAÇÕES DOS JOVENS NAS AÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO



MARCIA SOARES DA SILVA

RIO GRANDE – RS

2023

Marcia Soares da Silva

MANIFESTAÇÕES DOS JOVENS NAS AÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO



Tese apresentada à banca examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA na Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Narjara Mendes Garcia

Ficha Catalográfica

S586m Silva, Marcia Soares da.
Manifestações dos jovens nas ações em Educação Ambiental: da participação ao protagonismo / Marcia Soares da Silva. – 2023.
152 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2023.

Orientadora: Dra. Narjara Mendes Garcia.

1. Educação Ambiental 2. Crianças 3. Jovens 4. Participação
5. Protagonismo I. Garcia, Narjara Mendes II. Título.

CDU 504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
COORD CUR DE PG EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



MEMORANDO Nº 203, DE 18 DE AGOSTO DE 2023

Marcia Soares da Silva

“Manifestações das crianças e jovens nas ações em educação ambiental: da participação ao protagonismo”

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Documento assinado digitalmente
gov.br NARJARA MENDES GARCIA
Data: 15/09/2023 12:12:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Narjara Mendes Garcia
(PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANA NETTO DOLCI
Data: 20/09/2023 18:59:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Luciana Netto Dolci
(PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANGELA ADRIANE SCHMIDT BERSCH
Data: 21/09/2023 08:57:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ângela Adriane Schmidt Bersch

(PPGEDU/FURG)

Documento assinado digitalmente
 VALDO HERMES DE LIMA BARCELOS
Data: 25/09/2023 18:51:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos

(PPGE/UFSM)

Documento assinado digitalmente
 GILBERTO FERREIRA DA SILVA
Data: 28/12/2023 17:13:56-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva

(PPGEDU/UNILASALLE)

Documento assinado digitalmente
 ELIANE LIMA PISKE
Data: 22/12/2023 17:14:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr.^a Eliane Lima Piske

Referência: Caso responda este documento Memorando, indicar o Processo nº 23116.014937/2023-65

SEI nº 0102211

"Se as crianças e jovens de uma nação são concedidos oportunidade para desenvolver suas capacidades ao máximo, se eles recebem o conhecimento para entender o mundo e a sabedoria para mudá-la, então as perspectivas para o futuro são brilhantes. Em contraste, uma sociedade que negligencia seus filhos, no entanto, pode funcionar em outros aspectos, riscos eventual desorganização e morte."

Urie Bronfenbrenner

Dedico às crianças e jovens desse Brasil...

Dedico à força da juventude!



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao Plano Astral e Mentores, por me dar forças e motivação em muitos momentos difíceis para que eu pudesse concluir este trabalho;

A Mãe Maria e Pai Henevalte, presentes desde o início de tudo e maiores incentivadores da minha carreira, meu porto seguro;

A meu companheiro, Thiago, por acreditar mais em mim do que eu mesma, pelo incentivo, compreensão, paciência e amor;

Ao meu filho pet, Jorge, por ser companhia constante e refúgio nos momentos mais estressantes e cansativos;

Aos meus queridos sogros, Rosimar e Marta e minha cunhada Gabrielle, pelo carinho;

A minha Super Orientadora, Narjara, uma inspiração! Agradeço pela compreensão, paciência e por acreditar em mim;

A escola na qual sou professora, em especial a Diretora Josi, as Vices Marta, Vivi e Fabiane pela ajuda nos momentos difíceis;

As colegas de escola e funcionários, sempre uma palavra amiga;

As criança e jovens, sem eles nada teria se realizado, vivem em meu coração.

A querida Eliane por sempre me incentivar e estar ao meu lado desde o início dessa caminhada. Sem poder esquecer a diversão e correria das viagens... Obrigada pela amizade!

Aos queridos(as) professores(as) da banca, Ângela, Eliane, Gilberto, Luciana e Valdo, pelo olhar cuidadoso e terem contribuído tanto para a construção dessa Tese;

Ao Grupo Ecoinfâncias/FURG pela troca de conhecimentos, carinho e compreensão;

Sou grata ao PPGEA e aos colegas pelos conhecimentos compartilhados;

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte da caminhada e que acreditaram que seria possível realizar este trabalho, minha eterna gratidão!

... HOJE REALIZO UM SONHO!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Figuras</u>	<i>Página</i>
Figura 1 Caras pintadas	16
Figura 2 Jovens em movimento climático	24
Figura 3 Greve pelo clima	27
Figura 4. A criança tem um corpo e uma história	33
Figura 5 Jovens na COP26	40
Figura 6 Manifestação contra o genocídio da juventude negra	58
Figura 7 Livro Know Your Rights and Claim Them	66
Figura 8 Ativista Francisco Vera.....	69
Figura 9 Organograma.....	90
Figura 10 Diagrama de Bronfenbrenner.....	92
Figura 11 Jovens na COP27.....	103
Figura 12 1º Conferência Municipal Infantojuvenil da Educação Ambiental	107

LISTA DAS TABELAS

<u>Tabelas</u>	<i>Página</i>
Tabela 1 Relação dos entrevistados com a participação e o protagonismo em Movimentos Sociais	85
Tabela 2 Ações ambientais dos entrevistados.....	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMAN - Aliança dos Povos Indígenas do Arquipélago da Indonésia
AMPB - Alianza Mesoamericana de Pueblos y Bosques
BA - Bahia
CASA - Centro de Apoio Social e Ambiental
COICA - Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica
APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
CAIC - Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CAPES – Comissão de aperfeiçoamento de pessoal do nível superior
CNIJMA - Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente
CNN - Cable News Network
COP - Conference of the Parties
CO2 – Dióxido de carbono
EA – Educação Ambiental
ECA – Estatuto da criança e do adolescente
EDS - Educação para o Desenvolvimento Sustentável
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
G1 - portal de notícias da Globo
IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística
MG – Minas Gerais
MST – Movimento dos trabalhadores rurais sem terra
ONG – Organização não governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PE - Pernambuco
PIEA - Programa Internacional de Educação Ambiental
PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPCT - Pessoa-Processo-Contexto-Tempo
PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
RS – Rio Grande do Sul
SMED – Secretaria de município da educação
SP – São Paulo
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UJS – União da juventude socialista
UNESCO - A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF - Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS NA CONSTRUÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	24
2.1. Educação Ambiental: É Política e necessária!.....	26
2.2. Juventude e seu envolvimento com a Educação Ambiental.....	36
3. DEMOCRACIA NA INFÂNCIA E JUVENTUDE.....	40
3.1. Olhar de autores brasileiros sobre direito na infância e a experiência italiana	43
3.2. As dimensões sobre outras pesquisas com crianças e jovens no campo da Educação Ambiental	51
4. O JOVEM COMO SUJEITO SOCIAL AO LONGO DO TEMPO: DIVERSIDADE DE JOVENS E JUVENTUDES	58
4.1. As participações e o protagonismo das crianças e jovens no mundo	61
4.2. Breve pesquisa sobre jovens ativistas.....	70
5. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	78
5.1. A escolha e o convite para os jovens participantes.....	83
5.2. Quem são os jovens participantes da pesquisa?	83
5.3. Aspectos éticos da pesquisa.....	88
6. CAMINHOS DE MICRO AO MACRO: PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM MANIFESTAÇÕES AMBIENTAIS.....	91
6.1. Mapa Bioecológico da Criança e do Jovem na sociedade.....	91
6.2. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano explicando o protagonismo dos jovens.....	95
7. A RELAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES E A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS EM PROJETOS E EVENTOS MICROSSISTÊMICOS E MACROSSISTÊMICOS COM AS INFÂNCIAS.....	103
7.1. As infâncias no ativismo e pertencentes a movimentos sociais: Compreendendo as vivências dos entrevistados.....	111
8. SONHOS, UTOPIAS: O SONHAR COM UM MUNDO MELHOR E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO AO LUGAR	118
8.1. Pertencimento, cuidado e a mobilização das juventudes frente as ações socioambientais	120
8.2. Relação entre sonhos e utopias.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	128
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE	141
APÊNDICE A	141
APÊNDICE B.....	144
APÊNDICE C.....	147
APÊNDICE D	150

RESUMO

A presente pesquisa se constituiu a partir pesquisa com jovens e juventudes do Brasil. A juventude é a protagonista do estudo e isso significa que o respeito e a admiração pelas distintas representações juvenis me inspiraram a destacar os jovens de movimentos sociais, militantes, ativistas, entre outros que estejam inseridos em ações ambientais. A participação e/ou o protagonismo dos jovens deve estar dentro de um espaço democrático e uma busca por igualdade e justiça social, tornando-se um dos pilares da sociedade. A Tese está organizada em capítulos e a questão central de cada um é analisar a participação e as diversas manifestações de jovens, a nível mundial, mas dando ênfase aos jovens brasileiros sobre suas mobilizações sociais e ações em Educação Ambiental. O estudo fez a aproximação de bases teóricas que falam a respeito de infâncias e juventudes, com a Bioecologia do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner que ajuda a explicar o caminho da participação até o protagonismo. O entrelace dessas teorias ajudou nas análises das respostas da conversa com os entrevistados. Algumas questões fizeram parte da busca: Como as crianças e jovens são vistos dentro do sistema democrático? Será que sua efetiva participação não é valorizada? E se não, por quê? Primeiramente, foi preciso entender a diferença entre participação e protagonismo, compreendendo as diferenças entre essas categorias, além de apreender que o protagonismo é o ápice de uma participação que acontece quando essa questão é bem trabalhada desde cedo. Assim, esse estudo tem como base teórica e metodológica a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). A coleta de dados está organizada em entrevistas com os jovens. Com a análise dos dados, organizei as falas, onde as dividi inicialmente, em categorias, a partir de temáticas que emergiram das próprias falas analisadas. As categorias, além de colaborarem para a interpretação dos dados, auxiliaram no sentido dos resultados, extraíndo das experiências e vivências dos jovens, e situações mais significativas dentro de um contexto. Com a experiência de conversar com os entrevistados, posso concluir que a convivência dos entrevistados desde muito cedo, o que Bronfenbrenner chama de modelo processo-pessoa-contexto-tempo (2011), e a relação estabelecida com sua família, vizinhos, pessoas da comunidade de convívio, pessoas envolvidas com movimentos sociais, instituições governamentais, acabaram influenciando-nos para se tornarem protagonistas em suas áreas. Pude perceber, que a resiliência esteve presente na vida dos entrevistados e foi um dos fatores que os constituíram como militantes e protagonistas de suas histórias. Portanto, existem pilares, para a construção do protagonismo, são eles: Primeiro: objetivo de construir um mundo melhor; Segundo: pensamento de união, ou seja, pensa primeiramente em sua comunidade; Terceiro: o respeito as gerações mais velhas, a cultura dos seus antepassados, como uma lição e um certo direcionamento do caminho correto; Quarto: conhecimento e consciência de classe e por último: sentimento de pertencimento ao lugar.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Crianças. Jovens. Participação. Protagonismo.

ABSTRACT

This research was based on research with young people in Brazil. Youth is the protagonist of the study and this means that the respect and admiration for different youth representations inspired me to highlight young people from social movements, militants, activists, among others who are involved in environmental actions. The participation and/or protagonism of young people must be within a democratic space and a search for equality and social justice, becoming one of the pillars of society. The Thesis is organized into chapters and the central question of each one is to analyze the participation and various manifestations of young people, worldwide, but with emphasis on young Brazilians on their social mobilizations and actions in Environmental Education. The study brought together theoretical bases that talk about childhood and youth, with the Bioecology of Human Development, by Urie Bronfenbrenner, which helps to explain the path from participation to protagonism. The intertwining of these theories helped in analyzing the responses from the conversation with the interviewees. Some questions were part of the search: How are children and young people seen within the democratic system? Is your effective participation not valued? And if not, why? Firstly, it was necessary to understand the difference between participation and protagonism, understanding the differences between these categories, in addition to understanding that protagonism is the culmination of participation that happens when this issue is well addressed from an early age. Thus, this study has the Bioecology of Human Development as its theoretical and methodological basis (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Data collection is organized in interviews with young people. With the data analysis, I organized the statements, where I initially divided them into categories, based on themes that emerged from the analyzed statements. The categories, in addition to contributing to the interpretation of the data, helped to understand the results, extracting the experiences of young people, and more significant situations within a context. With the experience of talking to the interviewees, I can conclude that the interviewees' coexistence from a very early age, what Bronfenbrenner calls the process-person-context-time model (2011), and the relationship established with their family, neighbors, people in the community of coexistence, people involved in social movements, government institutions, ended up influencing us to become protagonists in their areas. I could see that resilience was present in the lives of the interviewees and was one of the factors that constituted them as activists and protagonists of their stories. Therefore, there are pillars for building protagonism, they are: First: objective of building a better world; Second: thinking of unity, that is, thinking first about your community; Third: respect for older generations, the culture of their ancestors, as a lesson and a certain direction on the correct path; Fourth: knowledge and class consciousness and finally: feeling of belonging to the place.

Keywords: Environmental Education. Children. Young people. Participation. Protagonism.

RESUMEN

Esta investigación se basó en una investigación con jóvenes en Brasil. La juventud es la protagonista del estudio y esto significa que el respeto y la admiración por las diferentes representaciones juveniles me inspiraron a resaltar a jóvenes de movimientos sociales, militantes, activistas, entre otros que se involucran en acciones ambientales. La participación y/o protagonismo de los jóvenes debe ser dentro de un espacio democrático y de búsqueda de igualdad y justicia social, convirtiéndose en uno de los pilares de la sociedad. La Tesis está organizada en capítulos y la cuestión central de cada uno es analizar la participación y diversas manifestaciones de los jóvenes, en todo el mundo, pero con énfasis en los jóvenes brasileños en sus movilizaciones sociales y acciones en Educación Ambiental. El estudio reunió bases teóricas que hablan de la infancia y la juventud, con la Bioecología del Desarrollo Humano, de Urie Bronfenbrenner, que ayuda a explicar el camino de la participación al protagonismo. El entrelazamiento de estas teorías ayudó a analizar las respuestas de la conversación con los entrevistados. Algunas preguntas fueron parte de la búsqueda: ¿Cómo son vistos los niños y jóvenes dentro del sistema democrático? ¿No se valora su participación efectiva? Y si no, ¿por qué? En primer lugar, era necesario entender la diferencia entre participación y protagonismo, entendiendo las diferencias entre estas categorías, además de entender que el protagonismo es la culminación de la participación que sucede cuando se aborda bien este tema desde edades tempranas. Así, este estudio tiene como base teórica y metodológica la Bioecología del Desarrollo Humano (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). La recogida de datos se organiza en entrevistas a jóvenes. Con el análisis de los datos, organicé los enunciados, donde inicialmente los dividí en categorías, en base a temas que surgieron de los enunciados analizados. Las categorías, además de contribuir a la interpretación de los datos, ayudaron a comprender los resultados, extrayendo las experiencias de los jóvenes y situaciones más significativas dentro de un contexto. Con la experiencia de hablar con los entrevistados puedo concluir que la convivencia de los entrevistados desde edades muy tempranas, lo que Bronfenbrenner llama modelo proceso-persona-contexto-tiempo (2011), y la relación que establecen con sus familiares, vecinos, personas en la comunidad de convivencia, personas involucradas en movimientos sociales, instituciones gubernamentales, terminaron influyendo para que seamos protagonistas en sus espacios. Pude ver que la resiliencia estaba presente en la vida de los entrevistados y fue uno de los factores que los constituyó como activistas y protagonistas de sus historias. Por lo tanto, existen pilares para construir protagonismo, son: Primero: objetivo de construir un mundo mejor; Segundo: pensar en la unidad, es decir, pensar primero en tu comunidad; Tercero: el respeto a las generaciones mayores, a la cultura de sus antepasados, como lección y orientación determinada en el camino correcto; Cuarto: conocimiento y conciencia de clase y finalmente: sentimiento de pertenencia al lugar.

Palabras clave: Educación Ambiental. Niños. Gente joven. Participación. Protagonismo.

1. INTRODUÇÃO



Fonte: Educa + Brasil¹

“[...] Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje [...]. Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos.”

Paulo Freire

A presente Tese apresenta conceitos teóricos sobre como a juventude é percebida atualmente pela sociedade, além de apresentar uma pesquisa inédita realizada com jovens integrante de movimentos sociais, jovens políticos, jovens ativistas e jovens indígenas. A partir de suas vozes, fica claro seu entendimento e ação sobre o mundo. No campo da sociologia e antropologia da infância e juventude, os pesquisadores defendem a efetiva participação desses sujeitos e a perspectiva da produção cultural e atuação ativa desses como cidadãos em sociedade (CORSARO, 2012; DELGADO; MULLER, 2006; PACHÓN, 2009; ABRAMO, 1997; CASSAB (2011); BARCELOS, MADERS 2016; SARMENTO, 2003, BRONFENBRENNER 2011; LAYARGUES, 2006; SANTOS, SATO, 2006; REIGOTA, 2009).

¹ <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/caras-pintadas>

O estudo expressa o desejo e, ao mesmo tempo, o desafio de mostrar o jovem sob uma nova ótica: a de participantes e/ou protagonista em movimentos sociais, manifestações midiáticas e em redes sociais, eventos, conferência ambientais e, em determinados casos, em ações que promovem a resolução das problemáticas socioambientais. É um olhar sobre a mobilização no enfrentamento da crise ambiental por parte dos jovens enquanto participantes de projetos e conferências nacionais e internacionais. Ao participarem dessas manifestações e mobilizações sociais, os jovens estão buscando a autonomia e o direito de participar do meio social, além de contribuírem para a justiça ambiental e também as ações de Educação Ambiental, juntamente com demais sujeitos de sua comunidade.

Acredito que a Educação Ambiental deve ser construída por todos que vivenciam as problemáticas no cotidiano. Certamente, os jovens são parte de todo processo, pois estão diariamente convivendo com várias notícias ou conversas, experiências próprias, referentes a questões ambientais microssistêmicas e macrossistêmicas, sendo atores ativos que refletem, produzem discursos e ações mobilizadas por integrar e vivenciar a crise ambiental global e os conflitos locais. Por esta razão, pretendo partir do pressuposto de que neste momento, não só a fala deve ser valorizada, mas, sobretudo, é preciso evidenciar que o jovem agora e quando passou pela infância apresenta esperanças sobre o mundo mais digno e justo para todas vidas.

Desenvolver práticas mais democráticas junto das crianças pequenas permitirá que desde cedo elas criem um sentimento de pertença social, percebendo que sua opinião e argumentos são considerados e importantes para as decisões coletivas. [...]. (AGOSTINHO; BODENMÜLLER; DEMÉTRIO, 2015, p. 231).

Neste sentido, é necessário compreender a infância e a juventude como construção histórica, como categorias sociais e de produção cultural, (DELGADO; MULLER, 2006; SARMENTO, 2003) que não deve ser percebido como fase ou descrito a partir da ideia de imaturidade biológica. Há inúmeros trabalhos e pesquisas referentes às infâncias e juventudes, em que a predominância é o olhar do adulto sobre todos os aspectos que envolvem a vida da criança e jovem, e sabemos que não há uma neutralidade sobre os acontecimentos, isso significa que o ponto de vista nos dados, é a interpretação do adulto e não a resposta dos participantes da pesquisa. Realizar atualmente uma pesquisa o jovem como participante e que conseguem chegar ao protagonismo de sua cultura é um ato revolucionário, já que geralmente o que encontramos são adultos falando e decidindo por eles.

Entendo essa pesquisa como relevante para o campo da Educação Ambiental ao ser realizada “com” jovens e não “sobre” eles, valorizando e transformando o processo educativo ambiental a partir do olhar e discurso desses sujeitos que, muitas vezes, não são percebidos como cidadãos e porta-vozes de si próprios, a fim de promover uma “socialização democrática.” (SARMENTO, 2005).

O estudo destaca, a importância de perceber os jovens como sujeitos que estão buscando a participação ativa em distintos cenários e espaços de Educação Ambiental, como sujeitos que tem um olhar próprio frente as questões ambientais.

Na legislação brasileira, jovens até os 18 anos são dependentes dos adultos e não apresentam representatividade social e política, ou seja, não podem falar por si mesmas. No entanto, podemos perceber que os jovens estabelecem relação com o mundo e têm suas próprias perspectivas, desejos, vontades, são capazes sim de participar e produzir cultura.

A importância da participação democrática de todos os sujeitos que vivenciam problemáticas ambientais em cada comunidade, mas que também são abrangidos pelas mudanças macrossistêmicas, sejam elas da cidade, estado e o país é latente. Se torna cada vez mais necessárias exaltar a voz de quem raramente participa das decisões micro ou macrossistêmicas. Quando falamos e procuramos a promoção da igualdade das vozes e das pessoas diante de tudo que ocorre no planeta, problemas ambientais que atingem a todos e em todos os lugares, como: conflitos religiosos, desigualdade social, fome, mudanças climáticas, poluição do ar, poluição da água, guerra, entre outros gravíssimos, precisamos estar dispostos a ir ao encontro destes sujeitos, escutar a opinião deles a respeito das situações que afetam sua qualidade de vida. Foi preciso olhar a participação e escutar os jovens sobre conflitos e ações ambientais, compreendendo as suas manifestações culturais, em movimentos sociais e em projetos de mobilização em Educação Ambiental que acabarão afetando suas próprias vidas. A participação dos jovens na vida pública é fundamental e necessária para que eles se reconheçam e sejam reconhecidos como uma categoria social, que conquistou seus direitos diante da sociedade (PACHÓN, 2009).

O objetivo dessa pesquisa foi analisar a participação e as diversas manifestações de jovens, a nível mundial, mas dando ênfase aos jovens brasileiros sobre as mobilizações sociais e ações em Educação Ambiental. Para o foco de investigação, foram identificados os sujeitos (jovens) que se constituem como participantes em movimentos, projetos ou eventos que mobilizam a defesa do ambiente e a justiça socioambiental. De acordo com o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13) são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Segundo o Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística - IBGE² - os jovens entre 15 e 29 anos correspondem a 23% da população brasileira, mais de 47 milhões de pessoas. A partir dessa identificação, demonstrei como a participação e a voz deles tem sido importante contribuição em ações ambientais, manifestações culturais e em prol das escolhas e decisões que interferem sua própria vida.

Compreendo que essa investigação contribui para que as famílias e os/as professores/as entendam a relevância de conversar com crianças e jovens, mobilizando as práticas educativas ambientais, e que possam perceber que todas as crianças e jovens podem participar ativamente dos projetos e agir diante as injustiças sociais. Esse estudo precisa atingir o adulto, mudando seu pensamento, para que perceba que crianças e jovens tem capacidade de lutar por um ideal, pois é necessário entendermos coletivamente que não pertence a ninguém o direito de silenciar ou impedir a participação de todos componentes da sociedade dos processos de Educação Ambiental na nossa sociedade.

O que os jovens pensam sobre o ambiente onde vivem e como podem contribuir através das suas manifestações culturais com o processo de Educação Ambiental? Quais são os modos de participação e as manifestações dos jovens durante a juventude e durante a infância em movimentos sociais, projetos ou eventos em defesa do ambiente? Certamente, eles não estão passivos diante dos problemas ambientais. [...] Ao conhecer as peculiaridades das infâncias ao longo dos séculos, percebemos o quanto é importante ouvir, dialogar, interagir, parar, perceber e, sobretudo, desenvolver uma pesquisa com as crianças no meio em que estão jamais dissociadas do próprio contexto. (PISKE; YUNES; GARCIA, 2019, p. 31).

Desta forma, destaco as seguintes hipóteses de estudo:

Hipótese 1. Dependendo do lugar se alteram as formas de manifestação cultural e participação de jovens. Podemos aqui levar em consideração o micro, mese, exo, macro e cronossistemas de cada um.

Hipótese 2. Jovens são escutadas em determinados momentos e em outros não. Eles são silenciadas muitas vezes (valorização do que o jovem tem a dizer).

Hipótese 3. Participação de crianças e jovens desde cedo em ações em Educação Ambiental pode mobilizar o protagonismo na vida adulta na luta por um mundo menos violento, mais ecologicamente saudável e justo.

² <https://tvbrasil.abc.com.br/brasil-em-pauta/2021/08/jovens-entre-15-e-29-anos-correspondem-23-da-populacao-brasileira#:~:text=Brasil%20em%20Pauta,-No%20AR%20em&text=Segundo%20o%20Instituto%20Brasileiro%20de,de%2047%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.>

É sempre importante ressaltar que estamos em um momento muito crítico no planeta, que não basta apenas os adultos se manifestarem e discutirem as questões ambientais, verticalizando determinadas questões às infâncias e juventudes. A percepção dos jovens como participantes ativos da Educação Ambiental pressupõe a superação de um ensino focado apenas na conservação do meio ambiente com medidas repetitivas e métodos pontuais, mas que ampliem o espectro para a necessária transformação social para a preservação da vida. Eles precisam estar envolvidos desde pequenas nas questões que interferem em suas vidas e que também acabam atingindo a todas formas de vida que habitam nosso planeta.

Essa pesquisa de Doutorado é um desejo de dar continuidade ao estudo que envolveu as crianças como protagonistas da pesquisa, onde o resultado foi evidenciado através de suas vozes. Constatei, na pesquisa de Mestrado que as crianças apresentaram um entendimento e uma sensibilidade acerca das questões que envolvem o processo de ensino e também apontaram nas entrelinhas questões que precisamos estar atentos sobre Educação Ambiental. (SILVA; GARCIA, 2017). Elas, com seu olhar ecológico evidenciado durante todo percurso de investigação ressaltaram vários pontos importantes que nós adultos devemos observar no que diz respeito ao processo de escolarização, para assim construirmos uma educação dialógica, olhando para os sujeitos que a constituem, seja as crianças, jovens ou adultos.

Na pesquisa, as crianças apontaram e discutiram um dos aspectos mais relevantes para o desenvolvimento delas, o relato de como elas pensam que deve ser o ambiente escolar para elas, entre outras questões ambientais, tais como: o olhar com o outro; a importância do brincar ao ar livre, tendo contato com a natureza natural; a importância do convívio com a comunidade, para o seu aprendizado; importância de cuidar o ambiente escolar, ruas do bairro, questões sociais, como de respeito as diferenças, e demonstraram entre outras, a importância de ouvirem suas vozes, um dos motivos que me motivaram a estudar sobre participação e protagonismo das crianças e dos jovens.

Meu foco no Mestrado foi escutar a voz das crianças. Agora, percebi que é importante, me aproximar dos jovens (onde busquei entender suas vivências na infância) escutando seu entendimento de mundo, já que seus interesses, vivências e experiências mudaram, de acordo com seu crescimento, aprofundando a discussão. Para Carrano (2008), boa parte das pesquisas realizadas sobre jovens trouxeram abordagens superficiais, concentrando-se em aspectos biológicos, sociais ou psicológicos. O momento requer um aprofundamento na escuta dos jovens sobre sua perspectiva cultural.

Em 2015 iniciei uma pesquisa, na qual meu interesse contrapôs a maioria das pesquisas no campo da Educação Ambiental e na área da Educação, que focam em escutar os/as professores/as sobre as crianças e jovens no contexto escolar e sua participação nos projetos ambientais, ou seja, o olhar do adulto sobre a criança. Essa jornada de pesquisa, onde a Dissertação foi defendida em 2017 e tem a continuidade, mais aprofundado no Doutorado, onde busquei trazer o jovem, como sujeito central, expressando suas diversas formas de manifestações em manifestações e/ou eventos de EA, assim como identifiquei suas ações ambientais.

Ao escutar o que as crianças estão dizendo, estamos valorizando-as como pessoas em desenvolvimento e a sua constituição do sujeito crítico. Esse estudo aponta que as crianças percebem o processo de aprendizagem e seus condicionantes, com destaque para o olhar ecológico sobre o papel dos contextos, as estratégias de ensino adotadas e as dificuldades enfrentadas pelos educandos nesse processo. (SILVA; GARCIA, 2017, p. 61).

A maioria delas tem uma forte visão sobre a vida, mas para estar atenta ao que as crianças expressam como bom e denunciam o que entendem ser ruim para elas a escola ser um local de disciplina com imposição de regras e veem o professor como um sujeito autoritário que ensina os conteúdos e precisa para manter a ordem na sala de aula. São questões relevantes para nossa reflexão como adultos/famílias/professores e para repensarmos o sistema de ensino e escola.

Na sequência, percebi o quanto é imprescindível falar de jovens e sua história recente de reconhecimento no Brasil e não somente a criança, pois entendo que os jovens sentem a necessidade de expressar seus pensamentos, sentimentos, desejos e percepções da realidade através de distintas formas de manifestações. Escrever sobre jovens, na perspectiva sócio-antropológica, ainda é muito recente nos estudos científicos. A abordagem das infâncias, por exemplo, é muito maior do que o estudo sobre juventude, que também posso considerar uma fase única da vida, na qual o caráter está sendo construído de acordo com as experiências vivenciadas por eles. De acordo com a pesquisa realizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes, percebi poucos trabalhos evidenciando os jovens ou a juventude. Ainda é um tema pouco abordado, os assuntos sobre os jovens mais comuns “[...] são aqueles relacionados aos „problemas sociais“, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas” (ABRAMO, 1997, p. 26). Esquecemos o quanto os jovens se posicionam sobre vários assuntos importantes, trazendo sua opinião, suas vivências. E que o movimento juvenil e a organização de grupos são exemplos dessa manifestação dos

jovens. A produção cultural dos jovens mobiliza reflexões sobre a realidade e direciona a organização de alternativas para o enfrentamento dos dilemas, das violências e contradições sociais.

Problema enfrentado no decorrer do tempo é a visão de que o jovem é aquele sujeito que nem é mais criança e nem tão pouco adulto. Isso significa que poucos dão importância às especificidades dessa fase da vida e ainda, muitas vezes, a percebem como apenas uma fase problemática. A literatura que estuda e fala a respeito do jovem e da juventude é mais escassa perante a literatura que aborda sobre criança e infâncias.

Dia a dia nega-se às crianças o direito de ser criança. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem, desde cedo, como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que consegue ser crianças. (GALEANO, 1999, p. 11).

Então, diferentemente da categoria infância, há uma dificuldade em definir o que é a juventude e entender o que os jovens pensam e passam nessa fase. De acordo com Dayrell (2007), essa dificuldade existe sim para a definição da categoria juventude. Ele salienta que os critérios que constituem a juventude são históricos e culturais, assim, cada sociedade vai lidar com esse momento e representá-lo a seu modo. Portanto, interessante ocorrer o movimento de investigar as juventudes mais a fundo, pra que não apenas tenhamos ideias incertas a seu respeito, mas que possamos percebê-las e caracterizá-las, como únicas, assim como hoje já temos um olhar mais sensível com as infâncias.

Assim, ressalto que ambiente é definido por Reigota (2009) como um lugar, onde os elementos naturais e sociais estão se relacionando através da influência mútua. Tais relações designam processos de construção culturais e tecnológicos, onde influenciam nos processos históricos e sociais e na transformação do meio natural. A palavra ambiente foi destacada pelas crianças, na pesquisa de Mestrado, no sentido que pude refletir que é tão fundamental para compreendermos o seu significado de que é todo lugar que nos rodeia e/ou abrange todos os lados e constitui o meio em que nós, os animais e os vegetais vivem. Mas será apenas isso? Podemos problematizar o seu significado, para assim refletir e construir um novo conceito.

Segundo a experiência italiana de Reggio Emilio³, o entendimento que a criança tem de que os distintos ambientes são natureza, se inicia muito antes de a criança ingressar na escola: os pais participam de encontros individuais e após, coletivos, para abordar sobre a transição de ambiente, que têm o objetivo de preparar e discutir sobre os tempos, os modos, os lugares, as condições essenciais para efetivar o apoio às crianças e à família na nova experiência, a troca e convívio em outro ambiente. (FERNANDES, 2009).

Bronfenbrenner (1979/1996), em sua Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano apresenta uma forma que permite que percebamos os distintos contextos sociais como “ambientes bioecológicos”, nos quais, ocorrem interações entre humanos-humanos e humanos-ambiente, estas interações, podem promover o desenvolvimento do ser humano, ao longo do tempo de sua vida. Para Bronfenbrenner (2011), o “ambiente bioecológico” é organizado pelo PPCT (Pessoa-Processo-Contexto-Tempo), no qual nos permite abranger a relação entre o sujeito e o ambiente, como fatores determinantes para o desenvolvimento do indivíduo, assim como as questões que ocorrem ao longo da vida.

A partir deste indicativo, refleti que não poderia deixar as vozes dos jovens, sua corporeidade e distintas expressões esquecidas e, pensei em uma pesquisa que fosse tanto relevante para mim, quanto para os sujeitos que irão participar da pesquisa e para o PPGEA, para evidenciar e fortalecer a participação dos jovens nas ações em diferentes ambientes, sendo assim, uma nova abordagem que proporcionou novas maneiras de se pensar esses sujeitos como ser atuante dentro na sociedade. Essa pesquisa contribuiu para ampliarmos nossos olhares para a participação democrática das crianças e jovens nas ações de Educação Ambiental, no contexto escolar e também no meio social.

A participação das crianças envolve uma mudança na ênfase dos métodos e assuntos de pesquisa. Reconhecer as crianças como sujeitos em vez de objetos de pesquisa acarreta aceitar que elas podem “falar” em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas. (ALDERSON; 2005, p. 423).

Certamente, os jovens não podem ser enxergados como seres que serão importantes apenas no futuro. Em outra perspectiva, esses sujeitos podem e devem construir o seu futuro, tornando sua participação mais efetiva em campanhas de Educação Ambiental, decisões de seu bairro, sua cidade, seu ambiente, agora no presente, assim, o futuro não será construído

³ A abordagem Reggio Emilio é uma pedagogia que desenvolve habilidades nas crianças, preocupada em desenvolver autonomia e confiança no sujeito, tornando-os protagonistas.

para eles e sim juntamente com eles, como participantes e até mesmo protagonistas.

Sendo assim, a Tese apresenta seis capítulos de estudos, reflexões e análise, sendo um metodológico, totalizando sete capítulos. No decorrer do estudo, analisei a relação entre participação e protagonismo através da ótica da Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER 2011); Pesquisei a respeito de crianças e jovens que participaram de congressos, eventos e conferências de Educação Ambiental, desatacando a sensibilidade que eles apresentaram para perceber quais os males atingem as pessoas ao seu redor; O que o ativismo de jovens traz para a vida das pessoas da sua comunidade, ou para um grupo mais amplo; Jovens relataram o incentivo da família, comunidade e principalmente de educadores para engajarem na militância. (alfabetização ambiental); Evidencio a percepção ambiental dos jovens participantes da pesquisa, no que se refere a relação entre sonho, utopia e o sentimento de pertencimento ao lugar. Tal percepção, revela que o pertencimento, o cuidado e a mobilização das juventudes frente as ações socioambientais é um dos motivos pelos quais fazem alguns jovens tornarem-se militantes, e isso é tomar consciência para si, reponsabilidade dos processos.

2. A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS NA CONSTRUÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Fonte: site da UFSM⁴

⁴ <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/proinfra/uma/2021/03/31/movimento-climatico>

Cuidar e preservar a nossa morada, a Terra, é dever de todos e com certeza, as crianças e os jovens tem um entendimento de que os recursos naturais existentes em nosso planeta são esgotáveis, a partir do jeito em que elas enxergam o mundo. Em 2017, no município de Rio Grande/RS foi realizada uma pesquisa com crianças, onde elas provaram ter um olhar ecológico (SILVA; GARCIA, 2017) para com o outro e uma sensibilidade, que muitas vezes, se preserva somente durante a infância, que podemos observar, quando elas ganham espaço para se expressarem e defender alguma causa. Porém, atualmente, os jovens ainda têm lutado por esse reconhecimento social, e com o auxílio da arte, da música, da literatura, da mídia e da internet, estão demonstrando à sociedade através do conhecimento, opiniões, argumentos, podem ser participantes ativos e que podem contribuir na produção cultural contemporânea.

Qualquer criança ou jovem, sem importar a região onde habita, a cultura ou classe social, tem suas preocupações, opiniões e conhecimentos sobre a vida. Muitas vezes, levantam questões bem complexas de serem explicadas, sendo essas curiosidades que movimentam o interesse da criança pelo mundo. O papel dos educadores é de mobilizar a motivação, a curiosidade ou qualquer outro interesse de aprender e conviver que venha da criança e do jovem. Valorizar a curiosidade e interesse delas, além de transformar sua pergunta em algo capaz de ser crítico, é tornar o aumento de seu conhecimento pelo mundo saudável e natural. Atualmente, mais do que em outros tempos, uma criança ou um jovem ao se reconhecer como capaz de atuar no mundo é um ato revolucionário.

No livro infantil: “Se Criança Governasse o Mundo...”, o autor Marcelo Xavier traz, com autorização de crianças (que assinaram o livro), hipóteses de como seria o mundo se fosse governado pelas crianças, através do olhar delas. Ele aponta que, o mundo não está indo tão bem, com os adultos no comando e que as crianças têm um olhar sensível e o jeito de brincar, que “naturalmente, as coisas voltariam aos seus lugares”, como o autor mesmo saliente. Quero trazer aqui o destaque sobre a natureza, na perspectiva das crianças: “As árvores seriam coroadas “Rainhas da Natureza”, com seu reino doce, do de prazeres. (XAVIER, 2003, p. 16). Todos os bichos seriam para sempre. Inquebráveis. (XAVIER, 2003, p. 17). As praias, limpas. Os rios cheios de peixe. (XAVIER, 2003, p. 18)”.

Diante de uma cultura que silencia a unidade e valoriza a dicotomia, afirmamos, desde a primeira infância, a importância da Educação Ambiental enquanto processo que religa ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida. Afirmamos a necessidade de uma educação infantil ambiental fundada na ética do cuidado, respeitadora da diversidade de culturas e da biodiversidade. Educação Ambiental que é política. (TIRIBA, 2010, p. 2).

Cuidar do nosso lar em comum, nosso planeta, é obrigação de todos que vivem aqui. Adultos conscientes devem incentivar as crianças desde pequenas a cuidar de espaços menores, tais como: seu quarto, casa, rua, bairro, ampliando e mostrando porque precisamos cuidar dos recursos do planeta, além de aprenderem noções de cidadania, entendendo seus direitos e aprendendo a respeitar demais pessoas e formas de vida existentes. Atualmente, estamos em uma situação crítica, nosso planeta está doente a muito tempo e agora parece estar no auge da enfermidade, ele precisa mais do que nunca, para sua (e de todas formas de vida que aqui habitam) sobrevivência, que estejamos unidos, independente de etnia, religião, cultura, pela mesma causa.

Numa situação de emergência planetária, não basta que as crianças aprendam os princípios da democracia, da cidadania, do respeito aos direitos e às diferenças entre nós, seres humanos. Também é nosso papel ensiná-las a cuidar da Terra. Mas como ensinar a cuidar numa sociedade que submete os indivíduos, os povos e a natureza aos interesses do mercado, mobilizando as energias sociais para a produção e a acumulação? (TIRIBA, 2010, p. 2).

Como romper com a lógica do interesse de mercado, nessa sociedade? Quanto mais vivemos do jeito que o sistema impõe, mais o planeta tem seus recursos se esgotando e cada vez mais fica(mos) doentes. De acordo com Loureiro (2006, p. 24), o que ocasiona a degradação ambiental e a crise na relação sociedade-natureza não surgiram somente de conjunturais ou da maneira pela qual o ser humano se relacionou com o planeta, consequentemente, as consequências de tal degradação não são decorrência apenas do uso impróprio dos recursos naturais, mas, de um conjunto de variáveis interconexas, provenientes da seguinte sequência: capitalismo/modernidade/industrialismo/urbanização/tecnocracia. Deste modo, a ansiada sociedade sustentável, pressupõe à crítica as relações sociais e de produção, tanto quanto ao valor atribuído a dimensão da natureza.

2.1. Educação Ambiental: É Política e necessária!



Fonte: site arayara.com⁵

Nossa luta parece incessante e difícil, porém é necessária e deve ser incansável. A educação política que “reivindica e prepara os cidadãos e cidadãs para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. (REIGOTA, 2012, p. 14). Esta afirmação, de que Educação Ambiental é uma educação política está pertinente com o pensamento pedagógico de Paulo Freire (1983, 1996, 2002). Segundo Loureiro (2004, p. 82), “educação se torna transformadora, quando “rompe com as práticas sociais contrárias ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade”. Assim como diz Guimarães (2007), “a educação ambiental crítica volta-se para uma ação reflexiva (teoria e prática - práxis) de intervenção em uma realidade complexa. É coletiva”. [...]. Assim sendo, é uma educação política direcionada a transformação da sociedade, em busca da sustentabilidade. (GUIMARÃES, 2007, p. 87). E ainda, Tiriba (2010) traz: [...] movidos pela ganância, fascinados pelos objetos, muitas vezes incentivamos as práticas consumistas, esquecendo que a sua fabricação exige, invariavelmente, domínio e controle da natureza e pressão sobre o meio em que vivemos. [...] (TIRIBA, 2010, p. 2).

Alguns sujeitos das novas gerações parecem estar seguindo o caminho da despreocupação com a questão do consumo desenfreado, desprendida de excesso de bens materiais e mais preocupada com o cuidado com o planeta. Esse é mais um sinal que temos muitas lições para aprender com as novas gerações. Antes, as gerações mais novas aprendiam

⁵ <https://arayara.org/jovens-promovem-greve-pelo-clima-em-varias-cidades-brasileiras/>

com os pais e avós; hoje é momento das crianças e jovens também compartilharem seus aprendizados, construídos juntos aos seus pares, com outros adultos e através das tecnologias. Então:

[...] É o exercício de convívio com o mundo natural e a vivência de outras relações de produção e de consumo que possibilitarão às crianças se constituírem como seres não antropocêntricos, ou seja, que saibam cuidar de si, dos outros, da Terra. E resistam ao consumismo que destrói e desperdiça o que a natureza oferece a todos os seres vivos como dádiva. [...] (TIRIBA, 2010, p. 5).

Para entender a problemática ambiental, é imprescindível ter uma visão complexa de meio ambiente, na qual, a natureza agrega um conjunto de relações, não apenas naturais, como sociais e culturais. Distanciamo-nos do mundo unicamente biológico das ciências naturais, para o mundo que promove outras relações ambientais, da vida, das humanidades e dos movimentos sociais, bem mais complexo e transigente.

Deste modo, a comunidade internacional está em consonância de que a Educação Ambiental deve ser presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã (REIGOTA, 2012, p. 39), ou seja, espaços estes, que devem possibilitar as crianças e jovens um aprofundamento no desenvolvimento, de se constituírem como seres que sejam sensíveis às causas ambientais e saibam cuidar um do outro.

A relação dos jovens com manifestações em favor à preservação do planeta é uma questão importante e atual. Uma participação mais cidadã por parte das novas gerações de jovens, nesse caso, especificamente, desta década, afirma o compromisso que todos os seres planetários precisam estar engajados a desempenhar um importante papel cobrando e lutando por um mundo melhor.

As aprendizagens e discussões relacionadas aos jovens sobre as questões ambientais precisam ser mais profundas. Como exemplo, posso mencionar que plantar e preservar uma árvore é muito importante e necessário, fechar as torneiras em momentos que não estamos utilizando também. Porém, são ações que precisam acontecer sob reflexão e intencionalidade e, deve-se trabalhar isso com as crianças desde muito pequenas. Além do mais, precisa-se ter um pensamento crítico com a realidade e a preocupação em constituir sujeitos transformadores e reflexivos desde a Educação Infantil, capazes de atuar e pensar criticamente no que diz respeito a relação entre seres humanos e, humanos e natureza, ou seja, a concepção do indivíduo só irá fazer sentido, quando for elencada com o mundo no qual ele vive e com a natureza, na qual ele se insere. (CARVALHO, 2006).

A partir desse entendimento, os jovens serão convidados a conhecer, profundamente a sua realidade, a problematizá-la, a criticar o que precisa ser criticado, refletindo sobre sua realidade. A possibilidade de pronunciar o mundo, na dialética ação- reflexão mediada pela linguagem-pensamento, faz parte do processo de constituição do sujeito. [...]”. (LOUREIRO; FRANCO, 2014, p. 159).

É evidente que se deve pensar em uma Educação Ambiental com a juventude para além de meras mudanças comportamentais sobre o cuidado com a natureza, como se costuma perceber dentro de algumas escolas e na perspectiva conservacionista da Educação Ambiental. Layargues (2006), traz a ideia de que os seres humanos não são seres genéricos e abstratos e que determinadas expressões utilizadas, como por exemplo: “agressão humana contra a natureza”, advertem sobre a relação ser humano-natureza abarrotada de valores, interesses, intencionalidades e intervenções físicas no mundo, muito distintas.

O jovem vive num mundo no qual eles trazem consigo imagens e percepções únicas, construído a partir de suas vivências e experiências. Eles têm acesso às mídias, internet e percebem os acontecimentos na sua volta. Os problemas ambientais são entendidos por eles também, na medida em que são as mais expostas às suas consequências.

No tempo que vivenciamos, muitas mudanças ocorreram na infância e juventude e não somente nelas, mas todas as mudanças são consequências umas das outras, por isso precisamos entender algumas problemáticas, como industrialização, a saída das mulheres do lar em busca de emprego, as mídias, apelando para o consumo, as redes sociais, que prendem cada vez mais nossas crianças, jovens e também os adultos, em um mundo virtual, para, então compreendermos a infância e a juventude da atualidade. Assim, as condições sociais, econômicas e culturais sofreram alterações profundas e velozmente acarretaram modificações na própria infância. (STEINBERG, KINCHELOE, 2001).

A cultura infantil e a cultura juvenil são constituídas, atualmente num mundo, onde tudo é muito rápido, consequência das mudanças que vem acontecendo no próprio mundo, realizadas pelos adultos. “Assim, entende-se a infância como “um artefato social e histórico e não uma simples entidade biológica”.” (STEINBERG, KINCHELOE, 2001 p.11).

As crianças e os jovens, independentemente de qual região do país habitam, de qual classe social sejam, e de qual época histórica vivenciam essa categoria, infância e juventude. Levando em consideração então, que a infância e a juventude são construções sociais, históricas e culturais, pode-se afirmar com isto, que existem várias formas de vivenciá-las, sofrendo influência das culturas, ambientes de convívio, pessoas ou tempo. Fazendo uma aproximação a essa realidade, a percepção da criança e do jovem como ator social, ou seja,

enxergá-la como esse ser, permeia a compreensão que sua atuação no mundo, é fundamental para a reflexão e desconstrução da centralização no adulto e assim, pensarmos em mais alternativas para escolhas que venham das próprias crianças e jovens sobre suas vidas.

A partir da segunda metade do século XX, se inicia os estudos sobre infâncias ligadas às Ciências Sociais (PACHÓN, 2009). No entanto, na época, a Sociologia, não compreendia a infância como uma categoria única e importante para estudo e diminuía as crianças, colocando-as dentro da categoria de estudos feitos com as famílias. (DELGADO; MÜLLER, 2005). A infância é uma construção social, surgida na modernidade (DELGADO & TOMÁZ, 2013; DELGADO; MÜLLER, 2005).

Como destacou Prout (2010), em meados de 1970 a 1980, a infância, profundamente envolvida com todas grandes mudanças sociais da época, fez com que alguns críticos comessem a questioná-la como algo que estava se distanciando do “padrão” que acreditavam erroneamente que ela deveria seguir. De fato, não foi difícil construir argumentos para desmenti-los, porém, eles ajudaram a perceber que os velhos pensamentos sobre a infância já não eram adequados, que estava ocorrendo, como ocorre ainda hoje, uma modificação no caráter da infância (PROUT, 2010).

Entendo que a infância e a juventude são categorias diferentes da adulta (MARRE, 2013), estão em constante transformação, influenciam e são influenciadas pelos ambientes pelos quais perpassam. Certamente, são categorias que sofrem modificações, conforme: o tempo cronológico; a família; convívio com outros sujeitos; influências, da escola; ambientes, como cultos religiosos; praças; a rua; governo; cultura, entre outros. As juventude e infância são diferentes umas das outra, como já explicitado acima, pois experimentam vivências distintas, assim como as infâncias e juventudes de diferentes épocas são diferentes. De acordo com Bronfenbrenner (1996/2011), a participação em mais de um ambiente tem consequências desenvolvimentais para o sujeito em desenvolvimento. O sistema de desenvolvimento humano se torna mais claro na explicação de Bronfenbrenner (2011):

Do longo do ciclo de vida, o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexos entre um organismo humano biopsicológico em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente externo. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer em uma base estável em longos períodos de tempo. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 46).

Historicamente, a infância foi um resultado de várias e diferentes representações sobre as crianças, ao longo do tempo. Sempre, através do olhar adulto, seu mundo e sua vida, foram

organizados de maneira que a cada época as crianças surgiram como um ser estereotipado, geralmente visto como alguém que “viria a ser”, nunca escutadas e participativas. Silenciadas ao longo do tempo, passando pela época na qual elas sofriam grande descaso, eram consideradas “mini adultos”, chegando até o atual momento, com o grande interesse por se estudar as infâncias, que é um fenômeno consideravelmente recente (HEYWOOD, 2004). Podemos, segundo Piske (2016) resumidamente definir a história da infância de tal maneira ao longo do tempo: Antiguidade – Mini-adulto; Modernidade - Preocupação social; Contemporaneidade - Categoria social.

Assim, percebo que a juventude passa pelo mesmo equívoco, ainda, nos dias de hoje, com todo esse interesse pela infância, se torna evidente continuar falando da falta de participação das crianças e jovens nos diferentes espaços que frequentam. Por que isso ainda acontece? Cabe a nós refletirmos que, muitas vezes tanto o cuidado demasiado, quanto o olhar negligenciador constituído na modernidade e outros fatores que foram construídos pela sociedade, acabam por ainda impedir que as crianças tomem posição de suas próprias escolhas. Assim, Tonucci (2005), traz:

Conceder a palavra às crianças não significa fazer-lhes perguntas e fazer com que responda aquela criança que levantou a mão em primeiro lugar. Dessa forma, conseguem-se somente lugares comuns e estereótipos, isto é, a primeira coisa que vem à mente, e suscita-se, entre elas, uma forte competição: quem sabe responde primeiro. Conceder a palavra à criança significa, pelo contrário, dar a elas as condições de se expressarem. (TONUCCI, 2005, p. 17).

A percepção a respeito das vivências infantis deve ser dialogada com as próprias crianças e não por adultos, que tem uma interpretação “sobre” elas. As crianças conseguem perfeitamente expressar sua opinião, através de várias linguagens, próprias delas, expressam o que incomoda, o que lhes agrada e escutá-las se torna fundamental para que elas se desenvolvam criticamente e interajam com decisões que influenciam suas vidas. (CORSARO, 2012). E ainda, para completar a discussão:

Para que as crianças possam se expressar e tenham o desejo de fazê-lo, é preciso que os adultos saibam ouvir. Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar compreender, dar valor às palavras, às intenções verdadeiras de quem fala. Todas as crianças falam, mas nem sempre os adultos são capazes de perceber a mensagem. Especialmente as crianças que pouco e que se expressam mal têm certamente coisas importantes a dizer e esperam apenas adultos capazes de ouvi-las e de compreendê-las. (TONUCCI, 2005, p. 18).

Pensando na condição que a infância assumiu a partir da modernidade e nos direitos que as crianças têm atualmente, que são garantidos por lei, afirmo que é uma categoria social e uma categoria de vida, (CORSARO, 2012; DELGADO; MULLER, 2006; SARMENTO, 2003), na qual, toda criança deveria vivenciar com segurança, cuidados, proteção, seus direitos garantidos, liberdade de expressão, autonomia na busca do saber, construindo sua identidade; com diversas formas de brincar e reinventar suas brincadeiras, dança, música e entre outros momentos que tornam essa fase da vida única. Deve ser experimentada em distintos contextos, como por exemplo: nas ruas, no campo, nas instituições de acolhimento, nas famílias, nas escolas de anos iniciais, escolas de educação infantil, entre outros. Em uma rotina de explorar, conhecer, aprender, ensinar, construir, compartilhar. E assim atravessando sua vida e deixando suas marcas. Como apresenta Sarmento (2003):

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as actividades sociais que desempenham, seja na escola ou na participação de tarefas familiares. Esta aprendizagem é eminentemente interactiva; antes de tudo o mais, as crianças aprendem com as outras, nos espaços de partilha comum. Estabelecem-se dessa forma as culturas de pares. (SARMENTO, 2003, p. 14).

Em consonância com o pensamento de Sarmento, saliento também que as crianças aprendem muito umas com as outras, compartilhando os mesmos espaços, estabelecendo culturas de pares, em que podemos definir como: um conjunto de ações estabelecidas na rotina das crianças, entre elas, produções delas mesmas e que partilham nas interações com seus pares. Consentindo que as crianças possam, assim, apropriar, reinventar, ou até mesmo reproduzir o contexto em que estão inseridas, sendo protagonistas de seu entendimento do mundo, fazendo assim parte de seu processo de crescimento.

Evidencio como necessária a garantia que a criança e o jovem também, possam vivenciar a sua infância e juventude de maneira que não sejam impostas determinadas práticas engessadas, que tornam a sua rotina pesada, que naturaliza a negação das diversas expressões de quem é o principal interessado, as crianças e os jovens.

Léa Tiriba ressalta o desafio de educar nossas crianças nesse mundo tão instável. Aqui enfatizo a importância de trabalharmos com crianças desde a Educação Infantil para buscarmos autonomia, saberem seus direitos e buscarmos a preservação do ambiente em que se inserem.

Como educar nossas meninas e meninos em uma realidade de desigualdades sociais e desequilíbrios ambientais tão profundos? Como trabalhar articuladamente as questões da democracia e da ecologia: relações de poder entre os seres humanos e entre estes e a biodiversidade em sua expressão maior? Como enfrentar as estruturas e as ideologias que se materializam cotidianamente em desrespeito aos desejos das crianças de conexão com a natureza e desrespeito aos ritmos da natureza? (TIRIBA, 2018, p. 192).

Segundo Gandini e Goldhaber (2002), as crianças são feitas de múltiplos pensamentos e maneiras de brincar, falar e escutar. Deve ser experimentada em diferentes contextos como, por exemplo: nas ruas, no campo, nos orfanatos, nas famílias, nas escolas. Para ilustrar esse pensamento, ressalto um desenho de Tonucci (1997) para ilustrar que a criança é um sujeito social e histórico:



A criança tem um corpo e uma história
(TONUCCI, 1997, p. 97).

As crianças precisam ser incentivadas a serem participativas no que diz respeito às questões socioambientais de sua realidade, pois elas também têm a competência de trazer contribuições e quando algo está certo ou atrapalha seu bem-estar, elas dizem espontaneamente. Precisa-se questionar a pouca presença social e cultural que foi atribuída às crianças e jovens dentro da cultura dos adultos e lutar para quebrar aquele velho sentimento em que as crianças e jovens não são acreditadas, sua opinião também é muito importante. As crianças precisam ser provocadas a questionar a realidade quando não estiver assegurando a

qualidade de vida, assim permitindo-se fazer uma crítica ao mundo e conseqüentemente, atuando no mundo. De fato,

[...] a natureza é um organismo vivo e não uma máquina passível de interpretação racional; porque a razão não é o único caminho de acesso ao jeito de ser do mundo e o que define as crianças não é apenas a sua racionalidade, pois conhecer não significa apenas construir relações lógico-matemáticas, no contato com os objetos. A aprendizagem não é apenas representação mental do mundo, mas um processo em que corpo e mente, razão e emoção constituem uma unidade, estão absolutamente articulados. (TIRIBA, 2010, p. 12).

Deste modo, percebo que a criança é sujeito social que interage com a história, presente no tempo e espaço, fazendo a sua própria história e sendo transformado por ela, seja ela, nas culturas de pares e culturas dos adultos, nas interações nos diferentes contextos em que ela estabelece suas relações. Ressalto que a criança é intensamente marcada pelo meio social, em que se desenvolve. As interações realizadas em diferentes espaços implicam, no seu desenvolvimento e aprendizagem.

;

[...] As crianças são consideradas atores sociais, que contribuem para a produção e reprodução da infância e da sociedade, na interação e negociação com os adultos e na produção criativa da cultura de pares. (AGOSTINHO, 2010, p. 12).

A partir das minhas vivências dentro do ambiente escolar e com os sujeitos que interajo, compreendo que realmente todos sujeitos contribuem através das relações para a cultura da instituição. Contudo, várias escolas não se modificam para escutar as necessidades de seus educandos, ao contrário elas impõem sua cultura, tentando padronizar os comportamentos e atitudes, principalmente os educandos. Se torna preocupante os tempos obscuros que estamos vivendo, em que a escola como sinônimo de liberdade esteja sendo vista como algo negativo, desestimulada pelo governo. Concordo que as escolas tenham sua cultura e sua organização. De acordo com o Libâneo (2001, p. 85):

[...] a escola tem uma cultura própria que permite entender tudo o que acontece nela, mas essa cultura pode ser modificada pelas próprias pessoas, ela pode ser discutida, avaliada, planejada, num rumo que responda aos propósitos da direção, da coordenação pedagógica, do corpo docente.

Dessa forma, a escola é e continuará sendo ambiente de extrema importância para as relações, quando a mesma preconizar a liberdade, promoverá aos sujeitos coragem para se libertarem das injustiças sociais. O professor é o sujeito essencial nesse processo. Assim como expõe Barbosa (2009):

[...] Numa nova perspectiva, compreende-se o papel do professor como o de um orientador da busca do conhecimento, principalmente quando ela surge como necessidade para desenvolver o projeto do grupo e as necessidades e desejos individuais das crianças. (BARBOSA, 2009, p.37).

Sendo a criança e o jovem sujeitos sociais que interagem com a história, presente no tempo e espaço, deve-se valorizar a escuta desse sujeito e também a sua história como construção social. As crianças e os jovens têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão. Desenvolvem suas percepções através do que elas vivenciam, nos diferentes contextos, instigadas pela curiosidade, criando em seus imaginários um mundo de significações e decodificando as diferentes linguagens: sociais, culturais, históricos e naturais que as cercam. As crianças e os jovens devem ser valorizados quando tentam expressar seus pensamentos, fantasias e tiver os seus questionamentos compreendidos e respondidos de forma a atenuar suas curiosidades.

Refletindo acerca da oportunidade de escutar e interagir com as crianças e os jovens, podemos destacar a oportunidade de aprendizado para nós, adultos, pois o convívio com eles/as em diferentes contextos, nos possibilita com clareza perceber a importância de valorizar a sua cultura e modo de ser e estar no mundo. Entendo que é na família, na creche e na escola que deve começar os movimentos de escuta da criança, para que essa comece a se conscientizar do seu papel ativo como cidadã.

Certamente, o processo de escuta das crianças significa ir além de ouvi-las, está relacionado a dar atenção, importância e observar suas expressões corpóreas, pois é assim que elas se expressam. Podemos então, com esse olhar atento, perceber suas vivências e contemplar as contribuições que elas podem trazer para a sociedade. Esta ação só será possível se ocorrer o movimento do diálogo e observação atenta, promovido pelo familiar e/ou docente.

Após essa conscientização ela estará apta a reivindicar seus direitos. Neste sentido, Clarice Cohn (2005) explicita que:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo e assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. E entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. (COHN, 2005, p. 27-28).

De fato, as crianças podem ser consideradas, a partir do momento em que perceberem que podem e devem salientar algo que lhe incomoda ou sobre qualquer assunto que desejem falar, como um processo de “preparação” para a vida futura, mas sim como uma forma de expressar seus sentimentos, o que é de extrema importância para seu desenvolvimento. Quando escutadas, elas se sentem acolhidas e valorizadas e amadas, seja por sua família ou por pessoas de seu convívio como as crianças devem ser participativas para uma EA com o olhar direcionado para as infâncias.

Por isso é importante, citar a “Friday for future”⁶, que é um movimento que significa sextas-feiras para o futuro, que tem como objetivo obrigar os governos a adotar políticas para salvar o clima do planeta. É importante ressaltar que esse movimento sempre foi organizado por jovens e é composto por crianças também, que demonstraram uma participação de forma incisiva e ao mesmo tempo sem nenhum tipo de violência, postura forte, focada e responsável, são as características dessas manifestações.

2.2. Juventude e seu envolvimento com a Educação Ambiental

Assim como a infância, a categoria juventude adquire distintos significados ao longo do tempo, por ser um conceito histórico. O conceito possui duas variantes: a etária (idade) e a sociocultural. Posso dizer, inicialmente, que o conceito de juventude representa o período da vida entre a infância e a vida adulta, um período de transição. Assim, trago exemplos dessa diversidade de concepções existentes no mundo: no Quênia, a partir dos 8 anos uma pessoa já é considerada jovem; na Colômbia jovens são os indivíduos entre 16 a 28 anos, e no Brasil, país que segue as orientações da ONU, jovens são os indivíduos entre 15 anos e 29 anos de idade.

⁶ <https://fridaysforfuture.org/>

Há diferentes marcos etários e aspectos culturais sobre esta etapa da vida, sendo a juventude distinta, igualmente à infância. Ela também é monopolizada por questões culturais, étnicas, de classe e territoriais. Deste modo, é muito evidente que a categoria Juventude sofre pressão por parte da sociedade, até mais fortemente do que a infância, para ser “um projeto de futuro”, pelo qual o presente é negado, desvalorizado ou pouco visibilizado enquanto integrantes da sociedade.

Ainda que os termos adolescência e juventude sejam muitas vezes utilizados como sinônimos, eles são diferentes. Adolescência é um termo mais usado na área da psicologia, e se refere a mudanças físicas, psicológicas e comportamentais, a categoria juventude é mais usada por historiadores, sociólogos e antropólogos, quando focam as dimensões socioculturais. De forma geral, ela demarca um período de transição entre a infância e a vida adulta. É interessante perceber as diferenças entre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e o Estatuto da Juventude. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Art. 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e o adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”, já o Estatuto da Juventude (2013) entende que “São consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.”

Na história da juventude, desde a Antiguidade, essa fase da vida humana é associada a necessidade de constante vigília e controle. Segundo Cassab (2011) a juventude é frequentemente associada a desordem, a violência e ao perigo. Sendo assim, cabia a sociedade discipliná-los e orientá-los a uma vida mais regrada e produtiva. O casamento era visto como a única forma de conter os “ânimos juvenis”. Ao longo da história se percebe a necessidade desses indivíduos de pertencer a um grupo, a um lugar, como dimensão essencial de suas identidades, formas de reconhecimento pelos seus pares e distinção dos demais – clubes, festas, sites, espaços públicos, estilos de roupa e formas de se comportar, músicas, linguagem particular.

Assim como aconteceu com as infâncias, a escola se torna a partir do século XIX o principal espaço de educação dos jovens, a qual caberia complementar a educação do lar, além da disciplina de trabalho e as regras de sociabilidade, exercendo um papel de preparação para a vida adulta bem como de controle social, sempre sob os moldes da sociedade capitalista burguesa. Para os jovens das classes menos favorecidas, a inserção no mundo do trabalho ocorre bem mais cedo. A Modernidade marca o momento em que a juventude passa a ser entendida enquanto um estágio perigoso e frágil. Característica que se acentuava se fosse das classes socialmente desfavorecidas.

De acordo com Reguillo (2000) a ideia de juventude como conhecemos hoje é uma invenção do pós-segunda guerra, quando surge uma nova ordem internacional, na qual os países como Estados Unidos da América (EUA) passam a ser referência cultural para o restante do mundo. Os jovens surgem como sujeitos de direitos, principalmente como sujeitos de consumo. Muitos autores apontam este período como um divisor de águas na constituição desta categoria social, em especial, a partir dos anos de 1960, com os movimentos de contracultura que passam a questionar os moldes sob os quais se assentavam as sociedades ocidentais, nas suas mais variadas dimensões. Movimentos estudantis surgem por uma luta por direitos e visibilidade social, que se transformaram em movimentos sociais e políticos, que tiveram em sua maioria os jovens como participantes.

É importante destacar que o jovem, nessa fase da vida se percebendo mais autônomo e construtor de um discurso próprio, começa a trilhar seus próprios caminhos, ter suas experiências, mais ligadas as suas decisões. Os jovens são seres que tem sua “leitura de mundo” e isso deve ser reconhecido e respeitado. São sujeitos sociais que tem suas vontades, desejos, pensamentos e ações próprias, que sabe decodificar seu cotidiano e retornam a sociedade, o fruto de suas experiências. Sendo assim, como nas infâncias, cada juventude é distinta uma da outra, dependendo de vários fatores. (CASTRO, 2002).

De tal modo, como o jovem é um sujeito social que interage com a história, está presente no tempo e espaço. Ele transcende o controle exercido pela sociedade e constrói sua própria história e a transforma quando necessário. Sua leitura de mundo é construída também nas interações com os diferentes contextos e pessoa, assim, pode afirmar que os jovens são feitos de múltiplos pensamentos e maneiras de dialogar com o mundo. Através da vontade de aprender, os jovens podem interagir por meio dos sentidos, conhecer o mundo, buscando melhorá-lo. O Estatuto da Juventude, Lei 12.852/2013, nos ajuda a entender a juventude com uma categoria social, ele determina quais são os direitos dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro, independente de quem esteja à frente da gestão dos poderes públicos. O Estatuto se torna um importante marco para a juventude no momento que promove e garante os direitos a todos os jovens e determina as obrigações da família e da sociedade na implementação dessas garantias.

A construção de conhecimentos, por ser uma prática social, deve priorizar reflexões e questionamentos sobre a realidade, em um movimento de crítica e autocrítica, de conscientização individual e coletiva (LOUREIRO, 2006). Afirmo que a forma pela qual os jovens vivenciam a juventude é distinta. É uma fase da vida onde eles tomam muitas decisões sozinhas e vivem experiências que podem variar, mas que acabam contribuindo para o seu

desenvolvimento. Podem viver com ou sem segurança, em casa ou nas ruas; em situações de vulnerabilidade; protegidos ou não; com a família ou com amigos, ou em instituições; com seus direitos garantidos ou não; com liberdade de expressão; construindo sua identidade; A juventude é experimentada em diferentes contextos, e o resultado dessa experimentação promove aprendizados para a vida.

A produção cultural dos jovens movimentam pensamentos sobre a realidade e leva a reflexão sobre outras alternativas para o enfrentamento dos dilemas, das violências e contradições sociais. Estamos num tempo em que o jovem produz cultura, na mesma medida que é alvo de produtos culturais globalizantes e pelo mercado, através do consumo. As campanhas publicitárias atingem os modos de vestir, os comportamentos, a linguagem e os desejos de pertencimento dos jovens, independente da classe social.

Os jovens, enquanto sujeitos sociais designam suas vivências no mundo na medida em que se relacionam com os demais seres humanos e com os ambientes, e ao mesmo tempo são constituídos por estes, nas relações que constituem. Igualmente, embora exista uma disposição globalizante ao estabelecer um modo de ser jovem, cada sujeito constituirá uma cultura e uma identidade própria a partir de seu cotidiano, o que nos faz pensar em juventudes, marcadas pela diversidade.

É na adversidade que buscamos respeito às diferenças. Garantir os direitos dos jovens é uma luta onde precisamos unir forças, buscar nos próprios jovens a representação de sua cultura, pensar na juventude com o jovem e não para ele. Precisamos incentivar jovens a serem participativos para discutir as políticas públicas voltadas as juventudes. Segundo o site terra⁷, em matéria de março de 2023, o Brasil é o país da América Latina com mais números de jovens sobrevivendo com um salário mínimo, portanto, falar sobre políticas públicas para a juventude é construir com eles o direito à educação, saúde, desenvolvimento sustentável, moradia, respeito às diferenças, entre outros temas tão importantes.

⁷ <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/estudo-aponta-que-dois-tercos-dos-jovens-recebem-ate-um-salario-minimo-no-1-emprego,3fbf202d3e64cf1da1e3f5e4197aefe80c0yf61x.html>

3. DEMOCRACIA NA INFÂNCIA E JUVENTUDE



Fonte: site exame.com⁸

Democracia vem do grego *demokratia*. O significado é composto por duas palavras gregas na mesma expressão: *demos*, que significa “povo, distrito” e *kratos*, que significa “Domínio, poder”, trazendo o significado de “poder do povo” ou “governo do povo”. Sua versão em latim era *democratia* e segue a vertente grega.

É um modo de viver no qual permite aos cidadãos exercerem seu direito de escolha político, livremente, sem influência ou pressão, na busca por melhorar ou transformar situações que estão impedindo a qualidade de vida para todos. “A Democracia é um modo de viver/conviver na busca permanente de harmonia de todos(as) com todos(as)”. (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 33). A vida em democracia significa respeitar o direito de todos (crianças, jovens, adultos, idosos) em dialogar entre si, realizar escolhas e após isso, legitimar a sua participação. Contudo, é evidente que as crianças precisam crescer integradas à sociedade e não submetidas a ela. Assim:

Compreender as relações entre as políticas públicas voltadas à qualidade de vida e saúde das crianças e o desenvolvimento infantil é um aspecto importante dentro de uma perspectiva de sociedade atual. Nesse sentido, a participação e o envolvimento de crianças em projetos sociais, como as atividades educacionais, de lazer, recreacionais, culturais ou esportivas têm se tornado um tópico de importância, no que se refere às oportunidades relacionadas às políticas públicas. (KOLLER, 2004, p. 381).

Percebo que, mesmo após um longo percurso histórico de luta pela conquista da Constituição Federal e consequentemente, uma democracia mais plena, o respeito a ela ainda é um grande problema, pois temos acompanhado a destruição sistêmica de valores constitucionais decorrentes de políticos eleitos pelo povo e também, por parte do próprio povo. Com isso, ficam alguns questionamentos: Como as crianças e jovens são vistos dentro do sistema democrático? Será que sua efetiva participação não é valorizada? E se não, por quê?

[...] O viver democrático, como uma obra de arte, está diretamente condicionado a um desejo sincero e generoso de buscar uma convivência na fraternidade entre todas as pessoas envolvidas: adultos (as), jovens, e, especialmente, as crianças. [...] (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 35).

As crianças e jovens são atores capazes de criar e transformar a suas culturas. O grande desafio dos estudiosos da democracia ligada às infâncias é construir juntamente com eles, uma visão de sujeitos pensantes e participantes, buscando uma igualdade e seu lugar marcante dentro da sociedade, Assim como “[...] a infância é uma construção social.” (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 352), a ideia das crianças e jovens ligados aos processos democráticos também precisa ser construída, para ser aceita pela sociedade, que ainda tem uma visão de que “[...] infância é a idade do não-falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo [...]. (SARMENTO; 2005, p. 368).

Quando decidi pesquisar crianças e jovens engajados com as causas ambientais, percebi que aqui no Brasil e América Latina temos “pequenos” que são grandes influenciadores, no sentido de que lutam por melhorias na vida das pessoas da sua comunidade. A questão é: Por que eles não têm um reconhecimento nacional ou até mundial? Há poucos sites falando da sua atuação, que é importantíssima na sua comunidade. Por que jovens como a Greta Thunberg apresentam forte destaque enquanto outros jovens com atuação nacional ou regional não possuem a mesma atenção midiática?

Dentro desse contexto, é importante salientar e refletir que existe uma escolha e aceitação elitizada por crianças brancas, de países europeus. Quantos meninos ou meninas indígenas, africanos ou latinos se vê com o discurso repercutindo na mídia? As crianças indígenas não têm a mesma possibilidade de voz, o mundo não quer saber dos problemas da

aldeia e quão forte é a relação humano/natureza, na perspectiva indígena. Vejo ainda pouquíssimos no momento da realização da pesquisa por esses jovens militantes.

Há mais interesse pelas crianças brancas e europeias do que as crianças da periferia brasileira, por exemplo. Estas crianças e jovens também falam, mas existe uma recusa da escuta de suas vozes, expressões e manifestações. Muitas crianças querem participar, mas a quem realmente é permitido sua participação?

A educação cívica, na proposição de Humberto Maturana, seria aquele componente que forneceria para as crianças desde cedo, a oportunidade de darem-se conta, realmente, da necessidade de participar da vida política da comunidade, de seu país. É esse dar-se conta que possibilitará às crianças uma vida adulta como membro consciente de suas responsabilidades perante à comunidade democrática em que vive e que, em última instância garante sua liberdade no viver. (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 25).

Essa pesquisa mobilizou minha reflexão para perceber o quanto as crianças e jovens em geral, mas os de países latino-americanos e do continente africano, ainda são silenciados ou não notados. Não estou com isso, anulando a importância da atuação de alguns jovens europeus ou norte-americanos, de fato sua participação é essencial e muito representativa para a categoria infância e juventude militante. No entanto, essa participação é explorada e enaltecida pela mídia mais do que outros sujeitos, ou seja, é permitido que seu discurso aconteça, diferente de outros jovens, das classes mais pobres. A mídia acaba promovendo quem ela considera o melhor exemplo a ser seguido.

Pensar em crianças hoje é pensar diferente do que se pensava nas décadas de 80 e 90, temos que ver o mundo a partir do olhar da criança e não para ela. Nós acabamos criando essa realidade, agora devemos apresentar fatos que comprovem a sociedade que criança pensa por si. Precisamos desmistificar a visão que o “natural” da criança é esperar pela decisão e ação do adulto ou ser reflexo das suas ações. Ao contrário dessa ideia, Corsaro (2012) aponta que as crianças interpretam o mundo e estabelecem uma “reprodução interpretativa”, ou seja, elas aprendem a partir do repertório social, pensam e conseguem articular a sua interpretação da realidade. As crianças fazem parte do mundo, fazem parte do bairro, do município e de uma política social que foi verticalizada.

Quando pesquisamos e olhamos para quem realmente são todas as crianças que assumem um papel de destaque em manifestações ou acrescentando sua opinião, percebemos a grande diversidade de infâncias, quanto mais diversos os movimentos, mais rica se torna a causa, pois podemos ter a possibilidade de tomar consciência que a realidade de cada lugar é

distinta, em vários aspectos. Também podemos ver a diversidade de juventudes que existem e sua importância. Muitas vezes, os adultos reduzem o potencial cultural das infâncias e das juventudes, sem percebê-los como sujeitos pensantes e atuantes na sociedade.

As crianças precisam, segundo essa perspectiva defendida por Maturana, desfrutar daquilo que fazem no momento em que o estão fazendo, seja uma atividade manual, seja uma atividade de caráter mais intelectual e/ou teórico. Com isto, a ação acontecerá de forma livre, lúdica, independentemente da preocupação com o resultado que possa se obter. [...] (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 29).

É fundamental trocar de ponto de vista e “enxergar pelos olhos de criança e de jovens”, para percebermos por onde devemos começar a mudança e, sinto a pesquisa que se inicia, que as crianças conseguirão mostrar por onde precisamos iniciar. São os espaços de interação entre os pares, que fazem, nós, estudiosos das infâncias entendermos a troca de experiência entre eles e o conhecer as diferentes infâncias.

3.1. Olhar de autores brasileiros sobre direito na infância e a experiência italiana

Nas Américas, mais especificamente, no Brasil, há autores que ressaltam muito bem os olhares das infâncias e acreditam nas crianças como seres únicos e capazes de serem críticos.

Tiriba (2018) evidencia caminhos para uma educação comprometida com as crianças. Ela busca, através de sua escrita, compreensões e práticas que religuem crianças e adultos à natureza, repensando as questões sobre consumismo e desperdício. Entre outros pensamentos, a autora ressalta que:

[...] Para assegurar a integridade da pessoa humana é preciso que criemos novos estilos de convivência, novas relações entre adultos e crianças que superem a superficialidade da relação pedagógica, de modo que seja possível concretizarmos as definições legais, explicitadas no artigo 17º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), do que se referem à “inviolabilidade física”, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. (TIRIBA, 2018, p. 184).

Esse trecho é um convite, através de Pedagogias Ecológicas, a abraçar a solidariedade planetária, como proposta para uma convivência entre humanos e não humanos, que não seja focada na relação de dominância e posse material.

A autora, no livro *Pré-Escola Popular*, entre outros assuntos, faz uma denúncia sobre a questão ambiental da violência do tráfico e das milícias e das forças policiais-militares, que acabam fazendo de vítimas vários cidadãos moradores das favelas e periferias, porém, as vítimas mais frágeis são sempre as crianças, que além de outras coisas, tem seus espaços públicos de brincadeiras desaparecidos. (TIRIBA, 2018).

Podemos dizer que as crianças, hoje, ao nascer, encontram um quadro planetário socioambiental que é um lixo? Como é possível fazer uma educação que – vez de atrapalhar, em vez de confundi-las com o próprio lixo que a civilização produz – possa alimentar sua humanidade, ajudando-as a romper com a fatalidade de uma realidade que é atroz, cruel, inumana? (TIRIBA, 2018, p. 30).

A Educação Infantil que vemos hoje em dia em muitas instituições, nas quais não a relacionam com uma Educação Ambiental que deve ser direito das crianças. As rotinas na Educação Infantil, na maioria das vezes, não educam nos ambientes externos e priorizam os espaços fechados. É importante ressaltar que o convívio da criança com a natureza é importante para religar o ser humano à natureza e manter viva a potência infantil. É evidente que o convívio das crianças ao ar livre, observando o céu, as árvores, grama, animais e outros elementos naturais é fundamental construirmos o amor e o cuidado pela natureza, já que nós somos natureza.

Não é difícil imaginar a satisfação das crianças, a sua alegria ao observar o mundo lá fora, o céu, o vento nas árvores, a chuva... a sua alegria diante da movimentação de animais, carros e pessoas, especialmente as conhecidas... Que significados, que aprendizagens possibilitam essas interações com o mundo social e natural que circunda os espaços onde a vida, cotidianamente, acontece? (TIRIBA, 2018, p. 73).

As autoras Silva e Tiriba (2014) discutem a relação ser humano e natureza considerando o direito ao ambiente natural como fundamental para o desenvolvimento humano.

São as instituições escolares, nas quais as crianças passam a maior parte de seu tempo, que podem e devem por meio de seus currículos e de sua própria

gestão de ensino, tornar efetiva a Educação Ambiental, ao menos no que diz respeito à sua modalidade formal. As DCNEA (Brasil/MEC, 2012) propõem uma articulação das forças da sustentabilidade em jogo nos espaços e atividades escolares. Nelas, os ambientes naturais, excluídos dos espaços escolares, bem como outros saberes, tais como os tradicionais, são convocados para a formulação da sustentabilidade. [...] (SILVA; TIRIBA, 2014, p.).

As crianças são os sujeitos que mais sofrem em todos os contextos, em que as problemáticas ambientais se afloram. Seja em situações tais como, da última pandemia, de violência, guerras, onde a fome, desnutrição e doenças atingem os pequenos, é importante que eles estejam participando da luta por um mundo melhor, no qual, é evidente que quem é mais prejudicado são as crianças.

Percebo assim, que as crianças e os jovens têm um olhar ecológico sobre suas vidas e como a vida em comunidade se desenvolve. Assim, quando chegarem à vida adulta, as crianças realizarão o aprendizado que foi mais significativo, para elas, o aprendizado que mais emocionou, construídos nas interações com outras crianças ou jovens. São sujeitos que sabem falar o que deve mudar para que a vida se torne melhor, porém, não são oportunizadas situações de diálogo e reflexão sobre as suas percepções e ações nos diferentes espaços. (SILVA; GARCIA, 2017). Com o aprofundamento da pesquisa fica evidente o quão importante é notar, escutar e refletir sobre o que as crianças têm a dizer. São sujeitos sociais, com muitas opiniões, expectativas, percepções e sentimentos diante da vida. (SILVA; GARCIA, 2017).

A primeira tarefa que se propõe para a mudança do silenciamento para a perspectiva da escuta é perceber que as crianças e jovens são capazes de serem atores sociais plenos, que são, que estão cada vez mais alcançando uma participação significativa no cenário mundial, por propor outros olhares e movimento para as problemáticas ambientais. Mas o que realmente sabemos sobre como as crianças e os jovens pensam seu mundo e como querem que ele seja? Somente a partir da fala, da leitura, da compreensão, da percepção desses sujeitos, do seu posicionamento é possível compreender, pois estão em constante contato com a tecnologia e consequentemente com as outras crianças e jovens, com culturas das infâncias e juventudes diversas existentes no mundo.

Neste sentido, o sujeito envolvido não deve ser considerado como uma “tábula rasa” e sim, como alguém que está se desenvolvendo e consequentemente, ampliando seus conhecimentos. Como exemplo, posso citar a relação das crianças e jovens, que cada vez mais, estão integrando movimentos sociais, lutando por uma melhor qualidade de vida,

organizando passeatas e mobilizações em prol a conservação do meio ambiente. A interação entre as crianças e jovens dentro de manifestações, pode ser considerada como recíproca, bidirecional, no sentido que é potencializada pelo contato e convívio com outras vivências e experiências, essas interações possibilitarão que as novas gerações cresçam compreendendo que é necessário preservar a natureza. É importante salientar que, nossas ações dizem mais a nosso respeito do que o que pensamos e dizemos, de fato.

[...] O que somos só pode ser entendido e compreendido por meio do conhecimento e do entendimento daquilo que fazemos. É olhando para o nosso fazer que poderemos chegar ao nosso ser. [...] Somos aquilo que fazemos. O nosso ser é o resultado daquilo que fazemos. Este é um dos motivos que nos levou a ser tão diferentes como pessoas.[...] (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 20-21).

Na experiência italiana, encontramos autores, tais como: Francesco Tonucci, Loris Malaguzzi, Lella Gandini, Carlina Rinaldi, entre outros, que firmam uma pedagogia da escuta, democrática, construída com as crianças. Estes autores são autênticos percursores do protagonismo infantil na Itália. Eles trazem as crianças como seres de múltiplas linguagens e com forma única de perceber o mundo. A seguir irei trazer um pouco sobre as Escolas de Reggio Emilia, cidade do norte da Itália, para a primeira infância, nas quais Malaguzzi é um representante da força criativas dessas experiências pedagógicas.

[...]. Ao contrário de algumas orientações quando à habilidade de desempenho das crianças pequenas, os professores da Reggio enfatizam a expressão e a reflexão pessoal sobre seus próprios padrões de pensamento. Em vez de incentivos precoces à leitura, por exemplo, os professores dão apoio à competência na comunicação com os outros por meio da fala e de outros métodos para que todos possam contribuir para o grupo. Em vez de longas horas praticando uma habilidade, a ênfase se dá no estabelecimento de relações significativas e emocionais com a matéria estudada – o conteúdo do projeto. [...]. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016, p. 23-25).

Podemos observar que a abordagem realizada em Reggio é um movimento criado e desenvolvido nesta região, é direcionada mostrar as diversas linguagens da criança, além de valorizá-las. Evidencia novas formas de perceber a natureza da criança, numa educação que os relacionamentos sociais e interpessoais são entendidos como meios de aumentar a autonomia, o pertencimento e a aprendizagem, individual e em grupo. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016). Percebo que a construção com a criança desde pequena é uma postura participativa, ter voz e ter posicionamento, a ver o que está errado na

a se sentir cidadão e o mais importante, a ter consciência da natureza cultural e adquirir um papel importante na construção e transformação dos diferentes espaços sociais.

A partir do desenvolvimento desse estudo, arrisco corroborar que nesse atual momento que vivenciamos, fim da década de 2010, início da década de 2020, precisamos refletir se estamos vivendo uma mudança de paradigmas, no qual não cabe mais percebermos as crianças como alguém incapaz de expressar uma opinião, mas ao contrário, precisamos inventar uma nova forma de enxergar as crianças e as culturas da infância, pois já não é a mesma de 10, 20 anos atrás. Estamos em constante mudanças, todas notícias se disseminam muito rápido, acessível virtualmente, uma “hashtag” está ao alcance de todos que conseguem ter acesso a um celular ou computador, as crianças interagem e se comunicam, se organizam, enfim, estão aprendendo com outras crianças e nos espaços de convívio comum. Por isso, está na hora de construirmos um novo significado para a postura de protagonistas, que as crianças estão assumindo, tendo em vista que essas experiências de convívio são ricas para a construção das culturas infantis e para sua visibilidade.

[...] Em qualquer contexto, as crianças não esperam para fazer perguntas e formarem estratégias de pensamentos, princípios e sentimentos. A qualquer momento, em qualquer lugar, as crianças assumem um papel ativo na construção e na aquisição de aprendizagem e de compreensão. Aprender é uma tarefa satisfatória, mas também conforme no diz o psicólogo norte-americano Nelson Goodman, compreender é desejo, drama e conquista. [...]. (GANDINI, 2016, p. 60).

Crianças ou jovens devem ser estimulados a descobrir e aprender a partir do atrativo pela investigação, assim seus sentimentos de interesse e motivação afloram. Quando esse sujeito é instigado a ser autônomo, ser o ator/ ou autor principal de suas próprias escolhas, tanto pela família quanto pela escola, podemos perceber as contribuições para o desenvolvimento pessoal e social.

Apesar de ser imprescindível priorizarmos as vivências das crianças em suas distintas infâncias no presente, quando pensamos em Educação Ambiental, também precisamos pensar em futuro. Neste sentido, penso que as vivências das crianças e a forma pela qual elas estão se constituindo hoje, influenciará no futuro do planeta. Percebo agora, crianças e jovens mais conscientes e mais interessados pelas questões ambientais e políticas. Certamente, ousar dizer

que os adultos das próximas gerações se preocuparão mais com o planeta e contribuirão com boas atitudes na preservação da natureza.

[...] Esses viveres e emoções íntimas, tão caras à infância de qualquer criança serão aprendidos na medida em que forem vivenciados na infância desde os espaços relacionais familiares até os espaços relacionais escolares. [...] (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 46).

Quando pensamos e procuramos a promoção da igualdade das vozes dos sujeitos, diante de tudo que vem ocorrendo em nosso planeta, que atinge a todos, em todos os lugares, significa evidenciar que os espaços e os sujeitos não são neutros, eles acabam intervindo nos espaços, transformando-os e sendo transformados a cada ação que realizam. Através do aprofundamento da pesquisa, será possível escutar as vozes das infâncias e juventudes, que são muitas vezes silenciadas em vários espaços.

Pensando na perspectiva das crianças e jovens sobre o cidadão do futuro, percebe-se que esta questão é complexa, pois estamos nos preparando e pensando no futuro e muitas vezes, esquecemos de aproveitar as vivências do presente. Com as crianças e jovens é a mesma conjuntura, estamos sempre nos preocupando em prepará-los para o futuro, mas verdadeiramente, o que realmente importa é o que fazem e vivem no agora. Consequentemente, suas ações do agora influenciarão o futuro.

A necessidade de pensar-se a “educação do futuro”, como muitos apressada e demagogicamente apregoam, é uma impossibilidade, pois o que existe em nosso viver é o presente. Passado e futuro são, na concepção da Educação defendida por Maturana, modos de estar no presente que cada um de nós vive. Ou seja: o único futuro no qual podemos interferir é o que acontece no presente. [...] (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 24).

Desta forma, partimos do princípio de que na infância ou na juventude é possível contribuir para a construção de uma sociedade democrática e de uma cultura de paz (BARCELOS; MADERS, 2016). As relações entre os pares que estão em atividade com a conjuntura na qual ele está inserido, estabelece a direção de seu desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2011). Neste sentido, o ambiente das relações face-a-face, torna-se fundamental para a concepção de processos proximais das crianças e jovens com os outros e com o seu entorno. Acreditando nas ações das crianças e jovens, é uma tentativa para

corrermos contra o tempo, na tentativa de recuperar os danos causados ao planeta, por toda humanidade.

Em relação ao futuro, há a esperança das gerações serem substituídas por pessoas conscientes, que respeitam a natureza. É muito bom que tenhamos crianças e jovens de coragem, ocupando os espaços necessários, para enfrentar uma sociedade engessada e fria frente aos problemas ambientais.

Existe uma relação entre a construção da democracia e a construção da cultura da paz (BARCELOS; MADERS, 2016). Cultura do cuidar do meio ambiente. As manifestações são necessárias para as novas gerações crescerem se importando com o planeta. Historicamente, é um processo que leva anos para a conscientização.

[...] Basta que observemos as crianças em liberdade brincando e interagindo, para constatarmos que essa condição de felicidade na ternura e no amar sem exigências e expectativas de nenhum tipo. Apenas viver/conviver no deleite inesgotável do presente. (BARCELOS; MADERS, 2016, p. 43).

Esse mundo comandado por adultos, que tomam as decisões para as crianças e não com a participação delas, sem quer perceber a importância que qualquer ser humano tem, independentemente da idade, também vivem pensando que somos seres separados da natureza, ou superiores a ela, que podemos utilizar seus recursos inesgotavelmente, e mantendo populações na miséria. As crianças e os jovens percebem o mundo com outro olhar, diferente da maioria dos adultos, o que muda seus pensamentos às vezes, é que diversos fatores vão a corrompendo e a tornando-a desesperançosa.

Há uma maneira de valorizar as culturas indígenas, africanas, negras, em geral, seja qual for o povo que compõe a minoria, que não é valorizada pela elite branca que compõe a sociedade. Uma delas é ouvindo as vozes desses povos, neste caso, as crianças e jovens, que estão trazendo as verdadeiras necessidades de seu povo. Outra forma é revelar quem são esses jovens e escutá-los. A população infantil que sofre com a pobreza no mundo é muito grande.

[...] há estatisticamente mais crianças pobres do que qualquer grupo geracional; a compulsividade de frequência de uma instituição escolar – a escola – apenas obriga as crianças; a imensa maioria das crianças não tem rendimentos econômicos próprios. Essa identidade também é construída e continuamente investida pelo sistema econômico que destina uma parte de seus produtos às crianças, cuidando de autonomizar bem esse segmento de mercado, nas várias áreas em que ele se exprime. [...] (SARMENTO, 2003, p. 11).

Sendo que, as pessoas constroem sua identidade não mais pelo que são, mas pelo que tem, assim a marca dos produtos que se obtém, nesta sociedade o sujeito é muito valorizado pelo que pode ter.

Apresento uma reflexão, a partir das leituras que estou realizando durante a construção dessa pesquisa, para explicitar que, os jovens estão constituindo sua identidade e, para eles, esta questão das marcas dos objetos conta muito, eles aprendem que o importante é apreciar os objetos e não as pessoas pelo seu interior e a tendência é cada vez mais desafiadora para os educadores.

Para lidar com isso, o professor precisa criar táticas e se adaptar para esta nova problemática da modernidade. Sempre se criou estratégias para resolver os desafios, portanto precisa-se abrir espaço para discussões acerca, pois somente assim se achará as melhores expectativas.

Acredito que, para uma influência positiva, um fator importante é a promoção da democracia dentro dos espaços por onde a criança passa, enquanto princípio da Educação Ambiental composta pela criticidade. Através da escuta das vozes de todos sujeitos, do reconhecimento das diferenças culturais e do respeito aos seus interesses e desejos.

Ao pensar as infâncias e juventudes nos tempos atuais, compreendo que, ao realizar uma pesquisa, onde o foco são as crianças e jovens, muitas informações podem contribuir para se repensar os papéis que ambos estão ocupando. Para que as relações sejam mais democráticas e se busque levar em consideração as vozes de todos, escutando nossas crianças e jovens, buscando uma aproximação para o surgimento do sentimento de pertencimento aos ambientes de convívio e ao planeta.

A contribuição de se realizar uma pesquisa que enxerga crianças e jovens se torna fundamental, quando precisamos ter certeza que as crianças têm uma opinião bem definida sobre suas condições de estar nos ambientes, elas não estão ali somente porque alguém quis assim, mas sabem ser críticas a salientar o que as agrada ou não e também o que poderia se tornar melhor para elas. A pesquisa também se torna importante para se pensar os espaços escolares, pensar o trabalho pedagógico mais significativo e a construção de um ambiente novo, com e para os sujeitos que estão ali e, colocar em prática as reflexões que são, muitas vezes, escritas em trabalhos de pesquisa.

É preciso um olhar mais cuidadoso para perceber que a sala tanto é do/a professor/a quanto das crianças e jovens, organizando junto com esses sujeitos os projetos em Educação Ambiental, não só com a intenção de valorizar o direito das crianças em intervir nos

ambientes em que frequentam, mas também, melhorar as relações entre professor e educando e transformar a escola em um espaço efetivamente democrático. Portanto, estamos em um momento pelo qual as crianças estão alertando o mundo com seu ponto de vista, mesmo que estejamos contando com sujeitos que tem uma escuta sensível, capazes de reconhecerem a competência delas na construção de um bairro ou cidade melhor.

3.2. As dimensões sobre outras pesquisas com crianças e jovens no campo da Educação Ambiental

Apresentarei aqui discussões sobre o tema de pesquisa em questão, mostrando outras pesquisas próximas ao meu tema. A intenção é fazer um breve diálogo, e compreender outras dimensões relacionadas ao tema de pesquisa, crianças e jovens interagindo e participando diretamente das questões ambientais. Assim, no presente estudo pretendo entender de que forma, a participação da criança e do jovem está sendo interessante para transformar a sua realidade e consequentemente, construir um futuro mais democrático e igualmente sustentável para todos. A luta, neste sentido, ultimamente, tem sido permanente e constante, pois, à medida que um passo que é dado para frente, surge novas problemáticas a serem resolvidas, parece ser uma questão humana, estar sempre lutando por melhorias para todos. A busca não pode ser enfraquecida, além de evoluirmos como seres humanos, necessitamos melhorar o planeta, buscar uma consciência entre desenvolvimento e sustentabilidade, pensando no agora e no futuro. Sobre este processo, o que pensa a criança e jovem sobre o seu futuro? O que está pensando sobre seu presente? Essas questões, serão debatidas durante vários momentos da presente pesquisa.

Para entender melhor como estão sendo realizadas as pesquisas sobre infância e juventude, decidi realizar uma pesquisa no Banco de Teses da CAPES (<http://bancodeteses.capes.gov.br/#>), no primeiro semestre de 2023, entre os dias 10 a 16 de Março de 2023 com a intenção de encontrar pesquisas que realmente trazem a palavras da criança e do jovem. Foram localizados trabalhos de dissertações e teses, que desenvolveram pesquisas próximas ao estudo em questão. Ao total, entre todas as palavras-chave utilizadas na busca, encontrei muitos resultados, entre dissertações e teses. Acredito que essas palavras-chave, estão dentro das pesquisas, mas isso não significa que elas priorizam a fala e expressões das crianças e jovens.

Para filtrar a busca, utilizei palavras-chave específicas para facilitar este processo: “Infância e Educação Ambiental”; “Educação Ambiental e Infância”; “Educação Ambiental e Crianças”; “criança protagonistas”; “Protagonismo das infâncias” e “Vozes das infâncias”. Verifiquei que nos últimos anos, nem todas alcançavam a prioridade citada acima.

O movimento por realizar esta pesquisa surge no momento em que a vontade de conhecer outras realidades, motiva a constatar e a conhecer as pesquisas mais relevantes que se aproximam do tema da presente investigação e também quando se percebe, como docente, a importância por exercer a pesquisa, dentro do processo de formação contínua e permanente, ampliando o conhecimento, ou seja, enquanto busco, apreendo e diálogo com a minha constituição profissional. De acordo com Freire (1996): [...] “Pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (FREIRE, 1996, p. 14). A partir das pesquisas encontradas, iniciou-se a leitura para encontrar elementos que se aproximassem do fenômeno de pesquisa. Foram destacadas as pesquisas mais próximas à área, relatando seus objetivos, justificativa, metodologia, autores abordados e resultados encontrados.

Dentro da categoria “Infância e Educação Ambiental”, encontrei o seguinte trabalho, que dentro dos critérios já estabelecidos, é o que mais se aproxima da pesquisa que será realizada. A autora, Belissa Saadi Vieira, orientada pela Professora Da. Vanessa Caporlândia, realizou em 2012, uma investigação etnográfica com crianças nos espaços de recreação da Educação Infantil do CAIC/FURG. O grande objetivo da pesquisa é a compreensão das manifestações culturais e ambientais das crianças nos espaços dos recreios, analisando as brincadeiras, gestos, falas e atitudes, evidências da presença destas manifestações entre as crianças e compreender suas relações, sentimentos e significações nos espaços de recreação, caracterizados como ambientes e territórios. (VIEIRA, 2012). A justificativa pelo tema de pesquisa está no decorrer do trabalho, como a pesquisadora mesmo fala na introdução. O referencial teórico da pesquisa contou com o entrelaçamento das discussões da Educação Ambiental, Geografia da Infância e Sociologia da Infância, onde traz como autores principais: Abramowicz; Oliveira (2010), Ariès (1981), Castro; Kosminsky (2010); Corsaro, (2009); Sarmiento (2005, 2007); Lopes; Vasconcellos (2006); Brandão (2005); Guattari (1990); Reigota (2009), entre outros. Como resultado, os dados revelaram o quanto as crianças

exploram e transformam estes ambientes e territórios, ultrapassando os lugares que lhes são destinados pelos adultos.

Na categoria “Educação Ambiental e Infância”, encontrei apenas um trabalho que mais se identificou com a ideia de as crianças terem voz. A autora, Aline Gevaerd Krelling apresentou a pesquisa intitulada, “Quando pesquisa e brincadeira se encontram: reinventando a poesia de Manoel de Barros no cotidiano escolar”, em 2012, Mestrado em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas, orientada pelo Prof. Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto, defendida em 2012. Segundo a autora, ela buscou entrelaçar literatura, educação ambiental e infância, criando oficinas pedagógicas com/sobre a poesia de Manoel de Barros que foram desenvolvidas com alunos e alunas de séries iniciais. O encontro permitiu identificar outra forma de pensar a educação ambiental, menos prescritiva e mais aberta as diferentes relações que construímos com a natureza, com o outro, com o mundo. Ela desenvolveu as oficinas que foram registradas através de um diário, narrando a atmosfera dos encontros, os sentimentos que perpassaram esses momentos, as descobertas, os conflitos. Como referencial teórico, contou com os autores: Barros (2008); Reigota (1994); Barcelos (2008); Larrosa (2006); Carvalho (2002); Guimarães (2006); Barcelos (2001), entre outros. Portanto, os resultados mostraram que as crianças tem um olhar sensível quanto ao ambiente natural que permeia a escola, provando isso através de fotografias.

Na categoria “Educação Ambiental e Crianças”, foram encontrados 802279 resultados, porém, algumas pesquisas se aproximam do tema principal. Destaca-se as pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG, onde há discentes interessados em estudar a relação de Infância e Educação Ambiental.

Temos a primeira pesquisa, uma dissertação realizada na Universidade Federal do Rio Grande e defendida em 2016, de autoria de Eliane Lima Piske, sob orientação da Profa. Dra. Maria Angela Mattar Yunes. Apresenta um diálogo entre os principais autores: Bronfenbrenner (1996, 1998, 2011); Ceconello; Koller (2004); Corsaro (2011); Freire (1996, 2014); Rousseau (1995); Cruz (2008), entre outros. O objetivo principal é compreender as percepções de crianças sobre o acolhimento institucional numa perspectiva bioecológica. A autora destaca que a literatura na área é bem escassa, por isso surge a inquietação de compreender as instituições de acolhimento sob o olhar de crianças em situação de risco pessoal e social, pois quando a agressão ocorre no seio familiar e as crianças e adolescentes são encaminhadas às instituições de acolhimento. (PISKE; YUNES, 2016). Os resultados demonstraram que as instituições de acolhimento são percebidas pelas crianças como um lugar de disciplina, como imposição de regras e de ambivalências nas práticas educativas.

A pesquisa seguinte é outra de suma importância, realizada dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e defendido em 2010. É uma Dissertação intitulada: “Significados e sentidos da Educação Ambiental para as crianças da Educação Infantil”, de autoria de Daniele Jardim Barros, orientado pela Profa. Dra. Susana Ines Molon. O foco da pesquisa é a relação entre Educação Infantil e Educação Ambiental. Daniele justifica a escolha do tema pela sua própria experiência de vida, já que salienta que a escolhe pela sua profissão (professora) que se deu desde a infância, além de inquietações que surgiram durante a graduação e uma disciplina de infâncias realizada como aluna especial no PPGEA. A autora busca dialogar com o campo da Abordagem Sócio-Histórica, entre os autores: Cruz (2008); Reigota (1994); Barcelos (2008); Muller (2004); Loureiro (2004); Molon (2003; 2009); Vigotsky (1984; 1990; 1993; 1994; 1998; 2001; 2009), entre outros. Os significados sobre a Educação Ambiental para as crianças permeiam algumas questões sócio-ambientais como o desperdício, a reciclagem e o meio ambiente, os quais são tratados por elas com criticidade nos diálogos estabelecidos. Sendo que os sentidos atribuídos pelas crianças permeiam princípios de EA para a turma como amizade, regras de convivência, participação, responsabilidade, autonomia e diálogos. (BARROS, 2010).

Agora, se destaca uma tese intitulada: "A Educação Ambiental na busca do escutar: o encontro com a infância", de autoria de Eliane da Silveira Meirelles Leite, defendida em 2014, também pelo PPGEA – FURG, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Galiuzzi. Eliane destaca que compreender as relações que as crianças estabelecem ao desenhar. Foi importante para entender a fala das crianças, tendo as suas narrativas como material de análise, buscando a aproximação do campo da Sociologia da Infância com o da Filosofia. Justifica que seus caminhos como professora/pesquisadora levaram a este trabalho, no momento em que se prontificou a aprender a escutar as crianças. Ela defende que esta é uma tese na Educação Ambiental por conta da possibilidade da escuta favorecer um encontro e, com ele, a transformação das relações, sendo mais horizontais e mais interativas. A tese produzida nessa pesquisa e o escutar potencializa o encontro com a infância e, com ele, a transformação das relações dos adultos com as crianças. (LEITE, 2014).

Na busca pela palavra-chave “vozes das Infâncias”, encontrei 841053 resultados. Mais uma vez, pouquíssimas pesquisas se aproximam do assunto tratado nesse projeto de tese. Acredito que a enorme quantidade de resultados não compreende especificamente o tema protagonismo da infância, ao verificar vários títulos, percebi que a maioria está longe do tema protagonismo e, lendo os resumos, entendi também que a grande maioria nem traz a criança como principal, trazem falas e pensamentos de adultos sobre as infâncias, o que se torna totalmente inverso a intenção da presente pesquisa.

Encontrei a seguinte Dissertação: Percursos de uma investigação com crianças: o que as vozes infantis têm a nos ensinar?, Autoria de Renata dos Santos Melo, sob orientação da Profa. Dra. Maria Tereza Goudard Tavares, construída dentro do Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - Instituição de Ensino da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2013.

A autora o constrói a sua pesquisa de forma a compreender sobre como a criança e a infância eram consideradas, principalmente no campo acadêmico, e como contemporaneamente as experiências infantis podem e devem ser legitimadas. Ela procurou dialogar com os autores da Sociologia da Infância: Corsaro (2009); Pinto (2007); Sarmento (2009) e também, com autores que abordam sobre o lugar da infância, Kohan (2007); Benjamin (2009); Larrosa (2002). Como resultado da pesquisa, Renata encontrou Em encontros chamados de conversas compreensivas as crianças foram capazes de comunicar seus saberes e o modo como leram e interagiram com o universo pesquisado, nos mostrando caminhos para se pensar uma escola de Educação Infantil na qual, adultos e crianças possam compartilhar a experiência educativa. (MELRO, 2013).

No Brasil, a percepção geral que encontramos sobre as infâncias, bem como sua interconexão com a Educação Ambiental, ainda é pouco investigada. Os estudos encontrados surgem do conhecimento de algumas pesquisas de Mestrado, em sua grande maioria, advindas do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, onde há uma corrente de estudos com um forte comprometimento com às infâncias. Os pesquisadores compreendem a infância como uma categoria da vida importantíssima, onde é desenvolvido o caráter e amor pelo planeta. Importante lembrar que as crianças são no agora, quem elas precisam ser.

A produção teórica em relação às infâncias não é escassa, porém, na perspectiva Ambiental, as infâncias são pouco percebidas e estudadas a partir da perspectiva do próprio sujeito. A maioria das pesquisas encontradas estão relacionadas a adultos falando sobre crianças e infâncias. Eles utilizam seu conhecimento de mundo, para falar pelas crianças, mas

poucos já tiveram a clareza que a importância da construção de pesquisas com as crianças é muito mais verdadeira do que os adultos falando por elas.

Enquanto professora/pesquisadora procuro aprofundar e ampliar o conhecimento sobre o fenômeno escolhido, por entender que minha qualificação como docente é melhor resinificada quando conheço outras realidades. No momento em que busco, reflito e diálogo com a minha constituição e experiência profissional. Pesquisar é o movimento de conhecer o outro e ampliar o conhecimento, conseqüentemente, se realmente apreendemos, evoluímos como ser humano.

Da mesma forma que pesquisei a categoria infância, foi realizada a busca por palavras-chave de pesquisas que envolvam a juventude, pois em minha pesquisa, além de trazer a infância, também trago discussões e diálogos sobre juventude. Percebi que há poucos trabalhos na área de Educação e muito menos, na área da Educação Ambiental que exploram o tema juventude e jovens. Torna-se assim um tema de pouco interesse por parte dos pesquisadores e assim, ainda um tema novo. Ao pesquisar as palavras-chave: “Educação ambiental e juventude” e “Educação ambiental e jovens”, não encontrei nenhum resultado. Após, procurei por “Vozes da juventude” e encontrei um resultado.

Pesquisa com o título: História da África, Identidade e Cultura Afro-brasileira na Escola: Uma análise do projeto Aruanda - a voz da juventude negra, Dissertação defendida em 2017, pelo Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEEVALE, de Novo Hamburgo, RS, de autoria de Caroline Tomanchieviez,. Orientado pela Profa. Dr. Margarete Fagundes Nunes. O objetivo da pesquisa foi analisar de que forma o projeto Aruanda: A voz da juventude negra colaborou para o fortalecimento da identidade afro-brasileira e o aprendizado acerca da história e da cultura afro-brasileira para alunos negros e não negros. A autora utilizou como principais autores, para realizar uma conversa sobre identidade e cultura negra: Guimarães (2011); Gusmão (2000); Figueiredo (2002); Freire (1974; 2001); Faria (2011); Munanga (2016; 2016b; 2014; 2003; 1996; 2008; 2001; 2010), entre outros. Os principais resultados que observei nessa pesquisa foram as narrativas infantis sobre discriminação, história da África e as mudanças depois do desenvolvimento do projeto Aruanda, realizado pela pesquisadora na escola.

Na procura pela palavra-chave “jovens protagonistas”, encontrei 17 resultados e resolvi destacar dois trabalhos, nos quais estão de acordo com a minha pesquisa. O primeiro é uma pesquisa realizada pelo Mestrado Profissional em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento local na Amazônia da Universidade Federal do Pará, em Belém, PA, pela

pesquisadora Paula Raquel Almeida Pessoa, intitulada: *Protagonismo Juvenil no Processo de Educação Ambiental: um estudo de percepções com o coletivo jovem de meio ambiente do Pará*. Defendida em 2017. Pesquisa orientada pela Profa. Dr. Marilena Loureiro da Silva. Os principais eixos que orientam a pesquisa referem-se a discussões sobre Protagonismo Juvenil; Percepção e Educação Ambiental, sendo esta abordada em uma perspectiva crítica. Infelizmente, não pude realizar um aprofundamento na pesquisa, pois a autora não autorizou a sua divulgação.

O segundo trabalho encontrado refere-se à relação política e a participação do jovem: “Participação Social e Política de Jovens: percursos e experiências educativas”, pesquisa realizada por Sebastião Everton de Oliveira, orientado pela Profa. Dra. Karla Cunha Padua, realizada pelo Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, em 2015.

O seguinte trabalho traz como autores, nos quais ela estabelece um diálogo para fundamentar sua pesquisa: Abramo (2005 2005b; 1997; 1994;); Arroyo (1999; 2002); Bourdieu (1998); Freire (1979; 1996); Larrosa (2002; 2003; 2004); Minayo (2001; 2009); Salva (2006), entre outros. O autor salienta que além das motivações advindas de sua trajetória de vida, a literatura que revela a situação dos jovens na educação básica hoje no Brasil e que problematiza o papel social dos jovens também se apresentou como essa motivação para este estudo. O entendimento sobre as narrativas juvenis apontou como resultado que as experiências de participação produziram sujeitos que tem a intenção de transformar o mundo e outros jovens e que atribuem à educação lugar privilegiado de suas ações e reflexões.

4. O JOVEM COMO SUJEITO SOCIAL AO LONGO DO TEMPO: DIVERSIDADE DE JOVENS E JUVENTUDES



Fonte: SINESP⁹

A categoria *juventude* assume distintas denotações ao longo do tempo, por ser um conceito histórico. Proponho olhar o jovem para além de suas atitudes, pois jovens são sujeitos distintos e estão respaldados nas suas vivências e experiências. Hoje em dia, muitos fatores fazem com que o jovem seja visto com preconceito, pois nos deparamos nas mídias com uma série de imagens a respeito da juventude que acabam interferindo na nossa maneira de compreendê-los. Uma das mais aprofundadas é a visão de que o jovem é “delinquente”, rebelde, outra visão é rotular o jovem que vive na periferia, como alguém sem perspectivas e outra, é a visão do “vir a ser”, de modo geral, a sociedade não dá credibilidade à opinião do jovem e espera que este logo se torne adulto, pois acreditam somente no futuro, que na passagem para a vida adulta, suas atitudes tomarão o sentido dos seus atos no presente. “A juventude ainda não chegou a ser”. (SALEM, 1986).

Com base nessas inquietações, para compreendermos como sociedade vê a juventude e os jovens atualmente, pretendo apresentar e discutir como os jovens, enquanto sujeitos sociais vêm construindo sua identidade durante os anos, baseados em seu cotidiano.

Na antiguidade, meninos e meninas romanas, ao completar 12 anos tinham destinos diferentes. As meninas eram encaminhadas para o casamento e os meninos de famílias abastadas davam continuidade aos estudos. Aos catorze anos, trocavam as roupas usadas

⁹ <https://www.sinesp.org.br/noticias/aconteceu-no-sinesp/9986-antirracismo-cresce-no-mundo-e-governo-brasileiro-vai-na-contramao>

durante a infância, colocando roupas apropriadas para os homens adultos e além de adquirir o direito de fazer tudo que um jovem gostava de fazer. Aos dezesseis, podia escolher pela carreira pública, entrar no exército. As fases da juventude eram: *adulescentia* entre os seus 15 e 30 anos e *iuvēnta* dos 35 aos 40 anos. (CASSAB, 2011).

Já na Idade Média as fases etárias eram associadas às estações do ano: a infância seria a primavera, a juventude o verão, momento das tempestades e do calor, a “idade média” o outono e a velhice, o inverno. (CASSAB, 2011, p. 149). Dentro de cada fase, havia a classificação por idade: A infância ocorria do nascimento até os sete anos, quando o sujeito passava para a *pueritia*, idade que ia até os 14 anos. Já a *adulescentia* correspondia ao período dos 14 aos 21 anos, a *iuvēntus*, dos 21 aos 35 anos e a *virilitas*, dos 35 aos 55 anos.

Assim, podemos perceber que a juventude desde a Antiguidade, é associada à necessidade de constante vigília e controle. De acordo com Cassab (2011), a juventude é frequentemente atrelada a desordem, irresponsabilidade, a violência e ao perigo, o que gera desconfiança e descrença quando um jovem toma posição de liderança frente a sociedade. Sendo assim, na antiguidade e idade média, era papel da sociedade disciplinar e conduzir seus corpos para os exercícios úteis e, principalmente, fazer com que se casassem. O casamento era visto como a única forma de conter as “explosões juvenis”. (CASSAB, 2011). Podemos notar que essas características negativas, como a rebeldia, irresponsabilidade, desinteresse, crise, instabilidade afetiva, problemas emocionais, descontentamento, agressividade, descaso, impulsividade, e introspecção passam a ser sinônimos da juventude até os dias de hoje.

Nessa perspectiva, o olhar que se dá ao jovem pobre se torna mais acentuado, uma preocupação disfarçada por um sentido moral e embasada em pesquisas desatualizadas, que ajudaram tal visão inerente a sociedade. É dessa forma, por exemplo, que algumas pessoas acreditam que estes jovens estão destinados a uma história de fracasso escolar, seguido pelo caminho da violência, ao crime, a atitudes amorais, aos vícios e/ou a continuar suas vidas sem muitas expectativas e sonhos. Em contraponto a esta visão, há uma distinção social quanto aos indivíduos oriundos de “boas” famílias, se pensa que estes tenderiam naturalmente a desenvolver características virtuosas: como ter um bom caráter, trabalhadores, honestos, entre outros, diferentemente daqueles oriundos das famílias mais pobres, que acredita-se levarem uma má herança. A partir dessa noção eram tecidos os olhares preconceituosos e cheios de “achismos” com a pobreza e com os pobres. Por isso, é tão importante a existência de políticas públicas que incentivem o jovem pobre a sair da linha da pobreza.

A juventude como conhecemos hoje (REGUILLO, 2000), onde os jovens surgiram como sujeitos de direitos e sobretudo como sujeitos de consumo. É apontado por muitos como

um momento divisor de águas na constituição desta categoria social, em especial, a partir dos anos de 1960, com os movimentos de contracultura que passam a questionar os moldes sob os quais se assentavam as sociedades ocidentais, nas suas mais variadas dimensões. Movimentos estudantis surgiram por uma luta por direitos e visibilidade social, que se transformaram em movimentos sociais e políticos, que tiveram em sua maioria os jovens como participantes e protagonistas.

No decorrer da história, podemos perceber o quanto esses indivíduos se esforçaram para se sentir incluídos a um grupo, a um lugar, como uma condição essencial para a construção de suas identidades, formas de reconhecimento de seus pares e distinção dos demais – clubes, festas, sites, espaços públicos, estilos de roupa e formas de se comportar, músicas, linguagem particular.

Parece que o controle e a disciplina que a sociedade sempre exerceu sobre as juventudes ainda existem em pleno século XXI, e os sentimentos oriundos dos jovens, tais como: seus desejos, seus impulsos, sua imprevisibilidade, precisam ser controlados e disciplinados. Por quê? É uma questão que vem sendo discutida como um problema e um campo de intervenção das ciências, psicologia, pedagogia, e das políticas públicas. Na maioria dos casos, acredita-se e discute-se apenas o lado negativo da juventude.

Portanto, a manifestação de uma juventude libertária, que se mobiliza contra o que considera errado e injusto, parece contribuir para confirmar essa concepção negativa. Alguns adultos esquecem que foram jovens, deixam de sonhar e lutar por uma vida melhor, vivem como se fossem andróides, acabam se conformando com uma vida que não desejaram e isso é um ponto para menosprezar a juventude. Lembrando que durante os anos tivemos um número relevante de jovens em manifestações. As manifestações dos estudantes, o movimento a favor da preservação da natureza, movimentos de contestação às condições sociais e políticas, o movimento hippie, e fora isso, o aumento da delinquência juvenil também contribuem para tornar a juventude um problema social.

Jovens são seres humanos que vivem o agora, divertem-se, amam, sofrem, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, se revoltam, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. “Os aspectos singulares e concomitantemente plurais da experiência do dia a dia se manifestam nas paisagens afetivas onde o cotidiano dos jovens se revela.” [...] (KONTOPODIS, 2015, p. 275). Acredito que essas juventudes não são apenas construídas, mas também distintivas, dos movimentos que participam, protagonizam e também quando esses cidadãos jovens não participam, mas quando seu presente e seu futuro são transformados pelos movimentos de forte presença

jovem. Assim, é nesse processo e não desistência do mesmo, que cada jovem vai construindo a sua identidade e sendo construído como ser humano: um ser singular que se manifesta no social, o transformado em representações e práticas, que reflete, age e dá sentido ao seu mundo e às relações com os ambientes que interage.

Os jovens sempre vão questionar as relações de poder estabelecidas, uma vez que os grupos que integram os diferentes movimentos são heterogêneos em sua organização, divisão de trabalho, e organização do tempo e do espaço, a causa da luta se torna comum e objetiva, a busca pela igualdade social. Esses jovens instituem uma política radical que é o fundamento do que podemos chamar de movimento constituinte dos movimentos regionais e/ou nacionais.

Portanto, creio que a representatividade das juventudes pertencentes a movimentos sociais busca por fortalecer e aumentar a sua atuação política. Para Barcelos (2021), os ambientes dos quais esses jovens fazem parte e interagem são movimentados pelas próprias relações que esses sujeitos estabelecem com seu território, com o movimento do qual fazem parte, com as pessoas, com suas comunidades e também com o modelo socioeconômico de desenvolvimento.

A seguir, apresento os jovens participantes, que representam distintos movimentos sócios, rurais, indígenas, suas contribuições e sua relação com a Educação Ambiental.

4.1. As participações e o protagonismo das crianças e jovens no mundo

Realizei o mapeamento em meios midiáticos sobre crianças e jovens personalidades que se destacam pela participação em movimentos socioambientais e também que ocupam lugar de destaque na sua comunidade, lutando por melhor qualidade de vida. O mapeamento foi realizado através de reportagens, entrevistas, blogs e sites.

Para melhor entendimento de suas manifestações, participações e ações, precisamos, primeiramente, compreender a diferença entre participação e protagonismo, desta forma, antes de conhecermos os resultados deste mapeamento, irei abordar sobre participação e protagonismo.

O protagonismo das crianças e jovens é um movimento que está se constituindo historicamente advindo da América Latina, a partir da ideia da participação das crianças nos movimentos sociais na década de 1960. O tema, atualmente, que envolve a condição da criança como sujeito de direitos está tomando visibilidade, se tem buscado realizar estudos

com as crianças e jovens e a escuta sensível é a ferramenta mais utilizada. A postura incisiva que as novas gerações estão apresentando diante de questões importantes, tais como: política, problemas ambientais, injustiças sociais, entre outros.

Apesar de notarmos agora o interesse em estudar a questão, é importante salientar que é uma corrente que surgiu há muito tempo. Em meados da década de 1960 ocorreram na América Latina, movimentos sociais, ligados à Educação Popular, compostos por crianças e jovens trabalhadores, que lutavam por melhores condições de vida.

Esta nueva corriente sobre la niñez, está centrada en los niños “marginados” y “explotados”, los cuales lejos de lamentar sus condiciones de exclusión, comienzan a reivindicar su reconocimiento como sujetos de derechos capaces y protagonistas de su desarrollo, incluso mucho antes de la existencia de la Convención. El discurso sobre el protagonismo infantil se alimenta de las fuentes del protagonismo popular en América Latina que agrupa a diversos colectivos que luchan por la mejora de sus condiciones de vida, entre otros, campesinos sin tierra, habitantes de barrios pobres en las ciudades, minorías indígenas etc... (ALFAGEME; CANTOS; MARTÍNEZ, 2003, p. 47).

Para definirmos e entendermos a diferença entre participação e protagonismo, precisamos compreender primeiramente as diferenças entre essas categorias, além de apreender que o protagonismo é o ápice de uma participação que acontece quando essa questão é bem trabalhada desde tenra idade.

No estudo que realizei durante o Mestrado, com a participação das crianças, os resultados foram evidenciados através delas próprias. As crianças participantes da pesquisa deixaram claro que a sua participação é extremamente importante para a construção de uma escola democrática que, na qual, desperte o sentimento de pertencimento aquele ambiente. Algumas deixaram claro que o aprendizado se torna mais difícil em um ambiente que é construído por adultos, muitas vezes com a decoração e organização que agrada o próprio adulto. Elas criticaram através de várias linguagens, verbal e corporal, o sistema de educação da forma que acontece.

Assim, percebo que eles gostam do ambiente da escola, mas não apreciam muito, a forma pela qual são trabalhadas e organizadas as disciplinas. Outras falas que deixam isso evidente: - *Às vezes brincar, porque ficar só na sala é ruim. Lá no terceiro. No terceiro, a gente ainda fazia umas brincadeiras.* (G). - *A gente nem tem mais professor de Educação Física. Ele foi embora.* (D). (SILVA; GARCIA, 2017, p. 70).

A escola que os adultos construíram não é espaço democrático para crianças e jovens. O ambiente escolar é muito semelhante, a escola de outras décadas, a disposição da sala, a postura de alguns professores, algumas metodologias ainda estão presentes. A sociedade crê em um professor que deve assumir uma postura autoritária, de um saber inalcançável; a ausência desse perfil, implicará no não aprendizado dos educandos.

Essa percepção é evidente em outros ambientes, as crianças e jovens não participam, não expressam sua opinião. Há um preconceito e até mesmo certo desprezo por seus conceitos diante a assuntos sérios. O protagonismo é um caminho percorrido, onde o ponto de partida é a participação, o respeito e a compreensão. É uma experiência que se enriquece constantemente pelas experiências dos atores sociais em suas comunidades.

A participação das infâncias e das juventudes é um dos caminhos para alcançar o protagonismo, ao lado de outros conceitos, tais como: responsabilidade social, cidadania, autonomia e expressão das crianças e jovens (GAITÁN, 1998). Posso ressaltar que separar o protagonismo da participação é problematizar que nem toda expressão ou participação das crianças e jovens de fato é protagonismo, na prática, o protagonismo está ligado ao desejo e a ação de transformação do sistema. Já a participação, é o momento no qual os sujeitos têm a possibilidade de definir de forma democrática em distintos ambientes.

Reconhecer as crianças e jovens como sujeitos de direito implica no entendimento que eles são indiretamente afetados por acontecimentos criados, decididos e verticalizados por adultos, sejam eles econômicos, políticos, tecnológicos, culturais. Assim, considerar a participação como ação importante é enfatizar a cidadania da criança e do jovem.

Todas las personas, independientemente de cuán pequeñas sean, tienen derecho a participar en su propia vida, en influir en lo que los sucede, a intervenir en la creación de su propio ambiente, a efectuar elecciones y a lograr que sus opiniones sean respetadas y apreciadas. (LANSDOWN, 2005, p.45).

Fica clara a importância de mobilizar a efetiva participação infantil e juvenil pelos seus direitos e melhor qualidade de vida. Assim como os adultos, crianças e jovens tem direitos, e precisamos de estudos que mostrem a elas o que precisam fazer diante as injustiças nas suas vidas. Os adultos precisam entender que ninguém tem o direito de prejudicar, silenciar ou impedir que eles participem inteiramente da sociedade.

Protagonismo, historicamente, está atrelado a diversas questões sociais, políticas, e culturais, assumindo vários entendimentos, dependendo do sentido ideológico de cada grupo social. Assim, ressalto a relevância do estímulo à criança, desde a Educação Infantil a se

tornar participante e presente nas questões que as envolvem, já que, elas vivem no mundo agora. Esse estímulo depende geralmente de adultos comprometidos, sejam educadores ou famílias, com a construção de um sistema mais democrático, que respeite as minorias, que já são tão massacradas por esta sociedade. O entendimento que crianças e jovens também são capazes de expressar o que realmente estão sentindo e de escolher o que é melhor para suas vidas, envolve liberdade de escolhas; liberdade de pensamento; liberdade de acesso a informação.

Vários autores vêm defendendo que o protagonismo é a participação com um toque especial de dinamismo (HART, 1992; GAYTÁN, 1998; CUSSIANOVICH, 2001; ALFAGEME; CANTOS; MARTÍNEZ, 2003; VOLTARELLI, 2018), ou seja, aquele sujeito que ocupa um papel de liderança, que cria um movimento e conduz os demais participantes, seja para os assuntos que tratam de pontos que ajudarão as pessoas a terem uma vida melhor, ou que levarão a situações que agravam a qualidade de vida.

Quando realizei o convite para dialogar com jovens protagonistas, para discutir sobre aspectos que dizem respeito a sua vida, ficou claro que a ação produtiva que envolve principalmente a juventude é o caminho necessário para a construção de políticas para a juventude. No diálogo realizado com os jovens, pude conhecer um pouco de cada universo e compreender a sua realidade.

Os jovens devem ocupar permanentemente os espaços genuínos a eles, com direito de serem os idealizadores de sua história e consequentemente, contribuir na história do Brasil. Acreditar na força transformadora da juventude, trazer a tona os espaços que eles já ocupam, ampliá-los e construir novas possibilidades para reuni-los, é promover oportunidades para a expressão criativa e responsável é fazer a manifestação do protagonismo juvenil.

É importante lembrar que a implementação do protagonismo juvenil, envolve desenvolver a inclusão de jovens que se encontram em estado de vulnerabilidade social. Essa é uma responsabilidade que se torna fundamental para diminuir as desigualdades sociais e diminuir a distancia entre as juventudes privilegiadas daquelas que vivem situações de exclusão, podendo elas assim, se tornarem protagonistas.

O mundo adulto observa com desconfianças essas manifestações juvenis, e seus protagonistas, são, de pronto, resultados de “rebeldes sem causa”, expressão que, no fundo, quer significar “sem vinculação com ideias pré-estruturados pelas gerações precedentes”. (COSTA; VIEIRA, 2016, p. 163).

A ideia de protagonismo que pensamos nessa pesquisa, envolve dentro dos princípios da convivência democrática, o jovem atuante, posicionando-se politicamente, mas não só com ideias, mas principalmente com ações concretas. Os movimentos juvenis protagonistas produzem transformações na ordem social. O protagonismo autêntico é um compromisso com a democracia, quando um jovem alcança o protagonismo, podemos ter a certeza de que a etapa de vivência social e a responsabilidade se concretizaram como pleno desenvolvimento do sujeito.

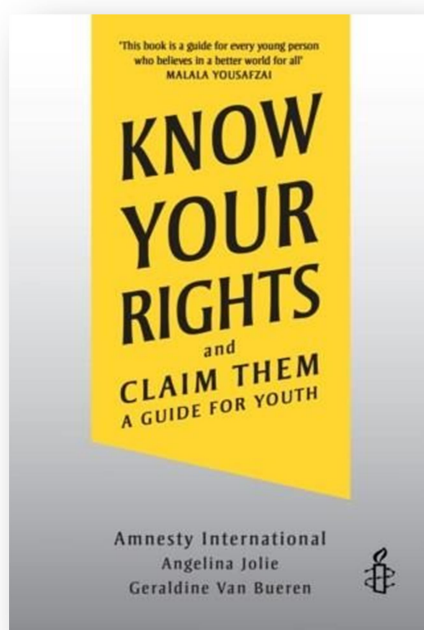
O protagonismo juvenil, dependendo do ambiente, poderá ter incentivo e apoio, ou atitudes de desconfiança, desrespeito e tentativas de controle de comportamento, o que pode causar desmotivação. O primeiro ambiente que a participação e a construção do protagonismo devem ser incentivados, caso não ocorra na família, é a escola.

A escola, primeira etapa do ingresso dos seres humanos na esfera pública, é o ponto de partida necessário e fundamental para o envolvimento dos adolescentes com questões que aparentemente – apenas aparentemente, reitero – não lhes dizem respeito. (COSTA; VIEIRA, 2016, p. 177).

Neste sentido, respeitando e praticando a democracia em todos os âmbitos, a escola pode ser um processo de constituição de sujeitos autônomos, críticos e agentes e solidários ao coletivo. A educação pode considerar programas de participação, nos quais destaquem-se protagonistas, dispostos a saírem de seus microssistemas, para se comprometerem em níveis mais profundos, agindo assim a favor de uma causa comum.

No ano de 2021, foi lançado um livro organizado pela Amnesty Internacional, a atriz e ativista Angelia Jolie e a advogada de direitos humanos Geraldine Van Bueren, intitulado: “Know Your Rights and Claim Them”¹⁰ (Conheça seus direitos e reivindique-os), que tem a intenção de incentivar as crianças e os jovens a lutarem contra as desigualdades, trazendo claramente os seus direitos, informando como se proteger e proteger uns aos outros, trazendo pessoas comprometidas com o tema, falando a respeito e também, no final da obra, a história de várias crianças e jovens ativistas do mundo inteiro. É um livro voltado a eles e a adultos que estejam preocupados a compreender a importância do assunto.

¹⁰ <https://www.publico.pt/2021/09/02/impar/noticia/angelina-jolie-escreveu-livro-criancas-direitos-1976041>



Fonte: ímpar, setembro de 2021.

Gaytán (1998) define o protagonismo como processo social onde se pretende ver crianças e jovens exercendo o papel principal em seu desenvolvimento e no desenvolvimento da sua comunidade, buscando alcançar a realização de seus desejos, atendendo seus interesses em comum. De fato, a proeminência da criança e do jovem como sujeitos implica a eliminação de alguns paradigmas sociais, a intenção é apresentar uma pesquisa que rompa com esses paradigmas, evidenciando as crianças como construtoras de sua vida social. Assim, defendo que todos os sujeitos tem o direito de interagir e construir seu próprio ambiente, lutando para que suas opiniões sejam escutadas e respeitadas. Para isso, precisamos de líderes do bem, com interesse no melhor para o coletivo, pois o que temos visto neste planeta, é uma competição do maior ego.

No futuro as crianças serão adultos, mas agora, elas são as pessoas de hoje, vivem no presente, são felizes ou tristes hoje. Elas têm os mesmos direitos dos adultos e devem ser respeitadas igualmente. É inadmissível que ocorram guerras nesse planeta e ainda, a falta de aceitação e amor entre os povos, atinge de forma brutal as crianças. A falta de esclarecimento faz com que elas sejam facilmente manipuladas e levadas a fazer coisas que não tem conhecimento das consequências. Elas têm o direito de serem tratadas pelos adultos com iguais, lá em 1927, o pedagogo e médico Janusz Korczak já apontava exatamente isso:

Children are not the people of tomorrow, but people today. They are entitled to be taken seriously. They have a right to be treated by adults with tenderness and respect, as equals. They should be allowed to grow into whoever they were meant to be-the unknown person inside each of them is ours hope for the future. (JOLIE; BUEREN, p. 21, 2021.)

Desta forma, as crianças são dependentes dos adultos, isso é fato. Ao mesmo tempo em que isso traz benefícios, acarreta riscos também. Muitos adultos manipulam, maltratam, exploram as crianças e jovens e o que defendemos aqui é mostrar a eles que podem e devem se defender. Tenho o sonho de que todas as crianças e jovens não sejam vulneráveis as maldades do mundo, vivam suas infâncias e juventudes com amor e proteção, por isso, a emergência de fazê-las participantes e até quem sabe, protagonistas de suas vidas. O protagonismo juvenil significa promoção de transformação social, organização e fortalecimento da sociedade. É envolver-se, opinar e agir diante das questões políticas, executar ações na resolução das questões ambientais, em que estão inseridos.

A seguir, citarei o resultado da busca por algumas reportagens e artigos que trazem os jovens ativistas, dando ênfase aos brasileiros e outros ativistas de países latinos.

A CNN¹¹ Brasil traz na reportagem intitulada: “Greta Thunberg não está sozinha: veja outros jovens que lutam a favor do meio ambiente” do dia 21 de abril de 2021, que além de Greta, outros jovens estão lutando pelas questões ambientais. O artigo apresenta os seguintes jovens: Isra Hirsi, 18 anos, Autumn Peltier, 16 anos, Bruno Rodriguez, 21 anos, Helena Gualinga, 19 anos, Mari Copeny, 13 anos.

O Site (o) eco¹² em 13 de abril de 2021 traz o artigo: “Quem são os jovens ativistas que processam governo por “pedalada climática”. Os seis jovens que assinaram a ação popular impetrada na Justiça de São Paulo são integrantes da rede Engajamundo: Txai Bandeira Suruí (RO), Paulo Ricardo Santos (BA), Paloma Costa (BSB) e Thalita Silva e Silva (AM) – e do movimento Fridays For Future – Marcelo Rocha (SP) e Daniel Holanda (GO). O site G1¹³ também falou a respeito.

O site UOL¹⁴ Meio Ambiente, apresenta a reportagem intitulada: “Greta Thunberg lidera movimento ambiental em 15 países, incluindo Brasil”, de 24 de setembro de 2021, fala

¹¹<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/greta-thunberg-nao-esta-sozinha-veja-outros-jovens-que-lutam-pelo-meio-ambiente/>

¹²<https://www.oeco.org.br/reportagens/quem-sao-os-jovens-ativistas-que-processam-governo-por-pedalada-climatica/>

¹³<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/04/14/jovens-processam-governo-por-pedalada-climatica-e-pedem-anulacao-de-meta-brasileira-no-acordo-de-paris.ghtml>

¹⁴<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2021/09/24/greta-thunberg-movimento-fridays-for-future.htm>

sobre as manifestações lideradas por Greta e dá ênfase a participação de outros jovens ativistas em outras manifestações. O artigo ainda ressalta que a liderança de Greta influenciou outros jovens dos seguintes países a organizar manifestações: Suécia, Quênia, México, Colômbia, Itália, Inglaterra, Serra Leoa, Finlândia, Bangladesh, Índia, Canadá, Holanda e Escócia.

Sobre jovens ativistas brasileiros, G1¹⁵, em 22 de setembro de 2019, traz “Jovem ativista indígena brasileira participa da Cúpula do Clima da ONU”. Uma das participantes mais entusiasmadas da Cúpula da Juventude pelo Clima. O evento que abre a Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada de 21 a 23 de setembro é a brasileira Artemisa Barbosa Ribeiro, também conhecida como Artemisa Xakriabá, com 19 anos, na época.

Em pesquisa no site da UNICEF¹⁶, encontrei alguns artigos falando sobre jovens ativistas. Notícia: Um bilhão de crianças estão "extremamente expostas" aos impactos da crise climática – UNICEF, em 20 de agosto de 2021. Reportagem fala que os impactos ambientais atingem mais as crianças e jovens, principalmente de países da África. Em outra reportagem¹⁷, de 11 de setembro de 2019, traz o adolescente brasileiro que participou da reunião do Conselho Executivo do UNICEF. O brasileiro Felipe Caetano, 17 anos, é um desses dois adolescentes. Ele falou na abertura da sessão, nesta quarta-feira, ao lado da norte-americana Alexandria Villaseñor, de 14 anos; do presidente do Conselho, Omar Hilale; e da diretora executiva do UNICEF, Henrietta Fore.

Em 30 de novembro de 2020, outra reportagem¹⁸ apresenta os jovens selecionados estão recebendo desafios diários para criar projetos que ajudem a resolver desafios enfrentados por crianças e adolescentes, refugiados e migrantes, que vivem em abrigos e espaços de acolhimento em Manaus. A iniciativa é do UNICEF Brasil com o apoio do Impact Hub Manaus e da DePropósito Comunicação de Causas. Edwin Franco, 24 anos, é venezuelano e mora no Brasil desde 2018 e manauara Brunno Siqueira, 22 anos, é um dos jovens selecionados para a iniciativa. Trata-se de uma iniciativa, onde jovens usam seus

¹⁵<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/09/22/jovem-ativista-indigena-brasileira-participa-da-cupula-do-clima-da-onu.ghtml>

¹⁶<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/um-bilhao-de-criancas-estao-extremamente-expostas-aos-impactos-da-crise-climatica>

¹⁷<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/adolescente-brasileiro-participa-da-reuniao-do-conselho-executivo-do-unicef>

¹⁸<https://www.unicef.org/brazil/historias/jovens-do-amazonas-iniciam-fase-de-testes-no-chama-na-solucao-manaus>

conhecimentos para criar soluções sociais digitais que poderão trazer mais qualidade de vida a refugiados e migrantes.

A reportagem de novembro de 2022: “UNICEF e Viração levam três jovens ativistas brasileiros à COP 27 no Egito”¹⁹ do site da UNICEF, destaca a importante presença de três jovens na COP 27, no Egito. Maria Eduarda Silva, do interior de Pernambuco, Victor Medeiros, do litoral paulista, e Tainara da Costa Cruz, do povo kambeba no Amazonas, farão parte de grupo de adolescentes e jovens brasileiros na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climática.

Em julho de 2023, a UNICEF, em seu site traz a reportagem intitulada “UNICEF nomeia Francisco Vera, ativista de 13 anos, como o primeiro jovem defensor do meio ambiente e da ação climática para a América Latina e o Caribe”. Francisco participou da COP 27.



Fonte: UNICEF²⁰

Percebi que as ativistas mais comentadas são a Greta Thunberg e os jovens que são influenciados por ela. Greta, é bastante representada por blogs e sites que falam sobre questões de proteção ao meio ambiente. Blogs como: “Naiara com elas”: “O que aprendi em 20 minutos com Malala”²¹ destacam a trajetória de Malala, e a sua própria biografia, trazem a sua história de resistência. Encontrei no site que estes jovens pertencem a vários países

¹⁹ <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-e-viracao-levam-tres-jovens-ativistas-brasileiros-a-cop-27-no-egito>

²⁰ <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-nomeia-francisco-vera-ativista-de-13-anos-como-o-primeiro-jovem-defensor-do-meio-ambiente-e-da-acao-climatica-para-america-latina-e-caribe>

²¹ <https://naiarabertao.com.br/2020/07/18/o-que-aprendi-em-20-minutos-com-a-malala/>

diferentes, são latinos, do Lêmen, países da África, norte-americanos, britânicos, aqui do Brasil, destacam-se os jovens: Artemisa Xakriabá, Hamangaí Marcos Melo Pataxó, Matsipaya Waura Txucarramãe, Catarina Lorenzo e Luan Torres de Moraes, Rosa Amorim, Mahryan Sampaio, Rosa Amorim, Dálcio Costa, entre outros.

Deste modo, a sociedade é permeada por diferentes etnias, dentro dessas, há culturas, valores, ideologias, religiões, costumes, historicidade, hábitos, leis, entre outros. Dentro dessa diversidade de culturas, constituída por diferentes sujeitos e cada uma dessas culturas enxerga o ambiente de maneira diferente, respeitando, nos percebendo como parte da natureza, utilizando seus recursos na medida certa, outras culturas (que predominam no mundo capitalista e que visam apenas o lucro), exploram os recursos do planeta, desgastando-o, aumentando a fome e pobreza, retirando a esperança de muitas pessoas.

A grande problemática mundial é: vivemos há muito tempo em situação de emergência planetária, então, se torna fundamental perceber que uma Educação é revolucionária quando explora os temas importantes para a humanidade.

Na perspectiva da produção de novas relações dos seres humanos entre si e com a natureza, a educação escolar está comprometida com um desejo e uma necessidade de reestrutura da civilização, com a busca de novos valores que sejam a base e a expressão de modelos de desenvolvimento que não ameacem, mas, pelo contrário, assegurem a continuidade das espécies e a qualidade de vida no planeta. (TIRIBA, 2018, p. 46).

Buscando essa qualidade de vida no planeta, o papel dos educadores, importantíssimo, no sentido que, tem em suas mãos a oportunidade de ajudar os sujeitos a construírem-se como críticos. Assim, um educador preocupado com a causa planetária, pode desacomodar o que parece óbvio, aqueles velhos e presentes valores que ainda determinam a conjuntura sócio-ambiental, formada por uma longa história de dominação e controle do ser humano sobre a natureza.

4.2. Breve pesquisa sobre jovens ativistas

O papel da juventude frente ao ativismo, movimentos sociais, juventudes protagonistas e lideranças de fato é oportunidade de construir um novo futuro. A formulação e a implementação de políticas públicas mais inclusivas, que sejam claras quanto à eliminação das desigualdades entre os jovens. Acreditar no potencial dos jovens é perceber que ninguém

é jovem demais para liderar, é a partir dessas lideranças que podem ser ativistas, políticas ou comunitárias que devemos concentrar nossos principais problemas ambientais, ações, ideias e soluções. Alguns gestores tem a tendência de culpar a força da natureza pelas catástrofes e os problemas ambientais que decorrem desses acontecimentos. Mas vale lembrar que isso é consequência de anos de más gestões e relações desiguais de poder, ambição por poder e lucro a qualquer custo. Enxergamos esperança em meio ao caos e as políticas públicas discutidas e construídas pelos jovens são uma oportunidade de melhorias tanto no presente quanto para o futuro.

Esse ano comemoramos 10 anos do principal documento que defende os jovens, o Estatuto da Juventude (2013) e após esse tempo ainda existe uma longa caminhada para a implementação efetivada importância dos jovens em lugares de destaque na sociedade. Em seu artigo 4º se destaca o direito à cidadania, participação social e representação juvenil.

Para compreendermos o Desenvolvimento Humano, na perspectiva da “pessoa”, a partir da perspectiva de Bronfenbrenner (1996), precisamos observar o que autor aponta: as distintas e múltiplas interações entre pessoas e contextos e os aspectos que este processo envolve, proporcionam analisar que os resultados do meio ambiente vão mais além do imediato. Antes de prosseguir, precisamos entender o que o autor entende sobre o desenvolvimento do sujeito.

A ecologia do desenvolvimento humano abrange o estudo científico sobre as relações mútuas, estabelecidas por uma pessoa que está em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive (BERSCH, 2018). De acordo com esse processo, o sujeito interage com os ambientes e é afetado pelas relações e pelos contextos mais amplos, nos quais os ambientes estão inseridos (BRONFENBRENNER, 1998 p. 18).

Segundo (BERSCH, JULIANO, PISKE, GARCIA, COUSIN, 2018) o autor chama a atenção para o processo de desenvolvimento mútuo, a partir da interação da pessoa com os ambientes: a) a pessoa não é uma folha em branco, que recebe a influência unilateral do ambiente, mas uma pessoa ativa e que ao introduzir-se num determinado contexto vai progressivamente reestruturando-o; b) da mesma forma que recebe influência deste contexto num movimento bidirecional, numa interação mútua caracterizada pela reciprocidade; c) estas interações não se limitam ao contexto considerado mais imediato, mas inclui as interconexões entre os diversos ambientes com os quais a pessoa tem contato de forma ativa ou passiva (BRONFENBRENNER, 1998).

A Abordagem Bioecológica de Desenvolvimento Humano considera os diversos contextos, o tempo e o processo, nos quais o sujeito está inserido para podemos compreender o seu percurso durante a vida e como esses contextos se relacionam e interferem em seu desenvolvimento. (BRONFENBRENNER 2002). Podemos dizer que os jovens pesquisados provavelmente interagem em diversos microssistemas e, quando saem de um microssistema conhecido, para integrar um novo microssistema ocorre um fenômeno de movimento no espaço ecológico, especificamente, uma "transição ecológica" (BERSCH; YUNES, 2009).

Dessa forma, é importante trazer o exemplo inspirador de crianças e jovens que, desde muito cedo são determinadas a lutar por mundo melhor não só para elas, mas para um futuro digno para todos. Trata-se de crianças e jovens que vivem em locais ou são de povos que sofrem mais, as consequências das mudanças climáticas. É uma geração, que desde cedo apresenta uma sensibilidade para perceber que o que está acontecendo na sua volta, atinge a vida de todos, e agem, através de movimentos e convocando outros jovens para participar. Ressalto a seguir, um resumo de alguns corajosos jovens ativistas:

Artemisa Xakriabá, 22 anos, Brasil – Ela é umas das vozes mais significantes de um grupo indígena situado em Minas Gerais, resistente historicamente contra os bandeirantes, os pecuaristas e garimpeiros. Artemisa teve um discurso emergente e forte na Cúpula da Juventude pelo Clima, realizada em Nova Iorque, em 2019, evento que precedeu a importante Cúpula do Clima da ONU. Ela representou as vozes de mais de 25 milhões indígenas da Aliança Global de Comunidades Territoriais, formadas pela Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), COICA (Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica), AMPB (Alianza Mesoamericana de Pueblos y Bosques), AMAN (Aliança dos Povos Indígenas do Arquipélago da Indonésia). O discurso dela ressaltou que os povos indígenas são os que mais sofrem com as mudanças climáticas, “que devemos lutar pela Mãe Terra” e, ainda lamentou que recebeu mais atenção de políticos norte-americanos do que dos políticos brasileiros.

Hamangai Marcos Melo Pataxó, 25 anos, Brasil – Hamangai, do povo Pataxó hã hã hae, luta em defesa dos direitos das comunidades indígenas e tem uma sensível compreensão de que “a floresta é um dos elementos fundamentais para nossa existência, nos cura”. Na aldeia Caramuru, onde passou parte da infância, percebia o quando era difícil ter acesso a água potável, muitas vezes precisavam esperar a chuva, para encher vasilhas. A jovem atualmente é estudante de Veterinária na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). Participou pela primeira vez, em 2015, do Acampamento Terra livre em Brasília, ao lado de outros povos do Brasil.

Matsipaya Waura Txucarramãe, 27 anos, Brasil – Ele é neto do líder indígena, reconhecido mundialmente, Raoni, e já está acostumado desde cedo com a luta pelas causas indígenas, povos que mais sofrem com a degradação do meio ambiente. Vive na reserva Kayapó, no Parque do Xingu, e percebe que a luta está cada vez mais difícil porém, não desanima. Segundo ele, em entrevista ao site Contra os Agrotóxicos: “O território para nós indígenas simboliza a vida. Alguns passarinhos estão sumindo e a nossa relação com o rio está um pouco diferente, o rio Xingu está secando mais a cada dia, as chuvas são menos frequentes também. Por conta dessas mudanças climáticas, a gente já não consegue saber a data certa de colheita daqueles alimentos que estamos acostumados”.

Catarina Lorenzo, 15 anos, Brasil – O amor pelo mar e pelo planeta, surgiu através do esporte apresentado pelo pai dela, o Surf, sempre sensível, observou vários episódios que mostravam a mudança climática. Menciona que um dia mergulhou e percebeu que os corais estavam “brancos” e quanto mais nadava para perto deles, mais a água ficava quente. Ficou incomodada com tal situação, pois viu que aquela situação não era normal. Tudo começou então, com 9 anos, quando uma amiga da sua família, que faz parte da 'Heirs To Our Oceans' ('herdeiros dos nossos oceanos'), uma ONG global de jovens que cuidam dos oceanos, a convidou para falar na ONU, em Nova York, quando então, ela denunciou o Brasil e outros países, juntamente com outros jovens, incluindo Greta, por não estarem cumprindo o compromisso de reduzir as emissões de CO2.

Luan Torres de Moraes, 21 anos, Brasil – A partir das aulas de Filosofia no Ensino Médio começou a refletir sobre a desigualdade social e os problemas ambientais. Vendo que ninguém fazia nada pelas pessoas e preocupados com a fome que as pessoas do seu bairro estavam passando, juntamente com alguns amigos, criou o CASA (Centro de Apoio Social e Ambiental), realizando mutirões para limpar o rio que corta a sua cidade e também teve a ideia de mapear e plantar árvores frutíferas, na tentativa de ajudar estas pessoas.

Autumn Peltier, 18 anos, Canadá - É membro da Primeira Nação Wikwemikong, situada no norte do estado de Ontário. A inspiração pelo ativismo foi sua tia-avó, ex comissária-chefe da água pela nação Anishinabek, posto ocupado por ela nos dias atuais. O primeiro encontro com Justin Trudeau, ministro do Canadá, quando ela tinha 12 anos, e ocorreu quando ela participava da reunião anual de inverno da Assembleia das Primeiras Nações, um órgão que reúne representantes de grupos indígenas do Canadá. Sua fala nas Nações Unidas, no Fórum Global de Paisagens, fez com que ela já fosse nomeada por três anos seguidos para o Prêmio Internacional da Paz para as crianças; também foi reconhecida como uma defensora internacional da água limpa, inspirando a criação do fundo Niabi Odacidae, elaborado pela Assembléia das Primeiras Nações, com a intenção de preservar a água para as futuras gerações.

Atualmente, com 15 anos, Autumn é a comissária-chefe da água pela nação Anishinabek, trabalhando em prol do meio ambiente, pelos povos indígenas do Canadá, principalmente pelas crianças indígenas, que segundo ela, ainda vivenciam situações precária.

Mari Copeny, 14 anos, Estados Unidos – Mari vivenciou a contaminação da água na Crise Aquífera de Flint, em 2014. O caso ocorreu quando a prefeitura decidiu mudar a fonte de água potável da cidade para reduzir custos e a ação trouxe efeitos terríveis na saúde de mais de 10 mil americanos. Mais de 8 mil crianças, incluindo Mari sofreram as consequências por terem contato com chumbo, erupções na pele e queda de cabelo foram uns dos sintomas. Em 2016, a menina então, enviou uma carta ao então presidente Barack Obama, fazendo o convite para ele participar de um encontro no qual a população de Flint realizaria com o governador Rick Snyder. Mari, questionava na carta, porque os 100 mil habitantes de Flint, negros e de baixa renda, estavam submetidos a beber água poluída. Após o apelo de Mari, Obama, autorizava o repasse de US\$ 100 milhões (aproximadamente R\$ 345 milhões, na época) para reparar o sistema hídrico da cidade. Apesar disso, a cidade continua com a água contaminada e a menina luta com o movimento #WednesdaysForWater, no qual toda quarta-feira aponta lugares dos Estados Unidos que sofrem por conta da contaminação da água.

Ridhima Pandey, 14 anos, Índia – Ridhima, juntamente com outros 16 jovens denunciaram as Nações Unidas, as cinco nações mais poluentes do mundo, que assinaram a Convenção sobre os Direitos das Crianças em 1989. Mas a menina já estava no ativismo ambiental há alguns anos, filha de um ambientalista, ela já convive com a causa ambiental desde pequena. Essa convivência desde cedo, resultou em uma consciência ambiental e atos, tais como: processou o governo indiano pela falta de iniciativa nas questões climáticas, pronunciando em Nova Iorque que o governo mentiu ao dizer que limpou o Rio Ganges. Ridhima, planeja uma ONG em defesa do clima.

Anica Renner, 19 anos, Austrália – Anica é uma das dez jovens que se reuniram com o líder da oposição no Parlamento, o chefe do Partido Político Trabalhista, Bill Shorten, em março de 2019. Na ocasião, os jovens entregaram as questões da Coalizão do Clima organizados pela Juventude Australiana. Seu ativismo é recendo, mas não menos importante, a jovem conheceu a Coalizão do Clima da Juventude Australiana em 2018, decidindo dedicar-se integralmente ao movimento. Desde então, ela convida pessoas, através das redes sociais para participarem de greves escolares, a favor do clima.

Chiara Sacchi, 20 anos, Argentina – Ela não é apenas ativista do movimentos contra o colapso do clima, também trabalha a favor de um movimento chamado Slow Food, que prioriza a alimentação saudável, valorizando produtos in natura, de produtores locais. Em entrevista ao site Slow food, ela salienta que “Eu promovo os princípios do Slow Food porque acredito que existem outras maneiras de produzir alimentos, que não agredem a natureza e os seres humanos. A produção agroindustrial não é o único caminho. Acredito nos pequenos produtores que trabalham a terra da maneira que seus ancestrais fizeram: com respeito”. Ela já presenciou verões com calor acima da média e invernos, com muitos dias quentes, e com isso, participou da Cúpula do Clima, no qual Chiara entregou uma denúncia, apresentada por ela e outros adolescentes, onde a maior questão da jovem é que o colapso climático seja trabalhado nas escolas.

Ayakha Melithafa, 20 anos, África do Sul – Vivendo aos arredores da Cidade do Cabo, Ayakha, percebe, juntamente com sua família, as transformações que a mudança climática está trazendo no dia-a-dia. Sua mãe trabalha com agricultura e tinha que enfrentar a seca, que ameaçava a renda familiar, que deveria sustentar cinco filhos. A vivência instigou Ayakha a se tornar ativista ambiental. Ayakha, além de ser recrutadora da Aliança Africana do Clima, é membro do Projeto 90, uma ONG sul-africana em 2018, que mantém como compromisso verificar se a ação pública irá realmente reduzir 90% da emissão de carbono do país até 2030, como foi prometido. A jovem deseja quebrar a imagem das questões ecológicas estarem associadas ao discurso de pessoas brancas e portanto, está engajada para conseguir o acesso à água limpa para todo seu povo.

Jessica Ahmed, 19 anos, Inglaterra - A ativista Jessica Ahmed, integra o Youth Strike 4Climate e colabora fazendo vídeos educativos e divertidos sobre as questões climáticas. Também colaborando com a ação da Patagônia, percebeu como as ondas de calor dificultaram a produção de alimentos nas áreas rurais. Ela exige não só que os governos reconheçam o colapso climático, como também promovam o ensino do assunto nas escolas.

Deborah Adegbile, 15 anos, Nigéria - Deborah Adegbile sempre viveu em Lagos e observou que, ao longo do tempo, a cidade começou a passar por mudanças relativas por conta do colapso climático. A estação de chuva, que ia do mês de abril a setembro, hoje, se estende até dezembro, tendo como efeito, inundações mais frequentes, fazendo assim, com que seus pais carreguem ela e seus irmãos, para que possam chegar até a escola. A partir dessas vivências, ela entrou no ativismo pela causa dos oceanos, participando em junho de 2018, da Cúpula para Ação e Liderança pelo Empoderamento, promovida pela organização Heirs To Our Oceans (“Herdeiros do Nosso Oceano”).

Nujood Ali, 26 anos, Lêmen – É uma ativista, personagem mais relevante importante no movimento Yemení contra o casamento forçado. Aos dez anos de idade, dois meses após o casamento, obteve um divórcio e rompeu com a tradição tribal de seu país, após viver uma situação de espancamento e violência sexual, por parte de seu marido, um homem de trinta anos. Como de costumes em seu país, os casamentos são arranjados pelos pais, envolvendo seus filhos, quase sempre, crianças. No Lêmen, as leis admitem que as meninas de qualquer idade casem (aqui se deve ler: que os pais as obriguem a casar com um desconhecido, adulto), mas proíbe que mantenham relações sexuais durante o período que não sejam consideradas aptas, a advogada feminista Shada Nasser, aceitou defender Ali. Ela declarou que o marido descumpriu a lei e a menina recusou a proposta do juiz, que recomendou Ali a voltar a viver com seu esposo dentro de três ou cinco anos. Em 15 de abril de 2008, a corte cedeu-lhe o divórcio.

Ali retornou a viver com sua família num subúrbio de Sanaá. Em 2008, retomou seus estudos e pretende tornar-se advogada. Em 2009, Ali publicou suas memórias, *Moi Nojoud 10 Ans Divorcee* (Eu Sou Nojoud, 10 Anos e Divorciada). Em novembro de 2008, a revista feminina Glamour nomeou a Ali e a sua advogada Shada Nasser Mulheres do Ano.

Mahryan Sampaio, 22 anos – Brasil – É Embaixadora da ONU, ativista do clima, acadêmica, palestrante e ecofeminista negra, trabalha promovendo os direitos humanos de minorias sociais. Sua trajetória com projetos sociais começou tão cedo que hoje não consegue sua vida de outra forma. Diretora da ONG Periferia Sustentável e criadora do projeto “As Yalodês”, uma academia de liderança para jovens mulheres negras.

Clauderson Santos, 27 anos – Brasil – Estudante, militante, presidente da UNEGRO/MG. Foi dirigente da Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), conselheiro nacional de Juventude e presidente da União da Juventude Socialista (UJS) de Belo Horizonte. Militante do movimento negro desde 2011.

Rosa Amorim, 26 anos – Brasil – Militante do MST, nascida e criada dentro do movimento, foi escolhida pelo movimento para disputar as eleições e foi eleita Deputada Estadual por Pernambuco. Em sua infância e adolescência, acompanhava sua família em encontros do MST. Aos 16 anos, passou a integrar movimentos estudantis. Nesse período, ingressou no curso de teatro da Universidade Federal de Pernambuco. Posteriormente, tornou-se diretora de cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE). Mais tarde, idealizou o Levante Popular da Juventude.

Dálcio Costa, 19 anos – Brasil – Se considera ativista desde sempre. Foi a sua primeira manifestação, ainda criança. Decidiu fazer um cartaz sobre meio ambiente e foi protestar. Aos 16 anos, inspirado em Greta Thunberg, ingressou no movimento “Fridays for Future”, onde liderou diversos movimentos em prol do meio ambiente. Continua como militante do clima, onde participa de reuniões e manifestações contra a poluição e é Vice-presidente executivo - Fridays for Future Brasil.

Greta Thunberg, 20 anos, Suécia - É uma ativista ambiental. Ficou conhecida ao protestar fora do Prédio do Parlamento Sueco, em 20 de agosto de 2018, com apenas 15 anos. Ela é a líder do movimento Greve das escolas pelo clima e foi eleita a personalidade do ano, em dezembro de 2019, pela revista americana Time. Toda a sexta-feira de 2018 protestava, juntamente com outros jovens, pelo meio ambiente, próximo ao parlamento sueco, exigindo mais ações por parte dos políticos de seu país, para mitigar as mudanças climáticas. Com isso, inspirava outros jovens, de outras comunidades a organizar protestos também. O movimento criou a conhecida hashtag #fridayforfuture. Greta discursou em parlamentos e na ONU, já sofreu preconceito, por ser mulher, jovem e ter uma postura forte e decidida, mas apesar das críticas negativas provenientes de alguns políticos continua engajada e cada vez mais é uma figura importante na luta pelo clima.

Malala Yousafzai, 26 anos, Paquistão – Nascida em Swat, em 12 de julho de 1997, Paquistão. Foi a pessoa mais nova a ganhar um prêmio Nobel. É conhecida principalmente pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação na sua região natal do vale do Swat na província de Khyber Pakhtunkhwa, no nordeste do Paquistão, onde os talibãs locais impedem as jovens de frequentar a escola. Desde então, o ativismo de Malala tornou-se um movimento internacional. Em 19/6/2020, com 22 anos, Malala se formou pela Universidade de Oxford, em Filosofia, Política e Economia.

Essa pesquisa acima, traz um outro olhar sobre ativismo e ação. Não se trata apenas de adultos lutando por um mundo melhor e sim, uma nova geração, que além de reconhecimento, querem modificar as vidas no planeta. Apresentam uma sensibilidade para perceber quais males atingem as pessoas ao seu redor e, mesmo lutando pelas pessoas da sua comunidade, ou por um grupo mais amplo de vidas, fazem a diferença e mostram que crianças e jovens, apesar do preconceito que sofrem, algumas vezes, podem ajudar a realizar a mudança no mundo, pois [...] “Assim, todo esforço civilizacional, no sentido de nos colocarmos distanciados, separados e superiores à natureza, é desconsiderado pelas crianças. [...]” (SILVA; TIRIBA, 2014, p. 115-116). Temos que ouvir as suas vozes, são exemplos a serem seguidos, vão mais além das discriminações que vem de alguns adultos, que duvidam de suas ações e que duvidam do que podem fazer. É uma nova geração, que está muito mais preocupada com o planeta e com tornar a vida das pessoas muito mais qualitativa e feliz neste planeta, do que com bens de consumo.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

É importante ressaltar aqui, antes de começar a dialogar sobre os caminhos metodológicos, que o estudo é qualitativo, com pesquisa bibliográfica em fontes midiáticas e também uma pesquisa exploratória com as entrevistas semi-estruturadas. Os critérios de inclusão e exclusão de participantes de acordo com as exigências da metodologia, de acordo com a Norma Operacional CNS nº 001/2013, item 3.4.1, subitem 11):

Dessa forma, estabeleço alguns critérios de inclusão:

- Ter entre 15 e 29 anos;
- Atuar em processos de Educação Ambiental há no mínimo 3 anos;
- Identificar-se com as temáticas referentes às questões ambientais, entre elas: a degradação ambiental; conflitos sociais; desigualdades sociais e econômicas; relações entre seres humanos e natureza; movimentos populares; populações vulneráveis, etc.
- Envolver em suas práticas profissionais e/ou cotidianas ações e propostas em consonância com os pressupostos da Educação Ambiental.
- Promover ações de conservação, preservação dos ambientes naturais e/ou construídos, buscando estabelecer relações de respeito e bom convívio.

- Trabalhar em prol do reconhecimento e da re-valorização dos saberes tradicionais e populares, e da garantia de direitos às populações vulneráveis e marginalizadas da sociedade, buscando o reconhecimento e o respeito a todas as diversidades étnico-culturais.

Como critérios de exclusão, são elencados os seguintes:

- Jovens que não reconheçam a relevância dos pressupostos da Educação Ambiental, como a ética, o cuidado, o respeito à vida e as diversidades, como pautas relevantes na sociedade;
- Não residentes na região elencada como recorte geográfico na pesquisa.

As implicações metodológicas propostas para a realização da presente pesquisa foram de cunho qualitativo e as entrevistas semi-estruturadas (MANZINI, 1990/1991). A pesquisa qualitativa (MINAYO, 2012) pretendeu apresentar e explicar um fenômeno pouco conhecido, a partir do olhar em diferentes contextos que circundam o objeto pesquisado. A pesquisa de cunho qualitativo nesse estudo foi fundamental, pois foi ao encontro da proposta de expandir nosso olhar, deixando-o mais atento e sensível diante do entrevistado/a, construindo os resultados a partir da observação de outros aspectos, tais como: o ambiente pelo qual o entrevistado se envolve ou está no momento, às pessoas que ele interage, sentimentos e expressões no momento da entrevista, entre outros.

Primeiramente, realizei uma conversa virtual, convidando seis jovens que tem se destacado com a temática da Educação Ambiental, (2 em âmbito local e 4 em âmbito nacional), se tornando lideranças, onde participam de eventos, movimentos, em defesa das questões ambientais, para participar de uma entrevista referente ao tema. A etapa da conversa teve como objetivo conhecer essas jovens lideranças e visou a partir dessa atividade fazer emergir os participantes da pesquisa, para a Etapa seguinte, que são as entrevistas. Foi garantida uma sala reservada, mesmo que virtual, para não comprometer a privacidade e sigilo dos participantes durante a realização da coleta de dados. As entrevistas com os participantes foram realizadas de forma virtual, via Google Meet.

Assim, a partir dos resultados que serão construídos com os participantes, suas respostas e outros aspectos, surgiram elementos para reflexão, que permitiram ir além do encontro entre duas pessoas, no qual geralmente, transcorre a informação necessária.

Neste capítulo, conduzirei os métodos que foram utilizados durante as conversas com os jovens que se fizeram ocupar um lugar de destaque nas questões ambientais. Tais jovens idealizam o sonho da transformação social, construído com a participação de todos, contextualizando a escuta pelos demais participantes com o diálogo, na busca por melhorias de vida e bem-estar para a sua comunidade e/ou a busca por um mundo melhor para todos.

A sociedade, em pleno século XXI, onde a evolução tecnológica está no auge, precisa transcender e evoluir na questão da compreensão e respeito às minorias, que são excluídos e criados por ela própria há muito tempo: mulheres, homossexuais, negros, latinos, a natureza, entre estas, crianças e jovens, tema da presente pesquisa. Esses sujeitos historicamente foram invisíveis e considerados “sem voz” para as pesquisas científicas.

A sociedade não quer ver, não quer dar ouvidos ao considerado diferente, ou a quem é considerado improdutivo. Nesse sentido, tanto a evolução tecnológica e a compreensão e respeito por todos os sujeitos, como as dimensões (escuta e diálogo) são indissociáveis, o que me leva a conduzir uma pesquisa qualitativa com a construção desses jovens. Compreendo que a partir do encontro e do diálogo com eles, poderei apreender e refletir sobre o verdadeiro significado da manifestação marcante, para se tornar visto pela sociedade, como alternativa na busca por um mundo mais justo e humano para crianças, jovens e a todos.

Acredito que essa é a forma mais adequada de se conduzir uma pesquisa, pois devemos evitar resultados engessados, nos quais, o entrevistado diga exatamente o que o entrevistador quer ouvir além de que, esses fenômenos, ainda pouco explorados, no caso, a questão da participação e o protagonismo de crianças e jovens, necessitam de atenção, dedicação e um olhar atento, ao mesmo tempo sensível por parte do pesquisador, de forma a estarmos preparados quando surgirem questionamentos instigantes, assim estarmos disponíveis para a escuta sensível.

Para poder conhecer as causas e consequências deste fenômeno complexo e pouco estudado, que é a participação e contribuição de jovens na sociedade, precisamos dar atenção as questões ambientais, de investigação das relações entre o processo-pessoa- contexto-tempo (BRONFEMBRENNER, 2011). Assim, estas dimensões precisam estar no horizonte da pesquisa, a partir de um “olhar ecológico” da pesquisadora para a compreensão das questões da Educação Ambiental que envolvem os participante da pesquisa e que mobilizam a humanidade a perceber a entrada em um novo momento do mundo, na medida em que torna possível a visibilidade de todos os seres.

Assim, esse estudo teve como base teórica e metodológica a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). A pesquisa qualitativa sugere mudar a perspectiva, criando um olhar mais atento, direcionado para os sujeitos, processo, pessoa, contexto e tempo nas concepções da abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner (1974; 1996; 1998, 2011); Szymanski (2001); Yunes e Szymanski (2005). A pesquisa qualitativa esteve de acordo com o processo de liberdade dos sujeitos, pois permite que esse participante da pesquisa fique tranquilo e consiga expor suas questões de maneira natural, ou seja, a ela não provoca o uso de “uma máscara”, na qual o “entrevistado” veste para compor a conversa. Foram observados outros elementos, por parte da entrevistadora, que deram o tom final aos resultados. Após, ela permitiu também, uma análise mais natural dos dados.

As entrevistas qualitativas “são geralmente muito pouco estruturadas, assemelhando-se mais a uma conversa do que a uma entrevista formal” (ALVES, 1991, p. 60). Seja qual for o tipo de entrevista escolhida pelo investigador, encontrar-se-á certo grau de intencionalidade e interação social como aspectos essenciais do processo de organização e construção tanto das perguntas (no caso do entrevistador), como das narrativas (no caso do entrevistado).[...] (YUNES; SZYMANSKI, 2005, p. 3).

Dentro do modelo qualitativo, pelo qual conduzi a pesquisa através da entrevista semi-estruturada e a partir da fala dos jovens durante os primeiros encontros e com a complementação de registros em diário de campo, por parte da pesquisadora, (que serão minhas observações, percepções e sentimentos) foi possível coletar informações que facilitaram a análise dos dados. Yunes e Szymanski (2005) ressaltam a importância da entrevista para uma pesquisa mais natural e relevante:

A entrevista é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para os protagonistas - entrevistador/es e entrevistado/s. Da mesma forma que quem entrevista tem/busca informações, quem é entrevistado também está processando um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o interlocutor e organizando suas respostas para aquela situação. Quem pesquisa tem uma intencionalidade, que vai além da mera busca de informações: pretende criar uma situação de confiança para que o entrevistado se torne mais receptivo, pretende passar uma imagem de credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para sua pesquisa. (YUNES; SZYMANSKI, 2005, p. 3).

As entrevistas foram realizadas de forma mais natural possível, através do diálogo, como intuito de deixar o participante da pesquisa a vontade. As interações foram realizadas através da plataforma Meet, e serão gravadas, com a autorização do entrevistado e transcritas na íntegra.

Deste modo, quando o pesquisador se utiliza da entrevista, tem expectativa de organizar um grande número de dados qualitativos e, neste caso, estes foram obtidos a partir das falas dos jovens, e divididos em categorias. A seriedade dos procedimentos na análise dos dados possibilitou certa desmistificação dos pensamentos teóricos e hipóteses anteriormente elaboradas para a realização do estudo.

Com a análise dos dados, organizei as falas, onde as dividi inicialmente, em categorias, a partir de temáticas que irão emergir das próprias falas analisadas. As categorias, além de colaborarem para a interpretação dos dados, auxiliaram no sentido dos resultados, extraído das experiências e vivências dos jovens, e situações mais significativas dentro de um contexto.

As categorias naturalmente foram destacadas nas falas mais importantes, que por si só esclarecem e evidenciam o verdadeiro significado da fala e também pode translucidar questões que, em princípio, ficaram ocultos durante os primeiros contatos.

Para realizar esses primeiros contatos, as questões éticas serão bem claras. Conversei a respeito da entrevista e entreguei o termo de consentimento livre e esclarecido, aos participantes. Aos menores de idade, seus responsáveis assinaram. Os objetivos da pesquisa acima foram esclarecidos de maneira clara e detalhada, garantindo aos participantes e/ou familiares a opção de retirar sua participação a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. (Apêndice A, B, C e D).

5.1. A escolha e o convite para os jovens participantes

Em um primeiro momento foram selecionados sites de notícias, específicos de Educação Ambiental e outras fontes como redes sociais, que auxiliaram no mapeamento de jovens que se destacam como “lideranças”, “militantes” e “defensores” do meio ambiente. Foram relevantes nessa seleção jovens que atenderam os seguintes critérios:

- Residirem no Brasil;
- Participarem em ações locais ou em conferências e eventos regionais ou mundiais de destaque na defesa do meio ambiente;
- Apareçam como destaque ou lideranças jovens em jornais ou sites locais ou nacionais;

Após o mapeamento, foram convidadas a participarem das entrevistas seis jovens (sendo um deles participante da 1ª Conferência de EA em Rio Grande/RS, outro de uma comunidade indígena do município de Rio Grande/RS) e quatro, lideranças de destaque nas demais regiões do Brasil) que atenderam aos critérios de seleção para compor o estudo.

A ideia foi trazer representatividade, sujeitos jovens que representem povos, comunidades, culturas e movimentos sociais, ativistas, participantes e protagonistas. Desta forma, apresento os jovens participantes a seguir.

5.2. Quem são os jovens participantes da pesquisa?

A partir da pesquisa realizada, apontada em detalhes acima, foi iniciado um contato inicial, seguido de um diálogo com jovens ativistas e militantes de movimentos sociais, onde estes foram convidados para participarem de uma entrevista, com diálogos realizados em outros momentos anteriores, com a intenção de mostrar, através da fala deles, seu trabalho, sua luta e sua dedicação para com a sua comunidade, cidade, país, contribuição que ajuda a tornar a vida dos sujeitos melhor. A intenção com a coleta de dados foi analisar e comprovar que o jovem tem força e potencial para trabalhar em benefício da resolução dos problemas socioambientais.

Rapidamente, irei falar um pouco sobre estes jovens. Os jovens participantes da pesquisa foram ao total 6, entre 17 e 27 anos. A ideia foi trazer representatividade, sujeitos jovens que representem povos, comunidades, culturas e movimentos sociais, ativistas, participantes e protagonistas.

Desta forma, os participantes são: um indígena, morador da aldeia no Balneário Cassino/RS; um morador da Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS, no qual a família vive algumas gerações da agricultura, participou da 1ª Conferência Infantojuvenil de EA do município; um integrante de movimentos sociais e Presidente da UNEGRO/MG; uma líder da juventude do MST e Deputada Estadual; uma moradora de uma comunidade Quilombola de uma ilha na Bahia, que atualmente cursa Direito; um ativista e vice-presidente executivo da Friday For Future Brasil.

Participações a nível microssistema/Rio Grande:

Participante “L”: 17 anos, morador da Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS, estudante, participou da 1ª Conferência Municipal Infantojuvenil de Educação Ambiental – Pertencer é preciso; Participante “M”, indígena da Aldeia Guarani Y’yrembe, localizada no Camping Municipal do Cassino – Rio Grande/RS.

Participações a nível macrossistema/demais regiões do país:

Participante “T”, moradora de Salvador, nascida e criada em uma Comunidade Quilombola no recôncavo da Bahia, pertencente a movimentos sociais estudantis e movimentos para preservação de seu lugar de origem; participante “C”, morador de Alfenas/MG, nasceu e cresceu em Rio Branco no Acre, onde mora em uma ocupação urbana, chamada Canaã, participante de movimentos sociais estudantis desde a adolescência, presidente da Unegro/MG; participante “R”, nascida e criada dentro do Movimento dos Sem Terra, em Pernambuco, atualmente Deputada Estadual; participante “C”, mora em São Paulo/SP, ativista do clima desde criança, atualmente vice-presidente executivo nacional da Friday For Future.

Relação dos entrevistados com a participação e o protagonismo em Movimentos Sociais

Participantes	Entendimento da conservação da natureza	Participação	Protagonismo	Movimentos Sociais desde a infância e/ou adolescência
M	Sim	Não	Não	Não
L	Sim	Sim	Não	Não
T	Sim	Sim	Sim	Sim
C	Sim	Sim	Sim	Sim
R	Sim	Sim	Sim	Sim
D	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Própria Autora (2023).

Ações ambientais dos entrevistados

Participantes	Idade	Local	Participação/Ações
M	18	Rio Grande/RS	Vive em Aldeia Indígena.
L	17	Rio Grande/RS	Participou da 1ª Conferência Municipal Infantojuvenil de Educação Ambiental.
T	25	Ilheus/BA	Vive em Comunidade Quilombola; Estudante; Militante.
C	27	Alfenas/MG	Presidente da UNEGRO/MG; Estudante; Militante.
R	26	Recife/PE	Deputada Estadual; Integrante do MST.
D	19	São Paulo/SP	Ativista do clima; Vice-presidente nacional Friday For Future Brasil.

Fonte: Própria autora (2023).

Levando em consideração os critérios citados acima, a organizadora e idealizadora da 1ª Conferência Municipal de Educação Ambiental do município do Rio Grande/RS, Michele Salort, foi convidada a participar de uma entrevista a respeito do evento que ocorreu com estudantes das escolas municipais e Rio Grande/RS. Na entrevista, tive a intenção de aprofundar o assunto sobre a conferência, conversando a respeito de como foi a participação das crianças e jovens e pedindo materiais referentes ao evento, tais como: fotografias, documentos, desenhos, cartas, entre outros.

Nesta etapa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com jovens que participam de ações locais e/ou movimentos socioambientais; eventos/conferências sobre meio ambiente EA. A participação deles nessas ações e/ou eventos se torna cada vez mais necessário, no momento que precisamos reunir todas as forças para reivindicar atitudes mais nobres e preocupadas por parte dos nossos governantes e lutar por um planeta melhor para todos viverem, além de que, quando pensamos em Educação Ambiental, precisamos também pensar em futuro, na qualidade de vida das próximas gerações. É hora de aprender com os jovens, pois eles têm muito a ensinar. Sua garra e coragem e ao mesmo tempo, a fase da vida, na qual os sonhos estão mais intensos, podem nos trazer esperança para nos desacomodarmos.

Desde os primeiros contatos com os jovens, a proposta foi a construção de um vínculo para estabelecer uma relação proximal com os diferentes contextos de pesquisa. O processo de entrevista reflexiva levou aproximadamente dois semestres, com o intuito de fortalecer esse vínculo e uma relação de confiança entre entrevistadora e entrevistados.

O primeiro contato e entrevistas foram desenvolvidos após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética (Norma Operacional CNS N° 001 de 2013, item 3.3.e). Na primeira etapa de encontros escutei quatro jovens de distintas regiões do Brasil que tem se destacado como lideranças em Educação Ambiental. Essa escolha levou em consideração as maiores experiências dentro da Educação Ambiental, a participação em eventos de EA, organização de manifestações, entre outros, lembrando que todos os jovens ativistas citados nesse estudo tem sua importância para romper as barreiras da não competência nas infâncias e juventudes.

A aproximação através de entrevistas com jovens participantes, realizada através de um diálogo, teve as seguintes questões indicadoras:

- Onde você mora?
- Qual ou quais vivência(s) você teve com a natureza na infância?
- Quando você iniciou essa militância? Foi na infância? Teve algum incentivo para isso?
- Como é a qualidade de vida nesse lugar? (lembrando que o entendimento de qualidade de vida pode ser muito distinto).

- Em relação aos problemas ambientais, o que precisa melhorar?
- O que mudou na sua comunidade e/ou cidade, depois do seu envolvimento nas questões ambientais?
- Como você percebe a participação das crianças e jovens nas mobilizações em Educação Ambiental?
- Qual o seu maior desejo para esse mundo? Entre outras, que surgirem durante a conversa.

É relevante observar que dentro dessa conversa, que a pesquisa qualitativa permite-nos ter a oportunidade de conviver com outras realidades, a pesquisadora interage com outros sujeitos, e com um olhar mais atento, podemos ampliar nosso conhecimento e evoluirmos como seres humanos.

Gradativamente, o entrevistador vai apresentando sua compreensão do discurso do entrevistado, sem perder de vista os objetos de seu estudo. É importante perceber a diferença entre compreensão em interpretação, baseado em alguma teoria ou hipótese preestabelecida. [...]. (SZYMANSKI, 2001, p. 205).

Interessante destacar que a aproximação com jovens participantes e protagonistas foi uma experiência totalmente satisfatória para mim, como professora/pesquisadora e como ser humano, pois tive muito interesse em escutá-los, suas experiências e vivências, seu entendimento de mundo, serão elementos interessantíssimos.

Como desfecho primário, aponto que a pesquisa permitiu compreender a relevância da participação e as diversas manifestações de jovens militantes na atualidade e/ou desde as suas infâncias, principalmente em eventos e manifestações na cidade de origem da pesquisa e no Brasil, no que tange as mobilizações sociais e ações em Educação Ambiental.

Como desfecho secundário a pesquisa contribui para se (re) pensar que os jovens têm capacidade de lutar por um ideal, pois é necessário entendermos coletivamente que não pertence a ninguém o direito de silenciar ou impedir que crianças e jovens participem dos processos de Educação Ambiental na nossa sociedade. Além de propor estratégias para incentivar crianças e jovens a se proteger diante a abusos, injustiças, silenciamento de duas vozes, entre outros.

5.3. Aspectos éticos da pesquisa

A presente pesquisa foi orientada pelos princípios éticos, de acordo com a Resolução 510/2016 (<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>) e assim, garantiu o direito ao sigilo, ao anonimato, ao livre consentimento de participação, e a devida proteção aos participantes por parte da pesquisadora, em caso de riscos e prejuízos advindos do processo de pesquisa. Foi garantida ainda a liberdade da retirada de consentimento e/ou da pesquisa a qualquer momento, assim como deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

A pesquisa foi composta por acréscimos assim como riscos mínimos a quem decidir participar. Como acréscimos, posso salientar, por exemplo: a oportunidade para os jovens que participarem das entrevistas, de divulgar em uma pesquisa científica a importância de suas manifestações, ações e trabalho em prol da Educação Ambiental, além de denunciarem situações que precisam ser transformadas.

Alguns riscos mínimos podem resultar do processo de pesquisa, como por exemplo: algum desconforto, possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, medo de não saber responder ou ser identificado(a); rememorar situações tristes ou constrangedoras, dificuldades com o acesso aos meios digitais, entre outros. Caso venha ocorrer qualquer risco prejudicial saúde dos(as) participantes, me comprometo como responsável pela pesquisa, a garantir a assistência IMEDIATA, INTEGRAL E GRATUITA, bem como a retirada do consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Aos jovens participantes foi disponibilizado duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um entregue a ele e o outro em posse da pesquisadora. O qual contém além das informações necessárias sobre a pesquisa e o motivo do convite para participação da entrevista, os possíveis riscos e acréscimos provenientes da mesma, a informação de que os dados serão tornados públicos e declaração de responsabilidade da pesquisadora. Os TCLEs foram disponibilizados virtualmente, para que os(as) participantes possam assinar de forma eletrônica, e se for de seu interesse, serão disponibilizadas as vias impressas também.

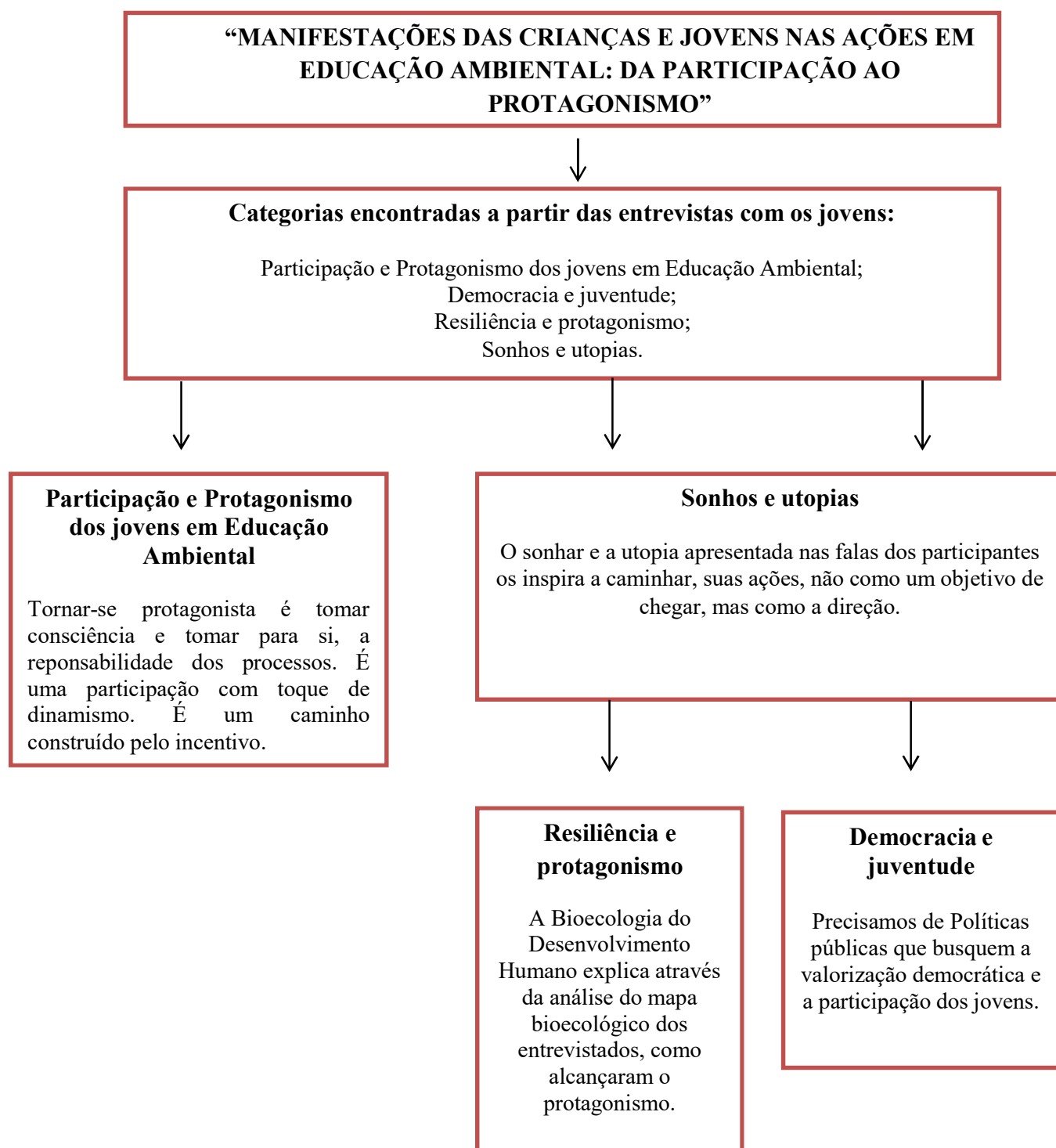
Do mesmo modo, os dados emergidos através das entrevistas reflexiva que foram gravadas, transcritas e conduzidas para a avaliação dos(as) participantes, para que, caso houvesse necessidade, os(as) mesmos(as) pudessem retificar ou retirar alguma informação da referida transcrição. Após o término da pesquisa os dados foram tornados públicos, em forma do texto da Tese, de artigos e trabalhos em eventos científicos, sempre respeitando anonimato das pessoas participantes da pesquisa.

A construção dos dados ocorreu na Etapa quatro, a partir das entrevistas, a qual só aconteceu após a aprovação no Conselho de Ética, conforme já ressaltado. O processo de análise nasceu com as conversas gravadas, entrevistas, as anotações e as narrativas, estas foram armazenados nos arquivos pessoais da pesquisadora, e também em um HD externo. Esse material está guardado na sala de permanência nas dependências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) da Professora Doutora Narjara Mendes Garcia, orientadora da pesquisa, e, está a disposição das pesquisadoras e dos (as) participantes pelo prazo de 5(cinco) anos.

Se caso não houvesse o Aceite de no mínimo três participantes de pesquisa para realizarem as entrevistas, a pesquisa teria sido suspensa.

Não houve nenhum gasto por parte dos(as) participantes que aceitaram participar da pesquisa e os(as) mesmos(as) também não receberam nenhum pagamento com a sua participação. Somente foi previsto os gastos por parte da pesquisadora, gastos em relação a impressão dos termos, compra de uma HD externa para armazenar os dados coletados e compra de um pacote do Google Meet para a realização das entrevistas.

5.4. Organograma



6. CAMINHOS DE MICRO AO MACRO: PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM MANIFESTAÇÕES AMBIENTAIS

[...] eu tive incentivo e vontade de militar a partir do movimento escolar. Foi a diretora da escola que me incentivou, foi mais o ambiente escolar que me incentivou. Assim, eu percebi minha realidade e vi uma possibilidade de conhecer as figuras políticas da cidade, poder dialogar, buscar os nossos direitos, isso eu achei bacana, sair da minha caixinha. (C, 2023).

6.1. Mapa Bioecológico da Criança e do Jovem na sociedade

Esse capítulo tem a intenção de explicar o protagonismo pela ótica da Bioecologia do Desenvolvimento Humano. Para começar, explicarei rapidamente a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2011), para que assim, ocorra um entendimento da mesma, quando aprofundarmos a leitura. Deste modo, a teoria é uma abordagem teórica metodológica de desenvolvimento que contextualiza, levando em consideração que o sujeito em desenvolvimento (nessa pesquisa, a criança e o jovem) é influenciado por quatro elementos que estão relacionados: a Pessoa, o Processo, o Contexto e o Tempo.

A Bioecologia do Desenvolvimento Humano nos possibilita enxergar que todos os ambientes que estão em relação com o sujeito contribuem para o desenvolvimento humano, dependendo da forma pela qual ocorrem os fenômenos. Neste estudo, apresento como foco tornar as crianças e jovens protagonistas da pesquisa, relatando as suas manifestações e ações a favor do meio ambiente.

O Mapa Bioecológico é uma abordagem teórica onde os processos de desenvolvimento do sujeito, ao longo de sua vida se caracterizam pela experiência de uma interação mútua, entre os sujeitos ou sujeitos e o ambiente imediato, em que ambas as partes se mantêm ativas e se estimulam reciprocamente. (BRONFENBRENNER, 2005; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Com as interações nos diferentes contextos sistêmicos, tais como: Microsistema, Mesossistema, Exossistema, Macrossistema e Cronossistema. O Mapa será uma forma de compreender todos os segmentos dos caminhos percorridos pelas crianças e jovens e de que forma eles estão ligados, interagindo e exercendo importância para desenvolvimento como ser humano.

Considero de suma importância fazer essa reflexão, repensando, como as relações da pessoa em desenvolvimento com outras pessoas, e/ou ambientes tem a característica de acontecer face a face, interações que podem setornar mais complexas no microssistema.

A partir desse movimento que irei trazer nesta escrita, contextualizarei a experiência de vida de crianças e jovens com a Bioecologia do Desenvolvimento Humano, analisando o momento presente, as manifestações que estão ocorrendo e para além, observar os diversos fatores pessoais e contextuais que influenciaram o atual momento. Não deixando de ressaltar que: “[...] as características da pessoa em um dado tempo de sua vida são uma função conjunta das características da pessoa e do ambiente durante o ciclo de vida da pessoa ao longo do tempo.[...]” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 139).

Isso determina que Bronfenbrenner (1996, 1998, 2011) explicita em sua teoria que a questão do desenvolvimento perpassa todo período da vida de um sujeito, através dos diferentes ambientes que nós influenciemos e somos influenciados. Estamos suscetíveis a aprendizagem do zero até o fim da nossa vida. Isso está ligado ao movimento intrínseco e a inconclusão do próprio ser humano, neste ponto Bronfenbrenner (2011) e Freire (1996) estabelecem um diálogo. Portanto, é possível evoluirmos como seres humanos, se estivermos aptos a buscar essa experiência, através das nossas vivências e experiências, podemos nos transformar e nos tornar seres mais humanos.

Para uma melhor compreensão da minha intenção evidenciada acima, destaco como exemplo a configuração dos sistemas ecológicos familiares, extraída de De Antoni; Koller (2000). Ela ajudará, através da visualização, na compreensão do diagrama.²²

Diagrama de Bronfenbrenner

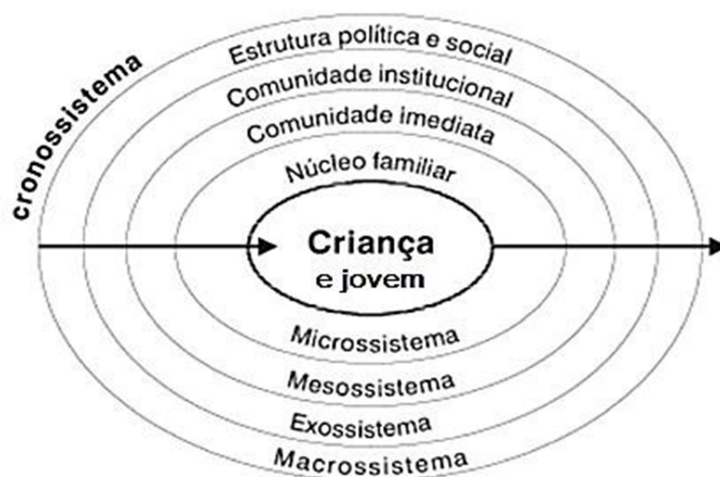


Figura 1 - Teoria ecológica do desenvolvimento

Bronfenbrenner (1996, 1998, 2011), observou ao longo de seus estudos que as crianças mudavam seu modo de ser, a partir do contexto pelo qual elas cresciam, além de influenciarem e serem influenciadas pelos sujeitos e ambientes. A estrutura pela qual nos desenvolvemos e as pessoas de convívio afetam todos os segmentos da nossa vida, ou seja, nosso jeito de agir e pensar, nossas emoções, nossos gostos, nossos desejos, as nossas referências são determinadas por distintos fatores sociais.

Desta forma, os ambientes de convívio das crianças e jovens ativistas que entrevistei é um conjunto de sistemas que se relacionam entre si. As interações nos diferentes contextos sistêmicos, não se deram de forma individual, mas sim em conjunto com diferentes contextos, que influenciam direta e indiretamente, assim com os outros sujeitos que estão presentes nas relações destes sujeitos, influenciam no desenvolvimento como seres humanos. Elaborar um mapa ecológico das crianças e jovens é um movimento que possibilita enxergar suas histórias de uma forma diferente, pois podemos observar dentro do diagrama, que fica claro que todos os ambientes e pessoas que convivemos, seja em ambientes microssistêmicos ou mais distantes das relações face-a-face, como ambientes de convívio de outras pessoas da nossa família dos sujeitos em desenvolvimento, por exemplo, acabam influenciando em nossas decisões

É evidente que as pessoas, ambientes e outras circunstâncias, acabaram influenciando as crianças e jovens ativistas a participarem e até mesmo protagonizarem manifestações em prol da Educação Ambiental. Portanto, para pensar essa inserção deles em determinados espaços, precisamos olhar e analisar seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, PPCT (Pessoa-Processo-Contexto-Tempo).

Deste modo, farei uma explicação sobre cada sistema ecológico, elencando a cada ambiente. O Microssistema, da criança e jovem, geralmente é composto pela casa ou instituição onde mora, sua família, e a escola, e ainda, podem surgir outros contextos e sujeitos de convívio, dependendo da situação de vida da criança ou jovem, que, por exemplo, podem inclusive já ter constituído sua própria família, e/ou seu trabalho. Ao olhar das autoras De Antoni; Koller (2000), o microssistema é um sistema encaixado um no outro, ele está inserido nos sistemas mais amplos que o influenciam e aos quais também influencia. (DE ANTONI; KOLLER, 2000).

O Mesossistema consiste na inter-relação de dois ou mais ambientes, nos quais a pessoa/família em desenvolvimento participa ativamente. São exemplos as relações da família com a escola, manifestações, com a vizinhança, com o ambiente de trabalho, com os grupos sociais, entre outros. (BRONFENBRENNER, 2011).

Já o próximo, Exossistema, [...] “é composto por ambientes nos quais apenas um ou mais membros da família mantém relações face a face, interagindo diretamente. No entanto, as relações deste integrante da família têm efeito sobre a família.”[...] (BRONFENBRENNER, 2011).

E o Macrossistema:

[...] é o sistema mais amplo, que abrange aos demais. É composto pelo padrão global de ideologias, valores, crenças e organização social comum a uma determinada cultura ou subcultura (Bronfenbrenner, 1979/1996). A presença ou ausência de valorização da família, de políticas sociais para o combate à violência e a promoção da educação e saúde, de políticas econômicas para melhorar a qualidade de vida da população, são exemplos de macrossistema que têm reflexo direto no desenvolvimento do sistema familiar. (BRONFENBRENNER, 2011).

Neste sentido, o macrossistema é composto pela cultura que as crianças e jovens vivenciam, influenciam e são influenciados por questões verticalizadas, tanto a de seu país, como a de seu estado, sua cidade ou bairro. Lembrando que, geralmente, um grupo cultural acaba compartilhando a mesma identidade comum, gostando das mesmas coisas, às vezes, realizando as mesmas escolhas, por fatores históricos e culturais, seja, por sua religião, leis, e, o mais importante, seus valores. Acredito que os macrossistemas se modificam com o tempo, pois as gerações podem mudar e agregam outros fatores e valores a sociedade.

E o Cronossistema está relacionado ao tempo.

[...] Durante o desenvolvimento humano, os indivíduos inevitavelmente crescem, amadurecem e mudam. Nesse mesmo período, mudanças ocorrem em suas sociedades, comunidades, redes sociais, famílias e relações pessoais. O segredo do desenvolvimento social requer que os investigadores acompanhem essas mudanças simultâneas no desenvolvimento humano que ocorrem com as pessoas e seus contextos, determinando suas inter-relações. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 56).

Significa observar o tempo cronológico influenciando a nossa vida, são eventos e transições ambientais ao longo da vida. É quando o sujeito está sendo exposto a alguma situação diariamente em um ambiente imediato, como a casa, escola, ambiente de trabalho, deforma positiva ou negativa.

O cronossistema é composto pelos eventos e mudanças ambientais que ocorrem ao longo da vida de uma pessoa, incluindo as transições ocorridas a partir de acontecimentos sócio-históricos.

6.2.A Bioecologia do Desenvolvimento Humano explicando o protagonismo dos jovens

“Um dever de casa que as crianças começam a aprender é que são pertencentes de comunidade quilombola e que é para sentir orgulho e não se ofender quando lhe chamarem de preto.[...]” (T, 2023).

De fato, a representatividade dos jovens que manteve um diálogo a respeito de sua relação com a resolução de problemas ambientais, e os movimentos sociais nos quais eles participam e/ou são protagonistas, têm sido importantes no instante em que acrescentam e movimentam outros sujeitos a lutar por melhor qualidade de vida, no entendimento de cada um, pela inserção e permanência na sociedade, pelo direito ao respeito a sua cultura, diversidade e com integridade. É relevante destacar que as mobilizações e participações e até mesmo os atos protagonistas, estão pautados nos ambientes de convívio dessas pessoas, que compõem o movimento. Pude perceber pelas suas falas que alguns tiveram incentivo da família, outros citaram o incentivo da comunidade e de professores e, também, inspirações que estes mesmos educadores provocaram quando apresentaram determinados autores ou personagens da história do país e/ou do mundo.

A participante “T” salientou que na comunidade onde mora ser participativo já é uma característica comum a todas as crianças, pois desde pequenas acompanharem suas mães em reuniões. A entrevistada acredita que se precisa tomar cuidado ao inserir crianças diretamente nos “problemas adultos”, para não correr o risco de acabar com a inocência ou interferir no seu brincar. Ela pensa ser mais adequado inicialmente apresentar a cultura de seus antepassados às crianças, fazê-las ter orgulho de suas origens, para, quando estiverem mais maduras, possam compreender suas problemáticas ambientais:

“Olha, eu acho que a gente tem que ter um cuidado ao inseri-los nisso, pois se por um lado são eles que vão seguir com essa luta que a gente tá, por outros, nós precisamos preservar um pouco da infância, do ser criança, né? Da inocência. Porque é muito emblemático, assim as crianças participando dos problemas dos adultos. Embora em nenhum momento eles me colocaram nisso, mas acredito é que o princípio, é como a gente fala lá na nossa comunidade: a gente insere as crianças nas nossas manifestações culturais.[...] então as crianças começam a aprender sobre a própria cultura, sobre a comunidade, como a comunidade nasceu[...] então, depois de ter aprendido tudo isso, lá com seus 14, 15 anos vai começar a assimilar que essa é a sua história, que formou seus pais, avós. Através dessas manifestações culturais, a nossa comunidade tem conseguido aproximar o jovem da realidade, e se sentir pertencente e a lutar.” (T, 2023).

Na percepção do jovem “C”, a melhor opção, é introduzir crianças e jovens nos movimentos sociais o quanto antes. O início de sua militância ocorreu pelo fato de ter conhecido professores que o incentivaram a tal feito, na adolescência, por volta de seus 15, 16 anos. Ele cita que através desses educadores, conheceu uma nova realidade e entendeu que os jovens tem força para buscar caminhos melhores:

“Eu acho superinteressante, o quanto antes entrar na militância melhor. Hoje eu penso que queria ter conhecido os movimentos sociais antes, porque se eu tivesse conhecido antes, eu tinha evitado muita coisa de acontecer com amigos, comigo mesmo, com a região eu morava, sabe? Porque é muita violência contra a juventude, principalmente contra a juventude negra, e os mais pobres, em geral. Então, se fosse possível, desde o ensino infantil, as crianças terem acesso as políticas públicas. Seria um avanço e tanto em minha opinião. Infelizmente, trabalham para que a gente não tenha acesso a políticas públicas. Em relação a juventude, eu acho que a juventude tem sido participativa sempre, desde que eu me entendo por gente, que eu leio sobre isso, a juventude sempre foi presente nos movimentos sociais, porém, com as redes sociais, ficou mais fácil de militar, as pessoas tem mais acesso, mais chance de militar, mas ainda, acredito ser um desafio, organizar a juventude, militar, ela até está militando, mas outra coisa, é ela militar organizada, dentro daquilo que ela acredita, trazendo um retorno para o povo. A gente vê também a rede social influenciando pelo divisionismo, influenciando para uma militância voltada para os privilégios, a gente não pode desconsiderar que tem movimentos enganando a juventude também.” (C, 2023).

O professor é o organizador e mediador da aprendizagem e com o relevante papel que vai além da condução da aprendizagem, mas como um amigo fundamental e figura incentivadora do engajamento dos jovens nos movimentos sociais. Interessante perceber o grande valor que os jovens deram a seus antigos professores, como pessoas preocupadas com as lutas por uma vida melhor, é um exemplo que o professor pode fazer a diferença na vida dos sujeitos.

[...] “o professor é agente de reprodução social e, pelo fato de sê-lo, também é agente da contestação e da crítica. O predomínio das funções de reprodução professoral dependem mais do movimento social e sua dinâmica, que se dá na sociedade civil, fora dos muros escolares”. [...] O educador é aquele que faz vir ao mundo um saber que já estava “lá” e que pedia pra nascer. (GADOTTI, 1991, p. 65-65-67).

A maior parte das juventudes organizadas e aqui analisadas identificam em si a continuação da luta e também o instrumento de formação de outros(as) jovens. Esses(as) jovens buscam deixar claro que querem cooperar com a construção dos movimentos sociais e agregam a eles suas próprias pautas, se colocando no centro da busca por direitos, por entenderem que o futuro da luta está vinculado aos seus próprios futuros.

Ao mesmo tempo que representam a renovação dessa mesma luta. Aqui podemos perceber o que afirma Gohn (2001) sobre a força social coletiva organizada, interligando o presente e o passado dentro da história e das práticas dos movimentos. Os processos de construção de cidadania e as experiências vividas durante as lutas dos movimentos, permanecem sempre no imaginário coletivo do grupo, influenciando a leitura do presente e também o ideário desses(as) jovens. É a partir dessa força social coletiva, que as juventudes aprendem em coletivo a elaborar suas estratégias, seja de conformismo ou resistência, passividade ou levante, dependendo dos conflitos dos atores sociais envolvidos (GOHN, 2001). Em seus ambientes e nos cotidianos, as reivindicações são direcionadas no sentido macro, ou seja, aos governos, ao modelo econômico, às políticas públicas (ARROYO, 2000). Igualmente, as interpretações, ideais e ações estabelecidas ao longo da história desses movimentos e suas táticas para transformar pautas locais, da comunidade em vindicações coletivas vai se transmitindo em ambientes formativos e através das relações que se constituem dentro dos movimentos, onde estão inseridos os jovens, que evidenciam sua participação intensa desse processo. Dessa forma, essa representação não sucede de forma tradicional e fechada, há a possibilidade de abertura para fora a partir de valores e experiências de luta, ligadas a tradição e identidade e a memória coletiva (ARROYO, 2000).

Portanto, percebi que o incentivo, seja da família, professores, amigos, comunidade, fez toda diferença na vida dos jovens militantes aqui entrevistados, todos mencionaram fortemente o início de sua caminhada nos movimentos sociais, como uma rede de apoio que foi marcante em suas vidas. Mais uma vez, fica evidente que através da Bioecologia do Desenvolvimento Humano podemos ver que todos os ambientes (uns mais que outros) podem cooperar para o desenvolvimento humano, dependendo da maneira pela qual vivenciamos as situações da vida.

Nesta pesquisa, o “microssistema” família, comunidade, ambiente escolar e os “processos proximais” na “percepção dos jovens entrevistados” sobre o contexto ecológico participação, militância, protagonismo. Bronfenbrenner (1996) confere a este entendimento do sujeito como “olhar ecológico” ou “perspectiva ecológica”, em que os sujeitos se envolvem com a realidade, a partir das influências das quatro dimensões do desenvolvimento humano: processo, pessoa, contexto e tempo (KOLLER, 2004):

Assim, a capacidade de um ambiente – tal como o lar, a escola ou o local de trabalho – de funcionar efetivamente como um contexto efetivo para o desenvolvimento é vista como dependendo da existência e natureza das interconexões sociais entre os ambientes, incluindo a participação conjunta, a comunicação e a existência de informações em cada ambiente a respeito do outro. (BRONFENBRENNER, 1996, p. 7).

Quando analisamos as influências ambientais citadas pelos jovens nas entrevistas, percebemos que o sistema processo-pessoa-contexto-tempo no qual a pessoa está envolvida, tem a capacidade de ampliar os conhecimentos adquiridos inicialmente, pois ela não pode ser considerada como uma “tábula rasa” e sim como alguém que está em desenvolvimento. Isso significa que, de acordo com os relatos dos participantes, a aprendizagem da cultura de seu povo e o percurso até o protagonismo apresentado hoje em dia, passou pela convivência desde a infância pelo que Bronfenbrenner chama de modelo processo-pessoa-contexto-tempo. (2011). Como exemplo, podemos citar a relação entre os participantes, sua família, vizinhos, pessoas da comunidade de convívio, instituições governamentais que acabam influenciando suas vidas. Essa interação pode ser considerada como recíproca e bidirecional.

Assim, o modelo processo-pessoa-contexto-tempo está organizado por quatro elementos interligados, indissociáveis, nos quais, precisamos analisar, para compreender cada indivíduo e sua realidade. Esse sistema constitui o processo de desenvolvimento humano, como podemos concluir com a explicação de Bronfenbrenner (2011):

[...], (a) o *processo* de desenvolvimento, envolvendo a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto; (b) a *pessoa*, com seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais; (c) o *contexto* do desenvolvimento humano, definido como níveis ou sistemas entrelaçados da ecologia do desenvolvimento humano já descritos (BRONFENBRENNER, 1977, 1979/1996); e (d) o *tempo*, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas da temporalidade (p.ex. tempo ontogênico, tempo familiar e tempo histórico), constituindo o cronossistema que modera as mudanças ao longo da vida. [...]. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 24-25).

Deste modo, dentro do sistema processo-pessoa-contexto-tempo, as relações dentro do “microsistema”, onde ocorrem as interações entre os sujeitos face a face, são de extrema importância para o desenvolvimento da criança e do jovem, ou seja, “Um microsistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas”. [...].(BRONFENBRENNER, 1996, p. 18-19). No entanto, os processos desenvolvimentais não se limitam a este ambiente imediato e envolvem as interconexões entre os vários microsistemas que o sujeito perpassa, apesar do microsistema ser o primeiro contato da criança, os demais vão ocorrendo durante o percurso da vida. Podemos perceber na fala da participante “R” que essa convivência em distintos ambientes (familiar, escolar, do próprio MST) corroborou na sua militância e mais tarde a entrar na política:

[...] Uma porta de entrada muito grande para os estudantes secundaristas é se envolverem na organização política estudantil, a luta pela redução das tarifas de transporte público, que afeta diretamente a vida do estudante, então eu sempre fui uma criança, adolescente, jovem muito envolvida, muito engajada na lutas e por essa questão, o MST me orientou e ao mesmo tempo me deu a tarefa de construir o levante popular da juventude, que é um movimento de organização da juventude e nas periferias, nas escolas e universidades, e aí eu me afirmei mais ainda como militante e ganhei força para entrar na política. Como meus pais eram militantes, sempre viajando com eles, então, foi uma infância de muitas descobertas e aprendendo pra luta. (R, 2023).

Outro fator que pode fazer o jovem se transformar em militante e alcançar o protagonismo é a resiliência. Diante de situações de adversidade vivenciadas pelos participantes, conforme Yunes (2003), a resiliência neste caso, é relacionada a processos de superação de crises e desventuras de indivíduos ou grupos, mais especificamente, sua comunidade, cidade, estado, país. Podemos compreender a resiliência como um método que cada sujeito designa, a partir de situações conflituosas, lidando com dificuldades, problemáticas, superando obstáculos, da melhor forma possível. Após alguma situação desconfortável, o ser humano de qualquer idade, quando consegue pensar em novas possibilidades para ultrapassar determinada situação, consegue eliminar fatores de risco, tais como tristeza, depressão, desânimo, procrastinação, entre outras. Assim, a resiliência é um processo inerente em cada ser humano para a superação de situações desconfortáveis, aqui, podemos perceber que a resiliência esteve presente na vida dos entrevistados e foi um dos fatores que os constituíram como militantes e protagonistas de suas histórias.

Desta forma, a resiliência além de indicar superação, foi uma das responsáveis por encorajar o sujeito a acreditar em si, como ser competente e forte, superando conflitos, dependendo do intercâmbio entre os atributos individuais e a complexidade do ambiente social. (CECCONELLO, 2003; KOLLER; BANDEIRA, 1996; YUNES, 2003; YUNES; SZYMANSKI, 2001; TAVARES, 2001).

Em relação com o convívio da natureza, os participantes citaram que somos parte da natureza, a importância do respeito à mesma, e a atenção ao consumo desenfreado, que prejudica a todos. O participante “M” salientou também que tal relação de respeito, deve se basear em uma relação sustentável, pois, segundo ele, a natureza já nos fornece tudo que precisamos e ambicionar mais do que necessitamos é egoísmo, a fala abaixo, é uma lição, uma oportunidade para refletirmos. Essa relação estabelecida entre os povos indígenas e a natureza, profundamente crítica e ao mesmo tempo necessária, complementa-se da práxis sobre a vida, a sociedade e a natureza, cooperando para refletirmos a respeito da forma em quem nos inserimos e pensamos o mundo. (LOUREIRO, 2006).

A natureza é o nosso sustento, tudo que precisamos vem da natureza, é de onde a gente tira a nossa própria comida, mas a gente não desperdiça, não mata animal por matar, e não é todo ano que caçamos, é só o necessário, nunca por diversão. A natureza é uma coisa especial pra nós, onde a gente sobrevive, a natureza oferece tudo. Hoje em dia, as pessoas cortam árvore por cortar. Eu tenho medo que pro futuro nem exista árvore. Já morei em aldeia que não tinha árvore, era muito calor, não tinha sombra. (M, 2023).

Para complementar, saliento uma experiência em uma das visitas na aldeia indígena do Cassino. Minha observação foi anotada no diário de campo e são percepções que ajudam a explicitar a forma pela qual aqueles sujeitos vivem a natureza de forma diferente, preservando-a e aprendendo, através da observação dos outros seres, buscam viver em harmonia:

Enquanto o jovem indígena e eu conversávamos, observei que a família (o Cacique, sua esposa e sua sogra), que estava sentada próxima a nós, tomavam chimarrão e conversavam em sua língua materna. De repente, um pintinho fugiu de perto dos outros e da galinha e eles começaram a observar e comentar. A galinha veio rapidamente buscar o pintinho e parecia muito irritada, e correu ele para próximos aos outros filhotes. Enquanto isso, todos, inclusive o jovem pararam o que estavam fazendo para observar os ensinamentos da galinha ao seu filho, riram e comentaram a respeito. (DIÁRIO DE CAMPO, 09 DE JANEIRO de 2023.).

Percebi que as interações entre os indígenas e o ambiente e o viver deles com outros seres da natureza, podem ser importantes no campo da Educação Ambiental para percebermos que as culturas ameríndias têm suas características culturais, ou seja, costumam manter o seu olhar sobre o mundo, um olhar, pelo que observei mais tranquilo, respeitador, observador e compreensivo com os acontecimentos ao seu redor.

Essas aprendizagens são fundamentais a serem considerados nos processos educativos e na formação de educadores ambientais e para isso, é preciso se aproximar humildemente, com a intensão de estabelecer um relacionamento amigável e confiável, de quem vai compartilhar experiências, aprender novas maneiras de observar o mundo e compreensão do ambiente. Assim:

Se alguns olhares percebem o conhecimento, indígena ou popular como „tradicionais” ou “primitivos”, é preciso problematizar que essa assimetria uma hierarquia perversa da superioridade de quem estabelece e determina a contemporaneidade. (SATO, 2015, p. 40).

Para a cultura indígena, não existe separação entre cultura e natureza, esse é um conceito que se torna indissociável ao convívio desses povos. Natureza é cultura, ou seja, ela contribui para a construção da mesma, pois os eventos vão ocorrendo em meio à natureza.

Segundo Assis (2006), neste sentido, os povos indígenas compreendem e vivem a relação com a natureza como uma conexão entre subjetividades. A natureza natural não é considerada como algo objetivo, cada objeto, possui uma matriz original, situada em uma dimensão divina.

O participante “L”, morador da Ilha dos Marinheiros na cidade de Rio Grande/RS, ressalta um dos problemas mais graves da Ilha e a falta de conscientização dos moradores e também de turistas, além de vivermos no momento, a falta de políticas públicas de preservação da natureza em nosso município (macrossistema). A Ilha dos Marinheiros é local, onde os sujeitos sobrevivem através da agricultura ou da pesca.

Agora tem coleta seletiva, antigamente não passava caminhão e o pessoal adquiriu o hábito de descartar ou de queimar, você pega todo lixo e faz uma fogueira e isso é ruim porque é muito poluente, tanto para o ar quanto para o lençol freático. E aí, começou a passar o caminhão duas vezes na semana e aos poucos o pessoal começou a descartar através do caminhão.[...] No caso do descarte pelo pessoal da ilha, aí complica mais, ainda jogam moveis, tvs, e isso polui mais, aos poucos estão se conscientizando. Agora eu vou falar de poluentes, antigamente o pessoal descartava as latas de agrotóxicos no lixo comum, ou fazia queimada, agora vem um representante do SEBRAE de vez em quando lá no cruzeiro recolher essas latas. A questão do agrotóxico, você já está contaminando a plantação e se ocorrer o descarte errado e as queimadas, você vai contaminar muito mais, tanto o lençol freático como o ar. A ilha é como um ecossistema, vocês vai estar utilizando e reutilizando dela própria. (L, janeiro de 2023).

Desta forma, a Bioecologia do Desenvolvimento Humano nos permite entender que todos os ambientes podem colaborar para o desenvolvimento humano, dependendo da forma pela qual vivenciamos as situações. Neste caso, o caminho percorrido da participação e da conscientização até o protagonismo, ocorre mais facilmente quando o indivíduo estabelece relações com os outros sujeitos e dentro dos contextos que fazem parte do seu mapa bioecológico, pelos processos interacionais e educativos e pelo tempo estabelecido nessa inserção. Dependendo da importância dos processos instituídos nos contextos ecológicos de convívio e também aos contextos que influenciam diretamente, o sujeito em desenvolvimento pode ir desenvolvendo um olhar crítico a realidade em que se insere. Este olhar mais crítico e participativo, consciente das questões ambientais, é fruto do desenvolvimento humano e das interações do sujeito na sua relação com os ambientes ecológicos (BRONFENBRENNER, 1996). Do mesmo modo, a presente pesquisa busca a partir da compreensão sobre a participação e o protagonismo dos jovens, a percepção acerca do movimento que os fez alcançar a militância e o protagonismo dentro de seus grupos.

Assim, conversando com os sujeitos participantes e analisando suas falas, percebi que a relação de vida dos sujeitos participantes é indissociável das questões políticas (REIGOTA 2012; 2014), pois nasceram e cresceram dentro dos movimentos sociais, na luta por direitos, pela redução das desigualdades, na luta pelo meio ambiente e o clima, igualdade de gênero e desenvolvimento sustentável. Alguns convivendo com pessoas ligadas a partidos políticos, militantes, outros tiveram contato com professores, que apresentaram e incentivaram suas entradas em movimentos da juventude e outros, já vivendo em harmonia com a natureza, desde seu nascimento e essa relação é passada de geração em geração. Essa relação desenvolvimental estabelecida dentro de seu mapa bioecológico, fez com que a maioria desses jovens alcançasse o protagonismo, pois estão em busca da realização de um sonho de um mundo melhor, mais digno e com menos desigualdades.

Diante da experiência de conversar com os entrevistados, me fez concluir que existem pilares, para a construção do protagonismo, são eles: Primeiro: objetivo de construir um mundo melhor; Segundo: pensamento de união, ou seja, pensa primeiramente em sua comunidade; Terceiro: o respeito as gerações mais velhas, a cultura dos seus antepassados, como uma lição e um certo direcionamento do caminho correto; Quarto: conhecimento e consciência de classe e por último: sentimento de pertencimento ao lugar.

Portanto, é necessário construir uma pesquisa em que seja captada a voz das crianças e jovens, diferentemente de ter como protagonista os adultos, levando em consideração o modelo processo-pessoa-contexto-tempo.

Pretendo evidenciar que as crianças e jovens podem e devem se envolver em uma pesquisa, como seres que tem sua leitura de mundo própria. Não podemos considerar apenas a opinião do adulto, apreender a perspectiva da criança e jovem é urgente. Assim, segundo Bronfenbrenner (2011), o desenvolvimento social não depende apenas do indivíduo, mas sim, também, da organização social da qual ele pertence.

7. A RELAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES E A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS EM PROJETOS E EVENTOS MICROSSISTÊMICOS E MACROSSISTÊMICOS COM AS INFÂNCIAS



Fonte: site da UNICEF²³

Este capítulo é uma premissa que serve de base para despertar o interesse por acompanhar os resultados da seguinte pesquisa de Doutorado, onde as crianças e os jovens, juntamente com suas histórias de vida são os sujeitos principais.

A seguir, irei trazer um breve histórico sobre o início das manifestações que levaram à realização das conferências de Educação Ambiental, dando ênfase às manifestações mais recentes, procurando o espaço onde crianças e jovens participaram ou estão participando. Após, o resultado dessa pesquisa, o foco é perceber a infância dos entrevistados, a partir de suas participações ou vivências durante essa fase da vida, sozinhos ou com seus familiares/integrantes da comunidade em movimentos sociais, eventos ou situações envolvendo lutas, dentro do campo da Educação Ambiental.

Assim, Reigota (2009) esclarece que a EA tem sua história relacionada com as conferências intergovernamentais promovidas pela ONU, eventos e mesmo com os movimentos sociais mundiais. Contudo, destaca que antes destes eventos, pessoas e grupos, de forma discreta, porém ativa, já realizavam ações educativas próximas do que se convencionou chamar atualmente de EA.

²³ <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-e-viracao-levam-tres-jovens-ativistas-brasileiros-a-cop-27-no-egito>

Alguns eventos possibilitaram a comunicação e a legitimação internacional da Educação Ambiental, tais como:

- Eventos internacionais:
 - **1965 - Conferência de Educação:** se utilizou da expressão “Educação Ambiental” (*Enviromental Education*), no Reino Unido (LOUREIRO, 2009).
 - **1968 - Conselho para Educação Ambiental:** criado no Reino Unido, reunindo organizações voltadas para temas de educação e meio ambiente.
 - **1968 - Clube de Roma:** resultado de uma reunião de cientistas dos países industrializados para discutir o consumo, as reservas dos recursos naturais e o crescimento demográfico mundial até o século XXI, colocando a problemática ambiental em nível planetário (REIGOTA, 2009). Produziu o relatório “Os Limites do Crescimento Econômico”.
 - **1972 - Declaração de Estocolmo:** A partir das discussões promovidas pelo Clube de Roma, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou em Estocolmo a “1ª Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente” que produziu o documento “Declaração de Estocolmo sobre o Homem e o Meio Ambiente”. Conforme Reigota (2009), desta conferência, surgiu uma importante resolução que se pode considerar como o que se convencionou chamar de EA, ou seja, tal resolução trouxe para a discussão o dever de educar o cidadão e a cidadã para a solução dos problemas ambientais. Atribui-se à Conferência de Estocolmo a responsabilidade pela inserção da temática da EA internacionalmente. Segundo Loureiro (2012b), a vinculação entre ambiente e educação teria sido discutida pela primeira vez nesta Conferência, o que deu início a uma discussão de caráter mundial, colocando a EA no *status* de assunto oficial para a ONU e projetando-a mundialmente.
 - **1975 - instituído o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA):** criado pela UNESCO em parceria com o PNUMA. Segundo Reigota (2009), o reconhecimento internacional desse fazer educativo como uma estratégia de construção de sociedades sustentáveis emergiu com o PIEA”. Morin (1998, p. 30) esclarece que o PIEA “fora sugerido em Estocolmo, mas iniciado só em 1975, a partir da Reunião de Belgrado.
 - **1975 - Encontro de Belgrado ou Reunião de Belgrado:** intitula-se I Seminário Internacional de Educação Ambiental, promovido pela UNESCO. Conforme Reigota (2009, p. 27), “seminário no qual foram definidos os objetivos da Educação Ambiental, publicados no documento que se convencionou chamar de “A Carta de Belgrado.”

- **1977 - Conferência de Tbilisi:** organizada pela UNESCO e pelo PNUMA, sendo aprovada a “Declaração de Tbilisi”, momento em que se consolidou o PIEA e foram estabelecidas as finalidades, os objetivos, os princípios orientadores e as estratégias para a promoção da EA, até hoje adotados em todo o mundo (MORIN, 1998). Loureiro (2012a, 2012b) aponta que neste evento foram definidas diretrizes para a EA, sendo sugerida aos Estados-membros da ONU a implantação de políticas públicas específicas a serem permanentemente revisadas a partir de avaliações sistemáticas, a fim de consolidar e universalizar a EA.

- **1992 - Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento,** conhecida como Eco-92 e Rio-92. Marcos desta conferência: a participação da sociedade civil e a inclusão, com destaque, do meio ambiente na agenda política planetária, e a aprovação de documentos importantes para área de EA: “Declaração do Rio”, “Agenda 21”, “Carta da Terra”, “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”, “Carta Brasileira para a EA”.

- **1997 - 1ª Conferência de Educação Ambiental (Brasília):** tendo por objetivo criar um espaço para reflexão sobre as práticas da EA no Brasil, avaliando suas tendências e identificando as perspectivas e estratégias futuras. Produzido o documento “Carta de Brasília para a EA”, que consolida as sugestões de diretrizes políticas para a EA no Brasil.

- **2002 - Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável ou Rio +10 (África do Sul):** produziu dois documentos: “Compromisso de Joanesburgo por um Desenvolvimento Sustentável” e o Plano de Implementação de Joanesburgo.

- **2002** – a Assembleia Geral da ONU publicou a resolução 57/254, que instituiu o período entre 2005 e 2014 como a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

- **2003 - Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente:** o objetivo da Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA) é apoiar as Secretarias Estaduais, Municipais e Distrital de Educação com ênfase na participação social. Durante essa conferência, foram organizados os seguintes documentos: Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999 - Dispõe sobre a educação ambiental, Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências; Decreto nº 5 de junho de 2003, que convoca os estados a realizarem a I Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente; Relatório Final da I Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente, 2003; Relatório Final e Carta de Responsabilidades da II Conferência Nacional Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente, 2006; Relatório Final e Carta de Responsabilidades da III Conferência Nacional Infanto-juvenil

pelo Meio Ambiente, 2009; Série Documentos Técnicos, nº 11 “II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente – Processos e Produtos” – Série Documentos Técnicos; Relatório Final da IV CNIJMA (2013).

- **2003 – Carta da Terra para Crianças:** pensado e escrito para crianças pelo NAIA (Núcleo de Amigos da Infância e da Adolescência). Trago aqui o resumo da carta: Nós, os seres humanos, devemos preservar e melhorar o mundo em que vivemos. Por isso, devemos viver de uma maneira nova, usando as boas coisas que já temos hoje. As pessoas de outros países, línguas, costumes e religiões podem nos ajudar. Assim poderemos conhecer novos modos de viver e tratar outras pessoas. Nos empenharemos para superar as situações difíceis. Se nos unirmos, melhoraremos muito o mundo, porque todos nós somos úteis e podemos ajudar uns aos outros. Faremos estes esforços para que digam de nós: “Eles querem viver de outra forma”, “Eles estão se empenhando em viver em paz” e “Eles acreditam que um outro mundo é possível”. (CARTA DA TERRA, 2003).

- **2004 – 1º Encontro Governamental Nacional sobre Políticas Públicas de Educação Ambiental (Goiânia):** realizado pelo MEC e MMA. Reuniu secretários e gestores públicos das três esferas de governo da área educacional e ambiental. Produziu o documento: “Compromisso de Goiânia”, pacto entre as esferas de governo para a criação de Políticas e Programas Estaduais e Municipais de Educação Ambiental, sintonizados com o ProNEA.

- **2007 - IV Conferência Internacional de Educação Ambiental:** realizada em Ahmedabad. A UNESCO reforça a dimensão da), e os latino-americanos continuaram a insistir na EA contribuindo para a construção, desde agora, de sociedades sustentáveis. Aprovada: “Declaração de Ahmedabad 2007: uma chamada para ação. Educação para a vida: a vida pela educação”.

- **2012 - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio de Janeiro):** conhecida como Rio+20. Aprovado o documento “O Futuro que Queremos”.

- **2014 - VII Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental (Peru):** Produziu o documento: “*Declaración de Lima*”.

- **2018 - Friday for Future:** é um movimento que começou em agosto de 2018, após Greta Thunberg de 15 anos, na época, e outros jovens ativistas se sentaram em frente ao parlamento sueco, todos os dias, durante três semanas, com a finalidade de protestar pela falta de ação na luta contra a crise climática. (um dos entrevistados da pesquisa é integrante do movimento,,fridayforfuture“)

- **2019 – COP25 Conferência do Clima da ONU (Madri):** Greta discursou, outros jovens ativistas participaram, pressionando os líderes de quase duzentos países. Ficou

acordado, que o Grupo Iberdrola se comprometeria a controlar suas emissões de CO₂ até 2030 e a reduzir sua intensidade de emissões de CO₂ em âmbito global até 50g/kWh, seriam 70g/kWh no final de 2025, até ser neutra em carbono em nível global em 2050.

- **2021 – COP26** Conferência do clima da ONU (Escócia): aconteceu de 1º a 12 de novembro. Grupo de jovens estudantes brasileiros, um manifesto cobrando a educação climática como parte do programa de educação básica do Brasil. Outras jovens influências brasileiros e a nível mundial, discursaram.

- **2022 - COP27** Conferência do clima da ONU (Egito): Aconteceu nos dias 6 a 18 de novembro. Grupo de jovens ativistas discursaram jovens ativistas afirmam que já passou da hora de lidar com “perdas e danos”. Jovens brasileiros representaram nosso país.

- Evento Local:



Fonte: Site da SMED, 26 de outubro de 2019.²⁴

- **2019 – 1º Conferência Municipal Infantojuvenil da Educação Ambiental** No município de Rio Grande, zona sul do RS, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação – SMED, promoveu a 1º Conferência Municipal Infantojuvenil da Educação Ambiental, evento construído por egresso do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, que fer discussões com os educandos de cada escola, desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais, trazendo as crianças e os jovens como protagonistas, onde relatam as problemáticas de seu bairro, para no ano seguinte, ser construída o Plano Municipal de Educação, a partir das discussões realizadas nas Conferências, que foram construídos pelos educandos.

²⁴ <https://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=36695>

A Conferência tem o objetivo ao encontro do pensamento dessa pesquisa, valorizar o que a criança tem a dizer e realizar uma escuta sensível.

Segundo a Coordenadora do Núcleo de EA da Secretaria, a intenção dessa conferência foi ser um processo democrático e participativo nas escolas, que está reunindo educandos, professores e comunidade, para dialogar e refletir sobre as questões socioambientais, para que assim, se possa transformar a realidade. Buscou estimular processos dialógicos, enfatizando a ação coletiva, desenvolvendo a relação de pertencimento dos sujeitos.

A 1ª Conferência Municipal Infantojuvenil de Educação Ambiental, aconteceu em 2019 no município de Rio Grande/RS, envolvendo educandos das escolas municipais e foi organizada pelo Núcleo de trabalho de Educação Ambiental, no qual todos os integrantes realizaram ou estão realizando Mestrado ou Doutorado em Educação Ambiental, da Secretaria Municipal de Educação – SMED.

Em conversa com mentora da ideia da Conferência, Michele Salort, foi salientado que o tema principal é: Pertencer é preciso! Este tema objetiva “ações que contribuem para a implementação da lei nº 9.795/1999, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental”, para além disso, é uma oportunidade de revisar a Carta da Terra, o tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global, assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambientais e o Referencial Curricular Gaúcho com o propósito de estimular os processos de diálogo e participação democrática das escolas, reunindo estudantes, educadores e comunidade escolar.

A Conferência ocorreu em dois momentos: Conferência nas escolas que aceitaram o convite da secretaria, como oportunidade reunir todos os sujeitos escolares para produzir um diagnóstico socioambiental para conhecer e compreender as questões locais, valorizando os diversos olhares sobre a realidade onde a escola está inserida; na mesma reunião, eleger um (a) educando (a) para representar a escola na etapa seguinte e, Conferência Municipal, que reuniu todas as escolas, educandos, educadores e demais sujeitos escolares, para que os projetos debatidos nas escolas, sejam apresentados pelos delegados eleitos.

A primeira Conferência de Educação Ambiental do município de Rio grande surgiu como oportunidade de escuta das crianças e jovens sobre as questões ambientais que os incomodam e que precisam ser apresentados, repensadas, dialogadas e vistas pelo governo municipal, já que o mesmo se fez presente na conferência.

A Conferência vai ao encontro do que a presente pesquisa objetiva a enfatizar, as crianças como protagonistas de seus processos de desenvolvimento, nos quais, neste

momento, destaco as relações das crianças com seus ambientes, sua realidade. As crianças experienciam, através do convívio com seus pares ou sozinhas, momentos pelos quais elas conseguem perceber, pensar e destacar sua visão sobre como é viver em um determinado lugar, quais problemas ambientais precisam ser resolvidos. Para isso, as crianças necessitam urgentemente ser escutadas, “[...] pois é a partir de suas vozes que medidas de proteção e de atendimento mais prementes serão tomadas pelas equipes de intervenção externa. [...]” (CAMPOS, 2008, p. 37).

Ao falar da 1ª Conferência, posso perceber que foi uma oportunidade de colocar a criança como centro do processo. Foi muito mais além do que os adultos falarem pelas vozes das crianças, de qualquer forma, esse movimento de escuta das infâncias é muito importante em nosso município para que sirva de exemplo que estamos olhando para a criança e significando o que ela pensa. A infância e juventude são uma multiplicidade de naturezas culturais, por isso, é importante que as crianças e jovens tenham a oportunidade de representar sua maneira de perceber o mundo de distintas formas, através de suas centenas de linguagens.

Esse movimento se torna fundamental quando se abre a possibilidade para as crianças e jovens não só entenderem seus direitos, mas lutarem por eles. Segundo Campos (2008):

Impulso significativo a essa tendência é dado pelos profissionais que atuam em situações de graves ameaças aos direitos humanos de crianças, como guerras, perseguições, catástrofes, naturais e epidemias, situações em que se torna crucial ouvir as vozes das crianças que muitas vezes foram separadas de suas famílias, e comunidades, não tendo quem fale por elas. (CAMPOS, 2008, p. 36).

A necessidade de apreender a voz das crianças e jovens é latente. Precisamos encorajá-las a sempre se posicionar frente as questões ambientais, questões que atingem sua vida e a vida de sua comunidade e também questões que violam seus direitos. Neste caso, o conhecimento é fundamental e, então, adentra o papel da escola, famílias e pesquisas, como esta, que busca com esperança mostrar que as crianças já estão sendo e podem ser mais além ainda, protagonistas de sua própria vida.

Como o adulto deve estar preparado para compreender que a opinião do jovem e da criança é coisa séria? Primeiramente, é muito triste quando o adulto menospreza a participação e a opinião de uma criança, logo, ele esquecera que já passou por essa fase na vida e que suas experiências e aprendizados foram repletos de brincadeiras e imaginário que o permitiram vivenciar a vida, constituindo seus significados e os tornando seres socialmente capazes. Ainda, precisamos quebrar o paradigma de que os adultos olham para as crianças

indiretamente, com uma visão embaciada e incompleta, até mesmo, em muitas vezes, achando cômicas ou “engraçadinhas” suas ideias. Prout (2013) diz que para os adultos, a “imaturidade das crianças é um fato biológico, mas a forma como a imaturidade é compreendida e significada é um fenômeno da cultura”.

Nas palavras da ativista Greta Thunberg, eleita a “pessoa do ano de 2019”, costuma dizer que os adultos ainda não estão escutando os jovens, pois estão ocupados realizando outras tarefas ou preocupados com sua reeleição. Há uma frase que ela disse que considero uma inspiração ao tema dessa pesquisa e que justamente faz toda diferença no que tange a emergência do protagonismo infantil: “Eu aprendi que nunca somos pequenos demais para fazer a diferença. ” (GRETA THUNBERG). As crianças, mais do que criarmos expectativas para um dia serem adultas no futuro, são, estão sendo alguém neste exato momento, no presente e com isso, elas têm todas as possibilidades de “fazer a diferença” no presente. “Escutar o ponto de vista das crianças significa reconhecer sua competência, sua participação e seu protagonismo em diferentes espaços. ” (SARMENTO, 2013, p. 23).

Nas conferências, tanto nas escolas, quanto na Conferência Municipal, as crianças sentiram satisfação de estar no grupo com outras crianças de diferentes faixas etárias e adultos, interessados em escuta-la. Sentiram-se importantes ao apontar que o que mais lhe desagrada e o que foi debatido em suas escolas, foram questões ambientais que atrapalham o bem-estar da comunidade, que necessitam de um olhar mais atento dos adultos que governam a cidade. Além de apresentarem suas discussões, as crianças e jovens puderam compartilhar suas experiências com outros, nas salas temáticas. Nas palavras do Prefeito Municipal da época, no encerramento, ele salientou que: “Hoje, as crianças contribuíram conosco e as propostas que apresentaram vão nos ajudar a pensar e a desenvolver mais ações em prol da comunidade e do nosso meio ambiente. ”

[...] A responsabilidade ética para com as crianças significa que você reconhece a sua dignidade como cidadãos, como portadores de direitos relacionados à cidade. A criança é, portanto, um cidadão competente. Ela é competente para assumir responsabilidade pela cidade. [...]. (DELRIO, 2016, p.97).

A Sala Verde da FURG participou do evento, organizando a trilha verde, distribuído jogos ecológicos e entregando mudas de árvores, que foram cedidas pelo Horto Municipal. Ao total, participaram 24 escolas, mais de 300 educandos. No decorrer da Conferência, surgiram questões como do lixo nos bairros, lixo na praia, alagamentos das ruas, agrotóxicos, entre

outros. “A escuta deve receber e ser aberta às diferenças, reconhecendo o valor das interpretações e dos pontos de vista dos outros.” (RINALDI, 2016, p. 236).

Em meio a estes eventos que envolvem as crianças como principais, e outros protagonismos que temos visto pelo mundo, ainda se enfrenta muita resistência por parte dos adultos em escutá-las e a percebê-las como seres também pensantes. Sarmento (2013) ressalta que escutar o ponto de vista das crianças significa reconhecer a participação e o protagonismo delas nas cidades, nas decisões políticas, pesquisas, ciências, na educação e em outros espaços sociais.

Em tempos difíceis de se viver, no qual, muitos sobrevivem, precisamos acreditar que todos, crianças, jovens, adultos, idosos, são competentes para assumir responsabilidade por seu bairro, para criarmos uma cidade como uma comunidade, que coloca as pessoas no seu âmago (DELRIO, 2016). Não é uma tarefa fácil, muitas vezes parece que exercemos um trabalho “de formiga”, mas, entendo que o propósito da Educação Ambiental não está relacionado apenas a mim, a vocês, está relacionado a todos nós como um resgate aos melhores sentimentos que habitam o ser humano, numa busca por respeito ao próximo, respeito as distintas condições de vida do nosso planeta, como relação de pertencimento e cuidado.

Em consonância com a 1ª Conferência de Educação Ambiental do município voltada para as infâncias e juventudes, pretendo com os pensamentos presentes nesse estudo, a participação das crianças em vários processos sociais e, ainda a sensibilidade pelas variadas culturas da infância e suas diferenças quando comparadas às culturas dos adultos. Lembrando que, se as crianças aprendem com as outras, nos espaços partilha comum (SARMENTO, 2013), são competentes para transformar diferentes espaços com os adultos.

7.1.As infâncias no ativismo e pertencentes a movimentos sociais: Compreendendo as vivências dos entrevistados

As concepções de infância e criança que encontramos em cada lugar do planeta são distintas. Ou seja, este, não é um conceito universal, pois vale lembrar que tais concepções diferem dependendo dos grupos e contextos sócios históricos culturais, através da passagem de tempo. Reconhecendo e respeitando as diversas percepções de infância e de criança

encontradas dentro de uma mesma sociedade e período histórico, tomei o cuidado de destacar sempre no plural: Infâncias e crianças.

A infância é construção histórica e por isso nós, profissionais e pesquisadoras/es da infância, também não estamos isentas/os do processo de construir concepções e representações das crianças que nos fazem agir de forma preconceituosa, quanto mais estereotipado o corpus de idéias que fomos armazenando sobre o que significa ser criança. É preciso aprofundar que crianças são essas, o que elas têm em comum, o que partilham entre si em várias regiões do Brasil e em outros países e o que as distingue umas das outras.[...] (DELGADO, 2004, p. 3).

Ao longo da história, é evidente que a imagem de infâncias e crianças não estiveram difundidas de forma análoga em todos os povos, localidades e diversidades do nosso país, continente e planeta. O ser criança vai se modificando e passa a ser percebido como “sujeito social” e como centro do cuidado da família e responsabilidade das instituições educativas, conforme o entendimento de suas culturas que interagem em distintos espaços. Por isso, que dentro da presente pesquisa, fica evidente, através da fala dos participantes, que na atualmente podemos perceber uma pluralidade de culturas e concepções das infâncias. Procurei aqui, conversar com eles a respeito de suas vivências dentro dos movimentos sociais durante suas infâncias para compreender seu caminhar até o presente dentro dos movimentos e do ativismo.

A infância indígena, por exemplo, é vivenciada em contato com a natureza, por entenderem que somos todos parte de uma mesma matriz. As percepções ambientais indígenas são essenciais para uma educação das novas gerações, que integra a cultura e o respeito ao ambiente.

O participante “M” relata um pouco sobre essa relação da infância com a natureza:

Eu... pela que minha mãe me contou, eu nasci na Argentina, com seis meses vim pro Brasil, morei em São Paulo, e quando cheguei aqui foi com uns 8 ou 9 anos, que foi quando comecei a estudar, comecei atrasado. Mas o melhor lugar que já morei é aqui, gosto daqui do Cassino. Quando eu era um pequeno indígena, a gente brincava de tudo, subia na arvore, fazia coisas indígenas... bom, coisa indígena é brincar de atirar lama um no outro, subir na arvore, com liberdade, é muito bom. Eu passei muitas dificuldades na aldeia também, aqui tem comida todos os dias, porque às vezes falta né! Mas morar na aldeia é bom, tem bastante contato com a natureza, tem bastante bichinhos de estimação. Nós convivemos com nossos avós, aprendemos sobre plantas, como plantar, como cuidar. Hoje em dia, tá tudo muito afastado, né! Não existem mais lugares pra gente admirar e dizer: Que bonito, que floresta grande! Acho que álcool, festas, drogas, o que está destruindo a nossa cultura é o álcool, quando eu era criança eu cantava,

dançava, agora não vejo mais isso, muitos de nós querem viver no mundo dos brancos e esquecem da nossa cultura. (M, 2023).

Segundo a visão dos autores Stumpf; Wolf; Bergamaschi (2016):

Para haver este entrelaçamento entre o pensamento ocidental e indígena dentro de uma **proposta educacional** de ação socioambiental intercultural, além do respeito a temporalidade, é importante uma maior compreensão do seu sistema de pensamento e de percepção da realidade. Neste sentido, operações ambientais Mbya Guaraní indicam como essencial para um **trabalho educativo ambiental**, uma visão integrada entre cultura e ambiente. (STUMF; WOLF; BERGAMASCHI, 2016, p. 255).

Há poucas pesquisas que tratam de crianças e infâncias, e ainda, poucos nos interessamos em saber sobre crianças que estão vivendo as suas infâncias dentro de movimentos sociais. Posso dizer que isso ainda é uma herança do passado, onde não víamos as crianças como atores sociais que interagem com outras pessoas e ambientes, reagindo diante os adultos e capazes de participar do mundo social por si só. Segundo Kramer (2000) o conceito moderno de infância surgiu das famílias burguesas, que viam a criança como um ser que precisava ser “paparicado” e “moralizado”, um sujeito em formação, que precisava ser cuidada e protegida. Neste sentido, se formou a ideia da criança como alguém que “iria ser”, e da infância enquanto um momento de maturação, de formação deste ser. Esse conceito, é, portanto, uma construção social, cultural e histórica, e varia de acordo com os formatos sociais.

Ao conversar com os entrevistados, que ao relembrares das vivências de suas infâncias, trouxeram diferentes situações, de abrigo e proteção, bem como algumas situações de dificuldades socioambientais, relatam terem vivido muitas brincadeiras em contato com a natureza, compartilhando conhecimentos e aprendizagens com seus pares. Estas crianças, assim como muitas, tiveram suas infâncias invisibilizadas pelas desigualdades socioambientais. No entanto, além da sociedade ter construído a ideia de uma infância idealizada, que nascia de uma visão de crianças pertencentes a famílias com melhores condições de vida, não podemos esquecer que existem também inúmeras crianças que vivem em absoluta miséria, desassistidas pelas famílias, submetidas à explorações, silenciadas enquanto ser humano, em situação de rua, as quais são invisíveis. As disparidades e as injustiças socioambientais se perpetuam ao longo do tempo e constroem as invisibilidades sociais, constituindo diferentes infâncias. Esta pesquisa tem a incumbência de mostrar como foi a infância dos ativistas e integrantes de movimentos sociais.

Além das questões socioeconômicas já citadas, há também as questões étnicas, de gênero, culturais e territoriais, que permearam a infância dos participantes da entrevista. Procurei diferentes vivências as quais interferiram na constituição desses sujeitos hoje. Sendo assim, temos ainda as infâncias indígenas, as infâncias negras, as infâncias quilombolas, as infâncias do MST, as infâncias ativistas do clima, todas elas foram constituídas por eventos econômicas, ambientais e políticas. Todas estas questões foram relevantes para serem reconhecidas e levadas em consideração nessa pesquisa, para pensarmos novas possibilidades para inserirmos consciência ambiental nas crianças desde pequenas.

As imagens das infâncias expressadas pela sociedade demonstram contradições e estereótipos construídos sobre ser criança, posso destacar que um deles é uma criança que seria incapaz de perceber e apontar problemáticas ambientais que atrapalham o desenvolvimento sustentável sua comunica/cidade ou até mesmo de acompanhar os acontecimentos no país, que verticalmente interferem em suas vidas, assim como também se menospreza a participação da criança em movimentos sociais, que e dá início a aprender sobre militância desde cedo, cada qual movimento com características específicas.

Com as conversas realizadas, pude comprovar que a infância é uma variável e não pode ser percebida além de sua relação com outras variáveis, no que tange ao: gênero, classe social, etnia, religião, entre outros. Elas De acordo com Prout (2012), as crianças cultivam cultura na sociedade em que estão inseridas. Assim, as rotulações que as crianças sofrem nada dizem a respeito da diversidade de infâncias que existem e de sua importância e, ainda, os estereótipos pouco representam quem as crianças realmente são na escola. Eles apenas restringem suas infâncias em algo extasiado e as crianças em sujeitos impensantes.

Percebi, através do diálogo mantido com os participantes a grande importância que a infância participante, seja junto aos seus familiares, vizinhos, companheiros de comunidade ou escola, de militâncias ou ativismos, constrói uma juventude de protagonismo frente as questões ativistas. Pude constatar com as falas da participante “T”, da participante “C” e do participante “D” que o protagonismo se torna inerente ao jovem quando este se insere na infância dentro dos movimentos de luta. Assim, se torna mais fácil alcançar o protagonismo quando a participação é bem trabalhada desde tenra idade, como no caso da maioria dos participantes.

Eu nasci e cresci em uma comunidade pesqueira aqui do Recôncavo da Bahia, fui criada também na pesca da mariscagem, sou a primeira filha de quatro e fui criada pela minha mãe e minha avó, elas me criaram dentro da mariscagem e criaram todos assim. Lá na minha comunidade tem uma

colônia que é uma associação pesqueira e as minhas mães eram bem atuantes nisso e eu sempre participei de palestras, ainda pequena. Era aquilo, uma mãe não tem onde deixar as crianças levava junto. Eu lembro de palestras profissionalizantes, palestras pra falar do riscos ambientais, dos riscos a saúde, da pesca da mariscagem, formas seguras, a questão da pele, do câncer de pele e outras doenças que acabam surgindo em decorrência desse ofício.

Em seguida, relatou a época que se envolveu nos movimentos sociais estudantis:

Eu comecei mesmo a participar dos movimentos sociais depois do golpe que a Dilma sofreu. Ali, eu já tava me vendo participando de vários movimentos sociais. Antes disso, em 2010, minha comunidade passou por uma questão muito delicada, começaram a surgir muitas especulações imobiliárias para a construção de resorts em ilhas onde acontece a pesca do marisco e nas redondezas. Com algumas ações judiciais, a comunidade conseguiu barrar a ação civil publica sobretudo, e partir disso, toda comunidade se vê envolvida nessa construção. E aí, foi que a nossa comunidade, já reconhecida como quilombola lutou para cultura palmares fosse fazer essa certificação, então a partir desse ponto que a gente se vê tanto comunidade pesqueira, tanto como comunidade quilombola. E agora, alguns jovens se afastaram um pouco para fazer faculdade, essa nossa participação nessa batalha judicial tem sido muito interessante, pois vejo a gente como pessoas com uma oportunidade de instruir as comunidades. (T, 2023).

O participante “C”, relata as dificuldades que passou na infância, eu o impulsionaram a ser protagonista atualmente:

A minha infância e adolescência foi toda em Rio Brando, no Acre, eu vivi lá no Acre até os 16 anos. Com 16 eu era militante do movimento estudantil, e a partir disso, eu fui diretor da executiva da Ubes, que é o movimento dos estudantes secundaristas, nisso eu fui conhecendo o Brasil todo e nessa caminhada, eu conheci Minas Gerais. Antes do 18, eu fui presidente da UJS Belo Horizonte[...]. Em 2020, fiz o Enem e passei na Universidade Federal de Alfenas, que são as engenharias né! Eu faço engenharia de Minas. Eu costumo dizer que tive uma infância, apesar de um pouco difícil, muito feliz, eu cresci numa ocupação urbana, agora chamada Canaã, que é um espaço próximo a um aeroporto, que tem um espaço de terra muito grande desativado, e a partir disso, aconteceu uma ocupação. (C, 2023).

Em seguida, fala sobre as famílias que habitaram o lugar onde cresceu:

Eram famílias muito pobres, e tinham famílias com um pouco mais de condições financeiras do que outras, a gente sabe que existem vários tipos de interesse nas ocupações, alguns procuram casa pra morar e outros vão lá para

fazer loteamento para fazer dinheiro. Mas na minha infância, eu tive a graça de fazer parte de grupos de jovens de movimentos sociais, tinha uma ação voltada pra comunidade, brinquei muito na rua, soltei muita pipa, joguei futebol e ia a pé pra escola todos os dias com meus amigos. Tive acesso a boa escola, que foi uma coisa que me fez entrar assim na militância foi ter estudado em boas escolas públicas, com professores militantes e comprometidos com as causas sociais, lembro que a diretora tinha um engajamento político bem forte. Eu tinha 15 anos quando engajei nos movimentos sociais, na verdade, eu conheci os movimentos estudantis, mas ainda não era um engajamento político, é voltado mais pra dentro da escola. Já no ensino médio, quando eu participei do grêmio estudantil da minha escola, já tinha um protagonismo político na cidade, íamos na câmara dos vereadores, fazíamos passeatas, pelo passe estudantil, aí já tive um engajamento bem grande. (C, 2023).

O protagonismo se torna inerente ao jovem quando este se insere na infância dentro dos movimentos de luta.

Eu me inspirei muito na Greta e em certo dia, eu tinha uns 16 anos, peguei um cartaz e fui manifestar numa sexta-feira no centro e tipo, ninguém olhava, ainda mais porque eu era jovem e do interior. Daí, eu entrei no movimento “Friday For Future”, comecei a me reconhecer como ativista, aos poucos aprendendo sobre isso. Em um certo dia um colega me chama pra ir numa audiência sobre petróleo e eu sabendo pouco, só o que eu tinha aprendido na escola, fui. Comecei a falar contra a audiência e fui expulso umas cinco vezes, mas voltei porque a audiência era pública. Eu foquei em combustíveis fósseis e transição energética, e daí eu mergulhei de cabeça e fundamos o “futuro zero carbono”, que foi o primeiro grupo de jovens anti combustíveis fósseis do Brasil. [...] (D, 2023).

Pensar em crianças atuantes nos movimentos sociais é pensar diferente do que se pensava nas décadas de 80 e 90, pois temos o mundo a partir da percepção da criança é distinto do adulto. As crianças fazem parte do mundo, fazem parte do bairro, do município e de uma política social que foi verticalizada e pode sim, transformar a sua realidade. Talvez essa premissa se realize quando essa criança alcançar a juventude, mas o importante, é perceber que a atuação desta criança durante sua participação, foi/é construir ferramentas, aprender com o exemplo de sujeitos atuantes e militantes e viver experiências que os encorajam a agir.

A participante “R”, destaca a atuação de seu movimento social para a construção da jovem que ela é hoje, como fundamental, entre as brincadeiras e olhar de criança, cada experiência tinha um cunho de aprendizagem:

Nesse momento, me elegi deputada estadual e faço parte do movimento rural sem terra, eu sempre gosto de dizer que sou filha do MST, nasci dentro do movimento sem terra, sou filha de assentados, e também filha de um casal que construiu sua vida dentro do movimento sem terra. Meu pai, vem do sul, de Santa Catarina, e ele fez parte dos primeiros grupos que deu origem ao movimento sem terra, e ele fez parte dos primeiro grupo que saído sul com a tarefa de desbravar e fundar o MST no nordeste, e minha mãe que já era militante das pastorais de base, e eles acabam com muitas tarefas, em muitos estados, fundando o MST, até chegar em Pernambuco, e lá que meus pais fincam a sua bandeira de luta e lá no caso, eu nasci e sou fruto de uma luta bem simbólica do MST aqui, pois no ano da greve de fome, que o pessoal fez uma greve de fome para desapropriar a terra, foi o ano que eu nasci e sou assentada nesse assentamento, mesmo ano do massacre de Eldorado de Carajás, que instituiu o dia de luta pela reforma agrária, e fui alfabetizada dentro do movimento para a luta.

Logo em seguida, ela traz a importância que o MST dá ao cuidado com as crianças, mulheres e com uma educação libertadora, crítica e reflexiva:

O MSTE tem uma preocupação muito grande de cuidar das novas gerações, e junto a isso, também o cuidado com as mulheres. Para as mulheres estarem no espaço da política, elas precisam ter onde eixar seus filhos. Então o MST desenvolveu uma metodologia, que é a ciranda infantil, que é um espaço que não é só um depósito das crianças, é um espaço para ir forjando essas crianças, tem música MST, tem várias revistas, vários livros, e uma metodologia de cuidado com essas crianças para aos poucos elas irem sentindo pertencimento pela organização, orgulho de ser sem terra, de repente não vai se transformar em um militante, mas vai se reconhecendo e entendendo porque seus pais estão nessa condição, e entender o mundo que a gente vive. Então, pra mim, o MST foi essa escola de alfabetização, eu sou sem terra desde que eu nasci, alfabetização pra luta. [...]eu sempre fui uma criança, adolescente, jovem muito envolvida, muito engajada na lutas e por essa questão, o MST me orientou e ao mesmo tempo me deu a tarefa de construir o @levantepopular da juventude, que é um movimento de organização da juventude e nas periferias, nas escolas e universidades, e aí eu me afirmei mais ainda como militante e ganhei força para entrar na política. Como meus pais eram militantes, sempre viajando com eles, então, foi uma infância de muitas descobertas e aprendendo pra luta. (R, 2023).

No diálogo com os jovens participantes, foi preciso elaborar questões que os fizessem resgatar lembranças da infância. Para isso, foram elaboradas várias interações para que as lembranças ocorressem da forma mais natural possível. O diálogo realizado comprovou que as vivências durante a infância (mesmo cada infância sendo diferente da outra) designaram, apesar de muito distintas no sentido único de cada sujeito, ambiente, pessoas que interagiram, quando todos participantes citaram terem vivenciado situações de dificuldade financeira, infraestrutura, desigualdade social, entre outros.

Porém, citaram que essas situações não os impediram de terem passado por infâncias felizes. Escutando-os e oportunizando a eles que expressassem seus sentimentos sobre a infância, tive a oportunidade de perceber o quanto elas, através de brincadeiras desenvolveram estratégias de luta para fazer parte do mundosocial.

Ao longo do tempo, desde os primórdios da humanidade, a infâncias existiram e continuam existindo. Elas estão em constante mudança, conforme a cultura, gênero, classe social, etnia, religião, a passagem de tempo e os acontecimentos no mundo. Com isso, a infância se mantém enquanto uma categoria social, com características próprias (Sarmiento, 2003). As mudanças que marcam a vida dos participantes durante a passagem da infância para a juventude, são significativas, pois os possibilitaram vivenciar situações e através do seu olhar e modo de representação infantil, que os fizeram participantes e alguns se tornaram protagonistas da mudança nas questões ambientais.

Portanto, os jovens entrevistados foram crianças com suas vivências próprias e intensas, assim como todas as crianças são sujeitos sociais e históricos, e devem ser respeitadas como cidadãs, pessoas que produzem culturas e são frutos delas, que tem voz e devem ser ouvidas e consideradas. O destaque nas entrevistas dos jovens participantes permite compreender que suas infâncias precisam ser vistas como importantes não apenas agora, como a construção de seu presente, mas pelo contrário, elas foram importantes no passado, tornando sua participação mais efetiva em manifestações de Educação Ambiental, decisões de seu bairro, sua cidade, seu ambiente, caminho percorrido até o protagonismo. Precisamos aprender a ver o mundo a partir dos olhares das crianças e dos jovens, não apenas para compreendê-los melhor, mas também para nos ajudar a aprender com elas.

8. SONHOS, UTOPIAS: O SONHAR COM UM MUNDO MELHOR E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO AO LUGAR

Meu maior sonho é um mundo sem desigualdade, que a gente possa viver livremente [...] Um mundo sem desigualdade e cheio de liberdade para amar, de viver, porque a gente às vezes não consegue nem respirar um ar puro, tudo prende a gente nessa vida de estudar e trabalhar pra gente se sustentar, sustentar nossos filhos. [...](C, 2023).

O presente capítulo analisa a relação entre o sentimento de pertencimento ao lugar dos participantes da entrevista, como critério para entendermos como tal sentimento os motivou a integrar movimentos sociais, se tornarem ativistas, preocupados e atuantes nas questões socioambientais. A pesquisa expressa o desejo e ao mesmo tempo, o desafio de mostrar a o jovem sob uma nova ótica: a de participantes ativos e protagonistas. Para isso, é relevante entender como o sentimento de pertencimento ao lugar de origem, influenciou o caminho da participação e do protagonismo jovem. Lugar e tempo estão intimamente ligados, sendo o lugar, o tempo lugarizado. Os lugares nos quais os participantes se movimentaram durante sua infância fazem parte de suas memórias e caracterizam cada ação. Muitas vezes quando pensamos no local, temos que nos locomover até este lugar, pois através dos sentidos, relembremos nossas vivências mais marcantes.

Evidencio assim, novas formas de perceber a natureza da criança, através da ótica atual dos jovens, numa educação ambiental, onde os relacionamentos sociais e interpessoais são entendidos como meios de aumentar a participação e impulsionar a motivação para se tornar protagonista.

É uma pesquisa com potencial de apresentar a perspectiva sobre a mobilização no enfrentamento da crise ambiental por parte das crianças e jovens, enquanto participantes de projetos e conferências e eventos nacionais e internacionais. Ao integrarem essas manifestações e movimentos sociais, e viverem o dia a dia das mesmas, as crianças e jovens estão buscando a autonomia e o direito de pertencer ao meio social, além de contribuírem para a justiça ambiental e também para as ações de Educação Ambiental, movimento esse que surge como um dos resultados desta pesquisa.

O ser humano se transforma na medida em que transforma o espaço ao redor, construindo o lugar. Espaço este, fundamental para as relações vitais entre os sujeitos. O lugar, então, é o mediador da experiência do ser humano com o mundo, em sua prática de humanização. Os lugares vivenciados, as histórias guardadas nos tornam um “arquivo” de memórias, que tem em comuns cenários para o seu acontecimento. Cenários distintos, porém de forma marcante as nossas experiências com o mundo, pois não há como se lembrar de um acontecimento, sem que venha na memória o lugar.

Os jovens envolvidos neste processo estão constituindo sua identidade militante e, para eles, esta questão da influência de uma política pública tem gerado resultados, que pretendo investigar especificamente. Ainda é importante dizer que o “lar” pode ter um significado bem mais amplo do que a casa de cada um, mas pode ser o país de origem, o

estado, dependendo da ótica. Se um sujeito se encontra em outro continente, por exemplo, constantemente pensa em seu lugar de nascimento.

As pessoas acabam se apegando a um lugar quando este proporciona algum significado, quando mexe com o seu íntimo, quando causa um bem-estar, vários sujeitos podem passar pelo mesmo lugar, mas cada um terá uma imagem particular desse lugar. Então, lugar é significado. E isso ficou claro, quando os entrevistados, mesmo relatando que suas infâncias não foram muito fáceis do ponto de vista social e econômico, descrevem com carinho as vivências da infância no lugar onde viveram neste período da vida.

Desta forma, destaco, através da perspectiva dos jovens, aspectos considerados relevantes para a reflexão e a construção de um novo olhar sobre a participação e o protagonismo das crianças e jovens, como integrantes de movimentos sociais, ativistas, atuantes nas questões socioambientais. A pesquisa realizada apresenta como um dos temas, a percepção ambiental dos jovens no que se refere a relação do sonhar com um mundo melhor e o sentimento de pertencimento ao lugar. Tal percepção, revela que o pertencimento, o cuidado e a mobilização das juventudes frente as ações socioambientais tem trazido mudanças e melhor qualidade de vida para todos, seja em sua comunidade de origem, seja em outros ambientes.

8.1. Pertencimento, cuidado e a mobilização das juventudes frente as ações socioambientais

Um dos pilares que leva pelo caminho da participação ao protagonismo é o sentimento de pertencimento ao lugar de origem. Esse sentimento precisa estar fortemente enraizado no sujeito para tal motivação, pois se torna um grande incentivo para a luta por um mundo mais digno. Neste caso, o sonho de ter e proporcionar uma vida melhor para sua comunidade, cidade, estado, país, surge como um anseio que está ligado ao sentimento de pertencimento ao lugar. Vamos entender o porquê da relação entre o sentimento de pertencimento ao lugar e a realização dos sonhos. É muito pertinente compreender que cada um de nós tem um lugar, seja nossa residência, nosso bairro inteiro, a própria pátria, vistos como lar, se torna lugar (OLIVEIRA, 2012) e com isso, a expectativa da realização dos sonhos citados pelos entrevistados, está relacionada com a possibilidade de beneficiar o lugar e as pessoas que o habitam. Todos os participantes ressaltaram seu lugar de origem, quando falaram de seu maior sonho, demonstrando um sentimento topofílico com seu lugar, ou seja, uma afeição.

Podemos entender que os ambientes por onde os jovens participantes das entrevistas perpassaram suas vivências e experiências são mais além do que espaços:

[...] é o pensar o espaço na sua constituição, e não ao contrário: pensar a mundanidade do mundo circundante, em sua unicidade, singularidade, interconectividade, como atributos essenciais da forma de e situar no mundo, constituindo um ego a partir do qual é possível experienciar e existir: ser-e-estar-no-mundo. [...] É o lugar que está definitivamente associado ao ser-no-mundo. [...] (MARANDOLA, 2012, p. 236).

Esses lugares acabam trazendo a sensação para estes jovens de proximidade, um lugar de liberdade e lembranças, [...] embora, seja passível de ser engendrado ou conduzido de um lugar para o outro, é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções.[...] (OLIVEIRA, 2012, p. 12).

Quando perguntei sobre seu maior sonho para este mundo, o participante “L” falou sobre um “sonho” não tão distante, seu desejo envolve mais infraestrutura para a Ilha dos Marinheiros, lugar onde mora e para as pessoas que moram lá, serem realmente percebidas. Deseja também que as pessoas tenham mais consciência ambiental:

Eu esperava, bom... o caminhão de coleta passa regularmente agora, mas ainda tem a questão das caçambas de lixo para o pessoal que mora lá no fundo, é muito pouco ainda. Tem que colocar mais próximo onde as pessoas moram e o caminhão entrar lá, isso em relação as pessoas da ilha. Em relação aos turistas, que a gente fez aquelas filmagens do lixo lá na lagoa, eu acho que é falta de conscientização dos próprios turistas de descartar o lixo da maneira correta. Se eu não me engano, colocaram mais uma lixeira lá na gruta, agora tem duas. Mas se tu for lá, tu vai ver que elas estão sempre vazias, ou o pessoal está levando o lixo pra casa ou estão descartando pelo local e o caminhão passa uma vez na semana, é pouco ainda. Então é isso, é falta por parte da prefeitura, mas também é falta de consciência do pessoal da ilha e também dos turistas, porque, como te falei, a ilha é um ecossistema, a gente vai tá sempre reutilizando a mesma água e a cidade também, pois o que vem da cidade vai pra ilha e o que tem na ilha vai pra cidade. (L, 2023).

Ficou evidente que esse jovem, que participou da 1ª Conferência de EA do município, justamente evidenciando os problemas ambientais da Ilha, compreende a Ilha dos Marinheiros como seu lugar de pertencimento. Esse sentimento sugere que o participante “L” tem uma ligação profunda e íntima com o lugar onde mora, tanto é que seu desejo envolve uma melhor qualidade de vida para os moradores desse lugar. Provavelmente suas memórias estão repletas de vivências durante a infância e a adolescência, que ocorreram de forma única, construindo o sentimento de pertencimento a este lugar e isso é demonstrado durante toda entrevista, onde

percebi que ele se refere a Ilha com muito carinho e respeito. Precisamos salientar também que ele não descarta a necessária conscientização pelo cuidado com a natureza tanto com os moradores como os turistas.

Em grande parte, esse sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem, a seu estado e ao país, que percebi ser presente em todos os entrevistados, motiva-os a sonhar e buscar a realização desses sonhos e para isso, geralmente, contam com a cooperação de outros pares, também preocupados e engajados com a solução dos problemas ambientais que afetam a vidas do povo.

O participante “M” tem uma visão diferente, através de seus relatos, contou que durante sua vida, ele e sua família, precisaram por diversas razões, mudar-se, não apresentou um sentimento de pertencimento aos lugares que morou anteriormente e sim algumas lembranças. Ele apresenta o sentimento de pertencimento ao lugar que mora atualmente, apesar de fazer pouco tempo que ele e sua família estão morando no Cassino/RS. Podemos perceber isso através de sua fala:

Eu... pelo que minha mãe me contou, eu nasci na Argentina, com seis meses vim pro Brasil, morei em São Paulo, e quando cheguei aqui foi com uns 8 ou 9 anos, que foi quando comecei a estudar, comecei atrasado. Mas o melhor lugar que já morei é aqui, gosto daqui do Cassino. [...] Eu passei muitas dificuldades na aldeia também, aqui tem comida todos os dias, porque às vezes falta né! [...] (M, 2023).

O entrevistado também apresenta uma preocupação com o desmatamento, destruição dos ambientes naturais e também com o afastamento de suas raízes e cultura, que ele tem observado, em alguns jovens indígenas, estes, segundo ele, estão se distanciando do ser indígena. Ele agrega culpa a este acontecimento ao álcool e as drogas:

Hoje em dia, tá tudo muito afastado, né! Não existem mais lugares pra gente admirar e dizer: Que bonito, que floresta grande! Acho que álcool, festas, drogas, o que está destruindo a nossa cultura é o álcool, quando eu era criança eu cantava, dançava, agora não vejo mais isso, muitos de nós querem viver no mundo dos brancos e esquecem da nossa cultura. (M, 2023).

Ele acaba destacando uma questão importante; a do pertencimento as nossas origens, históricas, culturais, como importante para saber quem somos de verdade, de estarmos conectados aos nossos antepassados e ligados a nossa cultura. No entanto, seu sonho/desejo é:

O meu maior sonho, meu maior desejo é que tudo melhore assim, que o mundo melhore bastante, que as pessoas se juntem e ajudem as pessoas pobres, doação para as crianças que precisam, eu acho que ia melhorar bastante se um ajudasse ao outro. A maioria das pessoas não enxergam as dificuldades que os mais pobres passam e ainda julgam. Eu desejo que nesse mundo não exista mais racismo, machismo, homofobia, essas coisas que matam no mundo inteiro, isso é muito horrível e triste, porque quando a gente tá bem, não percebe que o mundo é cruel. O mundo seria melhor se não existisse seres humanos, só a natureza e os animais. (M, 2023).

O sonho/desejo da participante “T”, que é participante de Movimentos Sociais, tem relação também com o pertencimento ao seu lugar de origem, no qual morou até começar a cursar a faculdade, deseja uma educação de mais qualidade para crianças e jovens da sua comunidade e também, deseja ampliar as fontes renda sustentáveis para além da mariscagem:

Nossa...! Nesse momento muitos agentes políticos também né? Porque minha comunidade é pequena, mas ela conseguiu eleger na última eleição quatro vereadores e no ultimo IBGE deu 10.000 habitantes, então, olha a força da nossa comunidade! Tenho o grande interesse de transformar a nossa comunidade em uma cidade, por exemplo.[...] Mas de fato, o que eu consigo sonhar pra nossa comunidade é ter essa estabilidade de ter a nossa fonte de renda garantida e tenha implementação de uma educação de melhor, e de fontes renda sustentáveis que desse para trabalhar além da mariscagem, desse para trabalhar com o turismo, e que a gente conseguisse se reconhecer como comunidade e que a gente consiga se desenvolver em tudo. (T, 2023).

Nesse sentido, com o desejo dessa militante, percebi que a Educação Ambiental precisa estar presente e deve enfocar as experiências desse lugar, levando em consideração as questões de heterogeneidade, considerando importantes os saberes locais, culturais, para eliminar qualquer processo hierárquico de fora da comunidade, fortalecendo os sujeitos que ali pertencem:

[...] devemos compreender como são os ambientes de vida, qual a posição social ocupada pelos diferentes grupos e classes, como estes produzem, organizam-se e geram cultura, bem como as implicações ambientais disso, para que uma mudança possa ser objetivada.[...] (LOUREIRO, 2012, p. 86).

Em relação ao seu sonho/desejo, percebemos uma pequena mudança no discurso, o entrevistado “C”, relata que deseja um mundo sem desigualdades, contudo, também fala sobre a questão do desapego que precisou realizar, de sua família inicial, para assumir a liderança da UNEGRO/MG, atualmente. Acredito que essa seja a realidade de muitos jovens militantes:

Meu maior sonho é um mundo sem desigualdade, que a gente possa viver livremente, porque esse mundo coloca a gente dentro de uma caixa. Um mundo sem desigualdade e cheio de liberdade para amar, de viver, porque a

gente às vezes não consegue nem respirar um ar puro, tudo prende a gente nessa vida de estudar e trabalhar pra gente se sustentar, sustentar nossos filhos. Então, eu tenho vontade de viver num mundo de verdade, que eu possa viajar, me dedicar para as pessoas que eu amo, porque pra estar aqui na luta, eu tive que abrir mão de muita coisa, da minha família, do estado que eu amo, o Acre. Quero um mundo com mais liberdade e sem desigualdade. (C, 2023).

Ver jovens militantes, “comandando suas vidas”, chegando ao protagonismo, buscando pessoalmente estratégias para trazer melhor qualidade de vida a sua comunidade, lutar para que as pessoas tenham uma vida mais humanitarista, socialmente digna, é um dos princípios da Educação Ambiental, pois:

[...] Nessa sociedade, milhões tem suas vidas condenadas à indigência, outras espécies são destroçadas pelos caprichos da elites e seus ímoraes sentidos estéticos, enquanto alguns regozijam a opulência dos bens materiais gerados em nome do desperdício e do prazer fútil e imediato. (LOUREIRO, 2012, p. 23).

Fica evidente que a relação entre protagonismo e pertencimento é indissociável. A relação de pertencimento se constitui quando a história do lugar, através dos fatores culturais, respeito a seus antepassados, é passada de geração em geração. Essa é uma importante contribuição que faz com que a criança, o jovem desde cedo se reconheça e tenha orgulho de si, de sua história. Assim, surge um sentimento de preservação e cuidado com o lugar, com sua história e sua origem e podemos com isso, deixar marcar profundamente positivas hoje e para o futuro.

Precisamos pensar no jovem agora no presente e também no futuro, precisamos reconstruir valores, tão esquecidos ultimamente, precisamos de um adulto mais politizado, pensante e atuante, capaz de realizar escolhas conscientes, para sua cidade, estado e país. Portanto, é latente focar em projetos que resgatem bons valores e que tragam a esperança de um mundo menos desigual, um mundo mais solidário, com menos violência, onde toda criança ou jovem pobre tenham uma vida plena, que todos possam viver em um mundo de forma mais igual, mais fraterna. Por isso, a necessidade de mobilizar os jovens. Essa é uma forma de enxergar esses jovens e torna-los mais atuantes dentro do processo de reconstrução do nosso país.

8.2. Relação entre sonhos e utopias

Sonho e utopia são extremamente necessários enquanto elementos princípios que estão presentes na revelação das mentiras que preenchem a sociedade, vindas das dominâncias opressoras. O tempo atual possibilita que possamos construir novas utopias ou resgatar as que ficaram oprimidas por alguns anos. Não existe existência humana sem sonho e utopia, a utopia de uma pessoa é imprescindível, mas não satisfatório para vencer a luta, precisamos de pessoas que sonhem em comum e tenham utopias críticas como objetivo. Segundo Galindo (2006), em tempos sombrios, de desvalorização do ser humano, alguns dizem que a utopia já não popular e necessária:

Durante la última década algunos comentaristas han más o menos llegado a la conclusión de que em uma era de cinismo y “desvalorización” de lo “humano” como la que atravesamos, ya no son populares las utopias, por lo que sugieren su rescate, a como de lugar, si es que se há de dar sentido a tareas tan ambíguas como la de lograr la sustentabilidad (o sustentabilidad) del desarrollo. (GALINDO, 2006, p. 413).

O novo tempo permite-nos ter esperança, construir novas utopias ou resgatar os sonhos e utopias que nunca morreram. As preocupações com o meio ambiente, com as desigualdades sociais, com a melhor qualidade de vida das pessoas possibilitam que se ponha em prática a busca pelos sonhos, indo à luta.

A utopia, enquanto necessária à natureza da realidade e da existência humana, não concretiza nada, por ser pura utopia, mas sem ela, não podemos começar a luta, necessitamos de utopias unidas e atuantes e, é o que percebo através das respostas dos jovens entrevistados, seus sonhos e utopias, possuem uma postura muito crítica e atuante.

A questão sobre os “sonhos” dos participantes da entrevista teve a intenção de fazê-los pensar e trazer suas utopias, como um caminho a se percorrer em busca de um lugar harmônico, onde a justiça e paz reinam em cada lugar. Como Eduardo Galeano diz, a utopia nos inspira a caminhar, não como um objetivo de chegar, mas como a direção.

Na fala da entrevistada “R”, ela traz de forma marcante a questão da sua direção em busca do que ela entende por utopia não está tão distante assim. Pude observar que ela atualmente, além de ter saído do assentamento que morou durante a infância para assumir a posição atual, é protagonista e busca pessoalmente, através da luta, como ela mesma menciona, realizar seu sonho:

Meu sonho, as nossas utopias... bom, é por isso que a gente luta né! Por isso que a gente está nessas trincheiras e por isso que eu optei por ser militante e estou nesse momento deputada... meu sonho que eu quero para o mundo, para o meu estado, para o Brasil é um lugar onde todo mundo possa viver com dignidade e nesse momento, meu sonho não nem muito distante, meu sonho mais emergencial é que toda família tenha ao menos três refeições por dia, mas a gente quer mais ainda, quer um mundo menos desigual, um mundo mais solidário, com menos violência, então, eu diria que eu sonho que toda criança pobre tenha uma vida plena, onde a gente possa viver todo mundo de forma mais igual, mais fraterna, eu acho que esse é meu sonho e acho que é por isso que estou nas trincheiras da luta institucional. (R, 2023).

Já na fala do participante “D”, existe muita esperança no seu próprio ativismo, uma esperança que não vem apenas do esperar, que mesmo destacando certa dificuldade de enfrentar os mais poderosos, está lá, sempre atuando:

Eu sempre falo que todo ativista tem vários sonhos, várias utopias: paz mundial, frear o aquecimento global, fome zero. A realidade é bem diferente. A gente sabe que não vai frear a crise climática, e sim, postergar ela. A nossa utopia é uma utopia mesmo, o sonho do “D”, seria clichê falar que seria a transição energética né? É que não é só um sonho, uma utopia, tem várias, o fim dos combustíveis fósseis, nossa, venci na vida se isso acontecer! Hoje no meu município eu atuo, mas atuo mais a nível nacional, pra garantir para os brasileiros uma vida melhor e não só as pessoas, minha maior utopia é que pessoas, animais e plantas tenham uma melhor qualidade de vida, um lugar melhor para viver, pois ultimamente a gente tem sobrevivido e muitas pessoas, infelizmente, ainda não estão conseguindo nem sobreviver. Então realmente viver, e viver significa ter melhor qualidade de vida, melhores oportunidades. Essa é a maior utopia, as pessoas viverem! (D, 2023).

Paulo Freire define melhor a fala acima:

Não quer dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é o suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela, a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (Freire, 2011, p. 15).

Utopia, além de um sonho, é a visualização de uma sociedade perfeita, é a luta por um ideal, onde a sociedade está organizada da melhor maneira, com melhor qualidade de vida a seu povo, tornando-os uma sociedade organizada de forma racional, sujeitos equilibrados e felizes. “O que contatamos é que o ser humano e a sociedade não podem viver sem uma utopia. Quer dizer, não pode deixar de projetar seus melhores sonhos nem desistir de buscá-los dia após dia”. (BOFF, 2014, p. 94).

Para Paulo Freire (2011), a ascensão de uma utopia só é possível quando o sonho ultrapassa as amarras concretas do sistema econômico, político, social, ideológico, que condenam os seres a desumanização, desigualdade. A utopia tem sido na história, permanente, se faz e se refaz, nunca perdendo a esperança. “A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança, sem a qual não lutamos.” (FREIRE, 2011, p. 137).

Viver sem uma utopia e sem lutar por ela, é permitir que o lado mais forte sempre domine o mundo com seus interesses, menos importantes em comparação as necessidades dos oprimidos. Assim, impedindo que tenhamos um mundo mais justo socialmente, com mais oportunidade e melhor qualidade de vida para todos os seres que aqui habitam.

Portanto, é urgente tomar medidas que ajudem a combater a degradação do meio ambiente, e também outras formas de degradação que acarretam da destruição da vida no planeta. O que percebi diante as reflexões e respostas dos participantes, é que não existe uma “fórmula mágica” para acabar com as desigualdades e grande degradação do meio ambiente de uma hora para outra e sim a união das forças. Cada participante é responsável por se preocupar e atuar inicialmente em sua comunidade, outros, além de sua comunidade, conseguiram alcançar patamares a nível nacional. Cada um faz a sua parte, tem suas utopias, mas vão a luta, de acordo com suas crenças e valores. Enquanto há vida, há a essência da transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

A proposta inicial e essencial desta pesquisa é compreender a relação de crianças e jovens com as questões ambientais e entender como se dá seu envolvimento com os movimentos sociais e sua atuação dentro deles. Percebi que há muitas crianças e jovens vivenciando suas infâncias e juventude dentro dos movimentos sociais ou atuando em prol das questões ambientais, mesmo que sem aparecer nas mídias. Além de entender essa relação, destaco a diferença entre uma postura participativa, que já é importante, e uma postura de protagonismo. Assim, vou realizando durante o tempo de construção da Tese, pesquisas bibliográficas, leituras, pesquisas sobre a vida de jovens militantes, pesquisas sobre eventos e conferências de Educação Ambiental, que tiveram a participação dos jovens ao longo da história e também entrevistas com jovens militantes, para compreender as diferenças entre participação e protagonismo.

Almejei então, trazer esse assunto, com a intenção de realizar uma reflexão e tive desde o início a intenção de escutar o que os jovens tinham a dizer sobre o assunto, pois é evidente que muitos trabalhos e pesquisas não trazem o olhar dos jovens sobre suas vivências e experiências e sim, o olhar adultocêntrico e estereotipado que tem adaptado o mundo de forma verticalizada para as crianças e jovens viverem suas infâncias e juventudes, sem ter suas vozes destacadas.

Com o desenvolvimento teórico da pesquisa, as leituras realizadas e o contato direto com os jovens para a coleta dos dados, a temática foi se ampliando quanto ao problema de pesquisa. Fui percebendo a importância dos outros assuntos que surgiam a partir das falas dos jovens, tais como: sonhos, utopias, experiências dentro de movimentos sociais e o ativismo, influenciando as infâncias, a resiliência presente nas dificuldades enfrentadas durante a vida, durante sua infância. Acontecimentos relatados, que eles estavam expondo, que eu não poderia deixar de levar em consideração e de integrar ao trabalho.

A contribuição desta pesquisa para a Educação Ambiental se torna fundamental, quando precisamos ter certeza que os jovens têm uma opinião bem definida sobre suas condições de estar nos ambientes, eles sabem ser críticos e se expor em busca de seus direitos e justiça social. Além disso, lutam e buscam o melhor para todos, mostrando ter um sentimento de coletividade. A pesquisa também se torna importante para se pensar a reconstrução de nosso país, pensando no nosso povo que precisam recuperar a dignidade.

Nos últimos anos foram implementadas ideias de violência, intolerância, desrespeito às diferenças. Muitos jovens ainda estão com os pensamentos tomados por estas questões, tanto é que estamos acompanhando o aumento de casos de violência entre jovens, homicídios e massacres em escolas. Entendemos que estas ações brutais são reflexos de um período onde a questão do armamento e da violência foram incentivados. Portanto, é latente focar em políticas públicas e pesquisas que resgatem bons valores, traga a esperança de um mundo menos desigual, um mundo mais solidário, com menos violência, onde toda criança e jovem pobre tenham uma vida plena, que todos possam viver em um mundo de forma mais igual, mais fraterna. Por isso, a necessidade de mobilizar e destacar os jovens nessa pesquisa. É uma forma de enxergar esses jovens e os expor sua atuação dentro do processo de reconstrução do nosso país.

O que foi percebido nos jovens brasileiros em âmbito nacional? Nos últimos anos através de desmonte na educação, os jovens foram abandonados, o que criou um solo fértil para ideias de violência, intolerância e desrespeito às diferenças. Muitos jovens estão com os pensamentos tomados por estas questões, o que tem se refletido no aumento de casos de violência entre jovens, homicídios e até mesmo em um país onde nunca antes havia sido falado em terrorismo, hoje vivenciamos comunidades escolares, pais, professores e alunos com medo de massacres em escolas. Entendemos que estas ações brutais são reflexos de um período onde a questão do armamento e da violência foram incentivados.

Durante a pesquisa foram entrevistados jovens, membros de movimentos sociais e da etnia indígena, com idade máxima de 27 anos, onde todos ocupavam lugares de protagonismo dentro de suas áreas. E o que se percebeu foi a dificuldade de obter resposta para a participação nesta pesquisa de jovens com essas características de proeminência cultural em nossa região, de forma que surgem questionamento sobre isso: Será que já existe uma “lacuna etária” neste campo? É possível que os jovens da nossa região não tenham interesse por política ou questões culturais? Ou simplesmente não tenham interesse em participar de pesquisas! Dessa forma é evidente a necessidade de agirmos imediatamente para trazermos nossos jovens para locais de destaque, visando uma próxima geração de adultos pensantes e que possam guiar a comunidade onde estão inseridos.

Podemos relembrar a questão central dessa pesquisa e as hipóteses dessa pesquisa, respondendo através dos capítulos construídos, nos quais apresentam dados oriundos dos próprios participantes, ou seja, essa pesquisa foi construída pelos jovens participantes e não apenas pela pesquisadora.

Questão central: Analisar a participação e as diversas manifestações de crianças e jovens, a nível mundial, mas dando ênfase aos jovens brasileiros sobre as mobilizações sociais e ações em Educação Ambiental.

Hipótese 1. Dependendo do lugar se alteram as formas de manifestação cultural e participação das crianças e jovens. Podemos aqui levar em consideração o micro, mese, exo, macro e cronossistemas de cada um.

Hipótese 2. Crianças e jovens são escutadas em determinados momentos e em outros não. Elas são silenciadas muitas vezes (valorização do que a criança e jovem tem a dizer).

Hipótese 3. Participação de crianças e jovens desde cedo em ações em Educação Ambiental pode mobilizar o protagonismo na vida adulta na luta por um mundo menos violento, mais ecologicamente saudável e justo.

Desta forma, pude analisar e construir reflexões a partir dos capítulos, respondendo à questão central e às hipóteses para construção dessa tese:

Reflexão 1 - De acordo com os relatos dos participantes, a aprendizagem da cultura de seu povo e o percurso até o protagonismo apresentado hoje em dia, passou pela convivência desde a infância pelo que Bronfenbrenner (2011) chama de modelo processo-pessoa-contexto-tempo. Como exemplo, podemos citar a relação entre os participantes, sua família, vizinhos, pessoas da comunidade de convívio, instituições governamentais que acabam influenciando suas vidas. Essa interação fez com que se tornassem participantes e até protagonistas.

Reflexão 2 - Situações de dificuldade e escassez durante a infância, fizeram com que se desenvolvesse a resiliência. Podemos perceber, através da fala dos participantes que a resiliência esteve presente na vida dos entrevistados e foi um dos fatores que os constituíram como militantes e protagonistas de suas histórias.

Reflexão 3 - As crianças e jovens que participaram de congressos, eventos e conferências de Educação Ambiental apresentam uma sensibilidade para perceber quais males atingem as pessoas ao seu redor e, mesmo lutando pelas pessoas da sua comunidade, ou por um grupo mais amplo de vidas, seu ativismo traz transformações.

Reflexão 4 - Crianças e jovens, apesar do preconceito que sofrem ao se declarar ativistas e ao participarem de conferências de Educação Ambiental, também contribuem para realizar a mudança no mundo.

Reflexão 5 - Diante da experiência de conversar com os entrevistados, me fez concluir que existem pilares, para a construção do protagonismo, são eles: Primeiro: objetivo de construir um mundo melhor; Segundo: pensamento de união, ou seja, pensa primeiramente em sua comunidade; Terceiro: o respeito as gerações mais velhas, a cultura dos seus antepassados, como uma lição e um certo direcionamento do caminho correto; Quarto: conhecimento e consciência de classe e por último: sentimento de pertencimento ao lugar.

Reflexão 6 - Jovens relatam o incentivo da família, comunidade e principalmente de educadores para engajarem na militância.

Reflexão 7 - A pesquisa expõe a percepção ambiental dos jovens no que se refere a relação do sonho, utopia e o sentimento de pertencimento ao lugar. Tal percepção, revela que o pertencimento, o cuidado e a mobilização das juventudes frente as ações socioambientais tem trazido mudanças e melhor qualidade de vida para todos, seja em sua comunidade de origem, seja em outros ambientes.

Tendo como base as reflexões construídas na pesquisa realizada, defendo a Tese: As juventudes brasileiras podem ser protagonistas e participantes ativas nas manifestações e lutas sociais em prol da Educação Ambiental. Essas ações são construídas desde crianças nos contextos de vida, no lugar de pertencimento, e podem ser mobilizadas pelo incentivo de educadores, pelos sonhos e utopias que mobilizam a defesa do ambiente e a justiça socioambiental.

Foi fundamental ampliar os estudos sobre a Bioecologia do Desenvolvimento Humano, para analisar a caminhada de uma participação até o protagonismo, reconhecendo o olhar e as perspectivas ecológicas dos jovens no âmbito pela resolução dos problemas ambientais, tendo como base a Abordagem Bioecológica do desenvolvimento humano e a Educação Ambiental sistêmica, significa perceber que os espaços e os sujeitos não são neutros, esses sujeitos tem presença marcante nos espaços, transformando-os e sendo transformados a cada ação que praticam. Os jovens entrevistados demonstraram que realizam uma “leitura de mundo” sobre a realidade, tem uma sensibilidade para compreender a verdadeira face da sociedade e o modo de como as situações acontecem. Consegui sentir uma “faísca” desse olhar crítico e reflexivo sobre as questões ambientais nas falas dos jovens, eles conseguem ir além da reprodução de padrões e mostraram o reconhecimento das adversidades e problemas ambientais que afetam a vida em âmbito micro e macrosistêmico neste planeta.

Levando em consideração a emergência de uma juventude mais participativa, crítica e reflexiva; os resultados da pesquisa após as análises das entrevistas, percebo a necessidade de mobilizar os jovens para a reconstrução do nosso país.

Ao conversar com os sujeitos participantes e analisando suas falas, percebi que a relação de vida dos sujeitos participantes com as questões políticas, de luta por uma qualidade de vida para todos, sua preocupação com o clima, e com o bem-estar das pessoas, mostra que nasceram e cresceram dentro dos movimentos sociais, do ativismo, militância. São jovens sujeitos que estão no caminho certo, pois a resolução das questões ambientais ainda que desafiadora, é mais do que reuniões onde as decisões são tomadas de forma verticalizada, precisa-se da ação. Na luta por direitos sociais, pela redução das desigualdades, na luta pelo meio ambiente e o clima, igualdade de gênero e desenvolvimento sustentável, estes jovens demonstram muita coragem de forma justa. E mesmo os que aqui nesta pesquisa estiveram presentes e não participam de nenhum movimento social, apresentam um olhar ecológico para com o meio ambiente e citam a importância da harmonia da convivência entre seres humanos com os ambientes, relatam sobre uma convivência sustentável e equilibrada.

As relações desses jovens estabelecidas com pessoas ligadas a partidos políticos, militantes, outros incentivados por seus professores, familiares, pessoas dos próprios movimentos sociais e outros, já vivendo em harmonia com a natureza, desde seu nascimento, é uma relação desenvolvimental que foi estabelecida dentro do mapa bioecológico de cada um, esse convívio e relação estabelecida com as pessoas e ambientes, fez com que a maioria desses jovens alcançasse o protagonismo, pois estão em busca da realização do sonho de um mundo melhor, mais digno e com menos desigualdades.

Portanto, a pesquisa deu ênfase a escuta dos jovens, aprofundou e discutiu aspectos muito relevantes para muitas questões ambientais. Nos relatos ficaram evidentes categorias fundamentais para a defesa da vida, são elas: Participação e Protagonismo dos jovens em Educação Ambiental; Democracia e juventude; Resiliência e protagonismo; Sonhos e utopias. Na pesquisa foi possível escutar as vozes jovens, que são muitas vezes silenciadas em diversos lugares, aqui todos eles foram protagonistas.

Por fim, cabe ampliar as políticas públicas das juventudes já existentes para que a participação dos jovens seja ainda mais incisiva e reconhecida na sociedade. O grupo de estudos e pesquisa no qual faço parte, o Ecoinfâncias/FURG está expandindo o estudo e pesquisas com jovens e juventudes. E diante desse contexto, juntamente com diálogo que tive com os jovens participantes da pesquisa, que relatam o incentivo da família, comunidade e principalmente de educadores para engajarem na militância e seguir o caminho até o protagonismo, elaboramos alguns indicativos para realizar uma formação de professores continuada e permanente (FREIRE, 2022) voltada para as juventudes, onde os protagonistas dessa formação serão os jovens.

Assim, contaremos com uma formação voltada aos educadores, que poderão se preparar estudando preceitos da Educação Ambiental, ouvindo jovens lideranças, jovens atuantes na sociedade. Esse educador será capaz de repensar seu ensino, trazendo questões ambientais, que afetam tudo e todos para discutir com seus educandos, assim, multiplicando saberes apreendidos com as jovens lideranças e protagonistas.

Para avaliarmos esse processo, posso dizer que a promoção da participação de jovens lideranças, comunidade jovem e professores, juntamente com a abordagem sistêmica dessa proposta educativa e a utilização de metodologias que tenham como base o diálogo, o respeito às diferenças e a preocupação em tornar o professor sujeito reflexivo sobre o tema, podem ser ressaltadas como características que estão atreladas aos princípios da Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, 5-6, 25-36, 1997.
- AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. Tese de Doutorado em Estudos da Criança Área de Especialização em Sociologia da Infância. Universidade do Minho - Instituto de Educação, 2010.
- ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadores: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. infância. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91. p. 419-442. Maio/Ago. 2005.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ, 2000.
- BARBOSA, Maria Carmem. **Projeto de cooperação técnica mec e ufrgs para construção de orientações curriculares para a educação infantil**. Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares – Brasília, 2009.
- BARCELOS, V. MADERS, S. **Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade**. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.
- BERSCH, Ângela Adriane Scchmidt; YUNES, Maria Angela. Mattar. (2009). **O brincar e as crianças hospitalizadas: contribuições da abordagem ecológica**. Ambiente & Educação: Revista De Educação Ambiental, 13(1), 119–132.
- BERSCH, Angela Adriane Schmidt. **Resiliência profissional e a Educação Ambiental: promoção de ambientes de desenvolvimento em instituição de acolhimento**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2017. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011532.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.
- BOFF, L. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 20º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BRASIL. **Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013** – Estatuto da Juventude.
- BRASIL. **Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA: Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- BROFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Experimentos naturais e planejados. 2º Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRONFENBRENNER, U. **Developmental research, public policy, and the ecology of childhood, Child Development**. V. 45, p. 1-5, 1974.
- BRONFENBRENNER, U. MORRIS, P. The ecology of developmental processes. In W. Damon (Org.). **Handbook of child psychology**. V. 1. New York: John Wiley Sons, 1998.

CAMPOS, M. M. **Por que é importante ouvir as crianças?** A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.

CARRANO, Paulo José Rodrigues. Identidades juvenis e escola. In: UNESCO. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 2.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M. **Por um novo paradigma do fazer políticas- políticas de/para/com juventudes**. Rev. Bras. de Estudos de População v.19, n.2, jul./dez.2002.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **A Agenda 21**. Brasília: CDI, 1995. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CORSARO, W. A. O futuro da infância é o presente. In: **Revista Educação: cultura e sociologia da infância**. Ed. Especial. São Paulo: Segmento, 2012. p. 42-55.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação demográfica**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2006.

CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

DAYRELL, Juarez. **O Jovem como Sujeito Social**. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007, 284p. (coleção educação para todos; 16).

DE ANTONI, C., & KOLLER, S. H. (2000). **Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares**. Psico, 31(1), 39-66.

DELGADO, Ana Cristina Coll. **Infâncias e Crianças: O que nós adultos sabemos sobre elas?** SaberCom FURG. p. 1-9. 2003. Disponível em: http://sabercom.furg.br/bitstream/1/1441/1/infancias_e_crianças.pdf Acesso em 12/09/2022.

DELGADO, A. C. C. MULLER, F. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento. In: **Currículo sem Fronteiras**. v.6, nº.1, p.15-24, Jan/Jun. 2006.

DELGADO, A. C.; TOMÁS, C. A. (2013). **Sociologia da infância e abordagens socio antropológicas na produção de países do hemisfério norte e brasil**. Revista Inter Ação, 38(3), 555-571. <https://doi.org/10.5216/ia.v38i3.19451>

DELGADO, Ana Cristina Coll. MÜLLER, Fernanda. **Sociologia da infância: pesquisa com crianças**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005.

DELRIO, G. **Nossa responsabilidade para com as crianças pequenas e sua comunidade**. In: EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a experiência em Reggio Emilia em transformação*. Porto Alegre: Penso, 2016.

EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a experiência em Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 81º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 4º Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 4º Ed. São Paulo: Editora Ártica, 1991.

GAITÁN, Angel. **Protagonismo Infantil**. Seminario La Participacion de Niños y Adolescentes en el Contexto de la Convención sobre los Derechos del Niño: Visiones y Perspectivas, Bogotá, 85- 104. 1998.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Tradução de Sérgio Faraco. 8ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GALINDO, A. B. Tolerância e Complexidade: A Utopia Molesta. In: SANTOS, J. E; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. 3º Ed. São Paulo/SP: RiMa, 2016.

GANDINI, L.; GOLDBERGER, J. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, L. EDWARDS, C. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

GANDINI, L. **Histórias, ideias e princípios básicos: uma entrevista com Loris Malaguzzi**. In: EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a experiência em Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. São Paulo: Papirus, 2004.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, maio/ago. Porto Alegre: Artmed, 2004, 284p 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/TQgx5RMHkwGHdJXJtN6ynVg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24/11/2022.

JULIANO, Andreia da Costa; BERSCH, Angela Adriane; PISKE, Eliane Lima; GARCIA, Narjara Mendes; COUSIN, Claudia. **Psicomotricidade relacional na educação infantil:** relações de pertencimento e reflexões com a Educação Ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, RS, v. 33, n. 3, p. 198-212, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5832/4166> Acesso em: 27 set. 2018.

KOLLER, S. H. **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LANSDOWN, G. **¿Me haces caso?** El derecho de los niños pequeños a participar en las decisiones que los afectan. Cuadernos sobre Desarrollo Infantil Temprano, 36, 2005.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. et al. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico B; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos teóricos e metodológicos do círculo de cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. In.: LOUREIRO, Carlos Frederico B; TORRES, Juliana Rezende (Orgs.). **Educação Ambiental:** dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014, p. 155 - 180.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental transformadora. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

LISBOA, C S. M.; KOLLER, S. H. O Microssistema Escolar e os Processos Proximais: Exemplos de Investigações Científicas e Intervenções Práticas. In: KOLLER, S. H. **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. P. 337-380.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de; **Sociedade e meio ambiente:** a educação ambiental em debate. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARRE, Diana. De infancias, niños y niñas. In: Llobert Valeria. Pensar la infancia desde América Latina: Um estado de la cuestión, Valeria Llobert. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2013.

MATURANA, Romesín Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Humberto Maturana; tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MANZINI, E. J. **A Entrevista na Pesquisa Social**. Didática, São Paulo, V. 26/27. 1990/1991, p. 149-158.

MEDEIROS, Heitor. Relatos da IV Conferência Internacional de Educação Ambiental de **Ahmedabad**. [S.l.: s.n], 2007. Disponível em: <<http://zip.net/bjpMGz>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

MILLER JR., G. T. **Ciência Ambiental**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 23/06/2022.

MORIN, E. As bases internacionais para a Educação Ambiental. In: BRASIL. Ministério da Educação. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, 1998.

OLIVEIRA, Lívia. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PACHÓN, Ximena. **¿Dónde Están los niños?** Rastreado a mirada antropológica sobre la infancia. Revista Maguaré. Universidad Nacional de Colombia. Nº 23, p. 433 – 469. 2009.

PISKE, Eliane Lima; YUNES, Maria Ângela Mattar. **Instituições de acolhimento sob o olhar da criança: Que lugar é esse?** Dissertação de Mestrado publicada. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande. 2016.

PROUT, A. **Participação, políticas e as condições da infância em mudança**. In: MULLER, F. (Org.) **Infâncias em perspectiva: Políticas, Pesquisas e Educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto**. México: Editorial Norma, 2000.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente, e representação social**. São Paulo: Cortez, 2004.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 292).

RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a experiência em Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. **A Sociologia da Infância e a Sociedade Contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos**. In: ENS, R. T; GARANHANI, M. C. **Sociologia da Infância e a formação de professores**. Champagnat/Editora PUCPR: Curitiba, 2013.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. (2003). Disponível em: http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf. Acesso em: 10/03/2021.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. **Gerações e alteridade:** interrogações a partir da sociologia da infância Sociologia da infância: pesquisas com crianças". Educ. Soc. 26 (91) Ago 2005 <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>>.

SANTOS, J. E; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora.** 3º Ed. São Paulo/SP: RiMa, 2016.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade:** interrogações a partir da sociologia da infância Sociologia da infância: pesquisas com crianças" • Educ. Soc. 26 (91) • Ago 2005 <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>.

SATO, M. **Educação ambiental.** São Carlos/SP: Editora RiMa, 2004.

SILVA, A. M. M; TIRIBA, L. **Direito ao Ambiente como Direito à Vida:** desafios para a Educação em Direitos Humanos. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Luana Santos; GARCIA, Narjara Mendes. **“Pequenos indígenas” da Tekoá Pindó Mirim e os entrecruzamentos com a natureza:** contribuições para o campo da Educação Ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. v. 34, n. 1, p. 250-69, 2017.

SILVA, M. S. D. GARCIA, N. M. **Olhar Ecológico das Crianças sobre o processo de escolarização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.** Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA. Rio Grande/RS, 2017.

SILVEIRA, S. A. B.; GARCIA, N. M.; PIETRO A. T.; YUNES, M. A. M. **Inserção Ecológica:** metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção. Psicologia da Educação nº. 29, São Paulo, 2009.

STEINBERG, Shirley. KINCHELOE, Joe. 2001. Introdução. In : STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. (orgs.). **Cultura infantil :** a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.

STUMPF, Beatriz. Osorio. WOLF, Denise. Rosana. BERGAMASCHI, Maria. Aparecida. (2016). **Reflexões interculturais sobre educação ambiental indígena.** REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, 33(2), 247–267. <<https://doi.org/10.14295/remea.v33i2.5701>>.

SZYMANSKI, Heloísa. (2001). **A entrevista reflexiva.** Revista Psicologia da Educação. Disponível em:

SZYMANSKI, Heloísa. (org.); ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2004. 2ª Ed., 2008.

TIRIBA, Léa (Consultora). **Crianças da Natureza.** Ministério da Educação e do Desporto. Coordenadoria de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como Direito e Alegria.** 1ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, L. **Pré-escola popular: buscando caminhos, ontem e hoje.** 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2018.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradutora Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Arte Médicas, 1997.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Tradutora Patrícia Alba Omi. Porto Alegre: Artmed, 2005.

XAVIER, Marcelo. **Se criança governasse o mundo.** São Paulo, SP: Editora: Formato, 2003.

YUNES, M. A. M. **Psicologia Positiva e Resiliência: O foco no indivíduo e na família.** Edição especial. Psicologia em Estudo, 2003, p. 8, 75-84.

YUNES, M. A. M. Monoparentalidade, Pobreza e Resiliência: Entre as Crenças dos Profissionais e as Possibilidades da Convivência Familiar. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20 (3). 2007. P. 444-453. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a12v20n3>
Acesso em: 12/11/2022.

YUNES, M. A. M.; SZYMASNKI, H. Grounded-Theory e a entrevista reflexiva: uma associação de estratégias metodológicas qualitativas para a compreensão da resiliência em famílias. In: GALIAZZI, M. C. FREITAS, J. V. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares J, organizador. **Resiliência e educação.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, p. 13-42, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A SMED/RIO GRANDE

Prezada (o) Sr. Secretário de Educação do Município do Rio Grande,

Meu nome é Marcia Soares da Silva, sou estudante pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Junto com a professora orientadora Narjara Garcia Mendes, estamos realizando esta pesquisa intitulada “MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS E JOVENS NAS AÇÕES MICRO A MACROSSISTÊMICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS CONSTRUÍDOS DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO”.

O motivo deste contato refere-se a um convite a ser feito à alunos da rede, que participaram da “1ª Conferência Municipal Infantojuvenil de Educação Ambiental – Pertencer é preciso!” para fazer parte como voluntária(o) no processo de coleta de dados empíricos desta pesquisa solicitando, se possível, a sua participação e contribuição para estudo.

Assim, peço que assines as duas vias deste termo; uma delas é sua e a outra estará sob a posse da pesquisadora. Os dados coletados, por meio das respostas ao Questionário serão armazenados, transcritos e analisados para a produção e fundamentação da pesquisa.

A seguinte pesquisa pretende investigar como as vozes das crianças e jovens muitas vezes esquecidas e silenciadas se tornam relevantes para demonstrar e fortalecer a sua participação nas ações em diferentes ambientes, sendo assim, uma nova abordagem que proporciona novas maneiras de se pensar a criança e o jovem como ser atuante dentro na sociedade. Acredito que realizar essa entrevista com os jovens ativistas será fundamental para

compreendermos a importância suas vozes, manifestações e ações, frente aos problemas ambientais. O objetivo dessa pesquisa é trazer crianças e jovens como protagonistas das suas vidas e onde suas manifestações e ações têm surgido efeito. Será assegurado o direito a leitura e coleta de digital, caso os participantes não sejam alfabetizados.

Portanto, a Educação Ambiental deve ser construída por todos que vivenciam as problemáticas do cotidiano. Sua participação no estudo não implica compensação financeira. Todas as suas opiniões serão confidenciais e mantidas sob estrita reserva, assegurando assim sua privacidade em todas as etapas da pesquisa. Também lhe será informado sobre os resultados parciais e finais, que serão publicados em revistas científicas e eventos, mantendo, se deseja, o anonimato de sua identidade. Também garanto que você pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem implicar em nenhuma penalidade.

A participação dos jovens estudantes muito colabora para a pesquisa brasileira, especialmente no que tange à compreensão sobre a participação de crianças e jovens e suas manifestações em defesa do meio ambiente. Para a sua participação existem alguns riscos mínimos, como por exemplo, desconforto, possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, medo de não saber responder ou ser identificado. Em caso de qualquer risco prejudicial à sua saúde, eu, Marcia Soares da Silva, responsável por esta pesquisa, garantirei sua assistência IMEDIATA, INTEGRAL E GRATUITA, bem como a retirada do seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Por outro lado, como benefícios, é possível destacar a divulgação de práticas e conhecimentos que podem vir a contribuir para políticas públicas voltadas às crianças e jovens e também às questões ambientais desenvolvidas pela universidade e demais instituições formadoras.

É importante salientar algumas garantias pela participação na pesquisa:

- não haverá despesas ao participante de pesquisa com a participação;
- há a garantia de indenização ao participante caso ocorram eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- há a garantia ao participante de ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa, quando houver;
- há a garantia do anonimato, sigilo e da proteção de identidade dos participantes;

O Termo, se não for registrado de forma física, o participante poderá ter acesso ao registro do consentimento ou do assentimento sempre que solicitado.

Caso precise de mais informações, deixamos os seguintes contatos:

- a) Pesquisadora: Marcia Soares da Silva (Tel: 53-991599886); b) email: marcia.s.furg@gmail.com). Endereço: Estrada Roberto Socoowski, nº 881, bloco 21, Apto 603. CEP 96202-760, Rio Grande- RS; c) Comitê de Ética e Pesquisa (CEP-FURG), endereço: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS, prédio das Pró-Reitorias, segundo andar-Propesp da Universidade (Tel: 53-32373013, e-mail: cep@furg.br). O Comitê de Ética e Pesquisa é responsável por analisar a aprovação ética de todas as pesquisas realizadas com seres humanos, garantindo o respeito à identidade, integridade, dignidade, prática de solidariedade e justiça social.

DECLARAÇÃO DA (O) PARTICIPANTE

_____, autoriza a participação de estudantes da rede para participar do estudo “Manifestações das crianças e jovens nas ações micro a macrossistêmicas em Educação Ambiental: caminhos construídos da participação ao protagonismo”. em minha pesquisa. Eu, Marcia Soares da Silva, pesquisadora, e Narjara Mendes Garcia, orientadora da pesquisa, informamos os objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. O Sr. Secretário esclareceu suas dúvidas e recebeu uma das duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido. Ele(a) está comunicada(o) que poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Leu e concordou em participar da pesquisa.

Local e data: _____

Nome: _____

Assinatura da(o) Sr. Secretário de Educação _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES

Prezada (o) participante,

Meu nome é Marcia Soares da Silva, sou estudante pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Junto com a professora orientadora Narjara Garcia Mendes, estamos realizando esta pesquisa intitulada “MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS E JOVENS NAS AÇÕES MICRO A MACROSSISTÊMICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS CONSTRUÍDOS DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO”.

O motivo deste contato refere-se a um convite a ser feito à você, para fazer parte como voluntária(o) no processo de coleta de dados empíricos desta pesquisa solicitando, se possível, a sua participação e contribuição para estudo.

Assim, peço que assines as duas vias deste termo; uma delas é sua e a outra estará sob a posse da pesquisadora. Os dados coletados, por meio das respostas ao Questionário serão armazenados, transcritos e analisados para a produção e fundamentação da pesquisa.

A seguinte pesquisa pretende investigar como as vozes das crianças e jovens muitas vezes esquecidas e silenciadas se tornam relevantes para demonstrar e fortalecer a sua participação nas ações em diferentes ambientes, sendo assim, uma nova abordagem que proporciona novas maneiras de se pensar a criança e o jovem como ser atuante dentro na sociedade. Acredito que realizar essa entrevista com os jovens ativistas será fundamental para compreendermos a importância suas vozes, manifestações e ações, frente aos problemas ambientais. O objetivo dessa pesquisa é trazer crianças e jovens como protagonistas das suas

vidas e onde suas manifestações e ações têm surgido efeito. Será assegurado o direito a leitura e coleta de digital, caso os participantes não sejam alfabetizados.

Portanto, a Educação Ambiental deve ser construída por todos que vivenciam as problemáticas do cotidiano. Sua participação no estudo não implica compensação financeira. Todas as suas opiniões serão confidenciais e mantidas sob estrita reserva, assegurando assim sua privacidade em todas as etapas da pesquisa. Também lhe será informado sobre os resultados parciais e finais, que serão publicados em revistas científicas e eventos, mantendo, se deseja, o anonimato de sua identidade. Também garanto que você pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem implicar em nenhuma penalidade.

A sua participação muito colabora para a pesquisa brasileira, especialmente no que tange à compreensão sobre a participação de crianças e jovens e suas manifestações em defesa do meio ambiente. Para a sua participação existem alguns riscos mínimos, como por exemplo, desconforto, possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, medo de não saber responder ou ser identificado. Em caso de qualquer risco prejudicial à sua saúde, eu, Marcia Soares da Silva, responsável por esta pesquisa, garantirei sua assistência IMEDIATA, INTEGRAL E GRATUITA, bem como a retirada do seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Por outro lado, como benefícios, é possível destacar a divulgação de práticas e conhecimentos que podem vir a contribuir para políticas públicas voltadas às crianças e jovens e também às questões ambientais desenvolvidas pela universidade e demais instituições formadoras.

É importante salientar algumas garantias pela participação na pesquisa:

- não haverá despesas ao participante de pesquisa com a participação;
- há a garantia de indenização ao participante caso ocorram eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- há a garantia ao participante de ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa, quando houver;
- há a garantia do anonimato, sigilo e da proteção de identidade dos participantes;

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se não for registrado de forma física, o participante poderá ter acesso ao registro do consentimento ou do assentimento sempre que solicitado.

Caso precise de mais informações, deixamos os seguintes contatos:

a) Pesquisadora: Marcia Soares da Silva (Tel: 53-991599886); b) email: marcia.s.furg@gmail.com). Endereço: Estrada Roberto Socoowski, nº 881, bloco 21, Apto 603. CEP 96202-760, Rio Grande- RS; c) Comitê de Ética e Pesquisa (CEP-FURG), endereço: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS, prédio das Pró-Reitorias, segundo andar-Propesp da Universidade (Tel: 53-32373013, e-mail: cep@furg.br). O Comitê de Ética e Pesquisa é responsável por analisar a aprovação ética de todas as pesquisas realizadas com seres humanos, garantindo o respeito à identidade, integridade, dignidade, prática de solidariedade e justiça social.

Você concorda em participar?

DECLARAÇÃO DA (O) PARTICIPANTE

_____, concorda em participar do estudo “Manifestações das crianças e jovens nas ações micro a macrosistêmicas em Educação Ambiental: caminhos construídos da participação ao protagonismo”. Eu, Marcia Soares da Silva, pesquisadora, e Narjara Mendes Garcia, orientadora da pesquisa, informamos os objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. O participante esclareceu suas dúvidas e recebeu uma das duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido. Ele(a) está comunicada(o) que poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Leu e concordou em participar da pesquisa.

Local e data: _____

Nome: _____

Assinatura da(o) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS/RESPONSÁVEIS DOS PARTICIPANTES

Prezada (o) responsável do participante,

Meu nome é Marcia Soares da Silva, sou estudante pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Junto com a professora orientadora Narjara Garcia Mendes, estamos realizando esta pesquisa intitulada “MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS E JOVENS NAS AÇÕES MICRO A MACROSSISTÊMICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS CONSTRUÍDOS DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO”.

O motivo deste contato refere-se a um convite a ser feito a seu filho(a), para fazer parte como voluntária(o) no processo de coleta de dados empíricos desta pesquisa solicitando, se possível, a sua participação e contribuição para estudo.

Assim, peço que assines as duas vias deste termo; uma delas é sua e a outra estará sob a posse da pesquisadora. Os dados coletados, por meio das respostas ao Questionário serão armazenados, transcritos e analisados para a produção e fundamentação da pesquisa.

A seguinte pesquisa pretende investigar como as vozes das crianças e jovens muitas vezes esquecidas e silenciadas se tornam relevantes para demonstrar e fortalecer a sua participação nas ações em diferentes ambientes, sendo assim, uma nova abordagem que proporciona novas maneiras de se pensar a criança e o jovem como ser atuante dentro na sociedade. Acredito que realizar essa entrevista com os jovens ativistas será fundamental para compreendermos a importância suas vozes, manifestações e ações, frente aos problemas ambientais. O objetivo dessa pesquisa é trazer crianças e jovens como protagonistas das suas

vidas e onde suas manifestações e ações têm surgido efeito. Será assegurado o direito a leitura e coleta de digital, caso os participantes não sejam alfabetizados.

Portanto, a Educação Ambiental deve ser construída por todos que vivenciam as problemáticas do cotidiano. A participação de seu (a) filho (a) no estudo não implica compensação financeira. Todas as suas opiniões serão confidenciais e mantidas sob estrita reserva, assegurando assim a sua privacidade em todas as etapas da pesquisa. Também lhe será informado sobre os resultados parciais e finais, que serão publicados em revistas científicas e eventos, mantendo, se deseja, o anonimato de sua identidade. Também garanto que você pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem implicar em nenhuma penalidade.

A participação dele (a) muito colabora para a pesquisa brasileira, especialmente no que tange à compreensão sobre a participação de crianças e jovens e suas manifestações em defesa do meio ambiente. Para a sua participação existem alguns riscos mínimos, como por exemplo, desconforto, possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, medo de não saber responder ou ser identificado. Em caso de qualquer risco prejudicial à sua saúde, eu, Marcia Soares da Silva, responsável por esta pesquisa, garantirei sua assistência IMEDIATA, INTEGRAL E GRATUITA, bem como a retirada do seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Por outro lado, como benefícios, é possível destacar a divulgação de práticas e conhecimentos que podem vir a contribuir para políticas públicas voltadas às crianças e jovens e também às questões ambientais desenvolvidas pela universidade e demais instituições formadoras.

É importante salientar algumas garantias pela participação na pesquisa:

- não haverá despesas ao participante de pesquisa com a participação;
- há a garantia de indenização ao participante caso ocorram eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- há a garantia ao participante de ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa, quando houver;
- há a garantia do anonimato, sigilo e da proteção de identidade dos participantes;

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se não for registrado de forma física, o participante poderá ter acesso ao registro do consentimento ou do assentimento sempre que solicitado.

Caso precise de mais informações, deixamos os seguintes contatos:

a) Pesquisadora: Marcia Soares da Silva (Tel: 53-991599886); b) email: marcia.s.furg@gmail.com). Endereço: Estrada Roberto Socoowski, nº 881, bloco 21, Apto 603. CEP 96202-760, Rio Grande- RS; c) Comitê de Ética e Pesquisa (CEP-FURG), endereço: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS, prédio das Pró-Reitorias, segundo andar-Propesp da Universidade na que estudo (Tel: 53-32373013, e-mail: cep@furg.br). O Comitê de Ética e Pesquisa é responsável por analisar a aprovação ética de todas as pesquisas realizadas com seres humanos, garantindo o respeito à identidade, integridade, dignidade, prática de solidariedade e justiça social.

Você concorda que seu filho (a) participe?

DECLARAÇÃO DA (O) PARTICIPANTE

_____, concorda que seu filho(a) participe do estudo “Manifestações das crianças e jovens nas ações micro a macrossistêmicas em Educação Ambiental: caminhos construídos da participação ao protagonismo”. Eu, Marcia Soares da Silva, pesquisadora, e Narjara Mendes Garcia, orientadora da pesquisa, informamos os objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. O responsável pelo participante esclareceu suas dúvidas e recebeu uma das duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido. Ele(a) está comunicada(o) que poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Leu e concordou em participar da pesquisa.

Local e data: _____

Nome: _____

Assinatura da(o) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE D



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para crianças e adolescentes (maiores que 6 anos e menores de 18 anos) e para legalmente incapaz.

O assentimento informado para a criança/adolescente não substitui a necessidade de consentimento informado dos pais e/ou responsáveis. O assentimento assinado pela criança demonstra a sua cooperação na pesquisa.

Olá! Você está sendo convidado a participar da pesquisa “MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS E JOVENS NAS AÇÕES MICRO A MACROSSISTÊMICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS CONSTRUÍDOS DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO”, realizada por Marcia Soares da Silva, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental/FURG, o telefone para contato é: (53) 991599886, juntamente com a professora orientadora Narjara Garcia Mendes. Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo.

A seguinte pesquisa pretende investigar como as vozes das crianças e jovens muitas vezes esquecidas e silenciadas se tornam relevantes para demonstrar e fortalecer a sua participação nas ações em diferentes ambientes, sendo assim, uma nova abordagem que proporciona novas maneiras de se pensar a criança e o jovem como ser atuante dentro na sociedade. Acredito que realizar essa entrevista com os jovens ativistas será fundamental para compreendermos a importância suas vozes, manifestações e ações, frente aos problemas ambientais. O objetivo dessa pesquisa é trazer crianças e jovens como protagonistas das suas vidas e onde suas manifestações e ações têm surgido efeito. Será assegurado o direito a leitura e coleta de digital, caso os participantes não sejam alfabetizados.

Para a sua participação existem alguns riscos mínimos, que preciso te falar, como por exemplo, desconforto, possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados, medo de não saber responder ou ser identificado. Em caso de qualquer risco prejudicial à sua saúde, eu, Marcia Soares da Silva, responsável por esta pesquisa, garantirei

sua assistência IMEDIATA, INTEGRAL E GRATUITA, bem como a retirada do seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Por outro lado, como benefícios, é possível destacar a divulgação de práticas e conhecimentos que podem vir a contribuir para políticas públicas voltadas às crianças e jovens e também às questões ambientais desenvolvidas pela universidade e demais instituições formadoras.

É importante salientar algumas garantias pela participação na pesquisa:

- não haverá despesas ao participante de pesquisa com a participação;
- há a garantia de indenização ao participante caso ocorram eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- há a garantia ao participante de ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa, quando houver;
- há a garantia do anonimato, sigilo e da proteção de identidade dos participantes;

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) responsável por esta pesquisa, **a)** pesquisadora: Marcia Soares da Silva (Tel: 53-991599886); **b)** email: marcia.s.furg@gmail.com). Endereço: Estrada Roberto Socoowski, nº 881, bloco 21, Apto 603. CEP 96202-760, Rio Grande- RS; **c)** Comitê de Ética e Pesquisa (CEP-FURG), endereço: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS, prédio das Pró-Reitorias, segundo andar-Propesp da FURG na qual eu estudo (Tel: 53-32373013, e-mail: cep@furg.br). O Comitê de Ética e Pesquisa é responsável por analisar a aprovação ética de todas as pesquisas realizadas com seres humanos, garantindo o respeito à identidade, integridade, dignidade, prática de solidariedade e justiça social.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa
 “MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS E JOVENS NAS AÇÕES MICRO A
 MACROSSISTÊMICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS CONSTRUÍDOS

DA PARTICIPAÇÃO AO PROTAGONISMO”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar “de cara” comigo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Rio Grande, ____ de ____ de ____.

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa.